

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO
HUMANO**

Raquel da Silveira

**Esporte, homossexualidade e amizade:
estudo etnográfico sobre o associativismo no
futsal feminino**

Porto Alegre

2008

Raquel da Silveira

**Esporte, homossexualidade e amizade:
estudo etnográfico sobre o associativismo no
futsal feminino**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano – Representações sociais do movimento humano.

Orientador: Marco Paulo Stigger

Porto Alegre

2008

CATALOGAÇÃO NA FONTE

S587e Silveira, Raquel da
Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino. / Raquel da Silveira. - Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
156 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2008.

1. Esporte. 2. Lazer. 3. Gênero: mulheres. 4. Homossexualidade. I. Título. II. Stigger, Marco Paulo, orientador.

CDU: 796-055.2

**“A vida intelectual é feita de idas e vindas, de
incessantes bricolagens”**

Michelle Perrot, 2005, p. 15

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao time investigado por aceitarem-me como pesquisadora e quebrarem muitos dos meus paradigmas.

Valeu Time... 10 palmas e ½ para todas e todos!

Ao Stigger, pelas incansáveis ajudas e magnífica orientação.
Muito obrigada Stigger... Contigo aprendi que um estudo se faz com apenas 1% de inspiração e 99% de trabalho. Se no início eu não acreditava na minha capacidade você me mostrou que é possível! Fico sem palavras para expressar o quanto você representa na minha vida. Tenho muito orgulho de ser sua orientanda.

Ao Grupo GESEF, pelos debates e conversas.
Luis Eduardo Thomassim, Fernando González; Ileana Wenez, Billy Graeff, Fernando Rieth, Carlos Fabre Miranda, Leandro Forell, Edson Bertuol e Shin Nishimura, vocês me ajudaram muito. Se chorei frente às críticas, acreditem, elas foram levadas em consideração e me ajudaram melhorar o trabalho.

Aos meus pais, Daltro e Jusara, que - ao longo de toda a vida - não mediram esforços para proporcionarem as condições necessárias para eu ir sempre em busca dos meus objetivos.

Mãe e pai ... muito obrigada por tudo. Amo muito vocês!

Ao Paulo, pela compreensão.
Paulo muito obrigada pela ajuda nos momentos que precisei... Você é uma pessoa maravilhosa! Te amo!

A CAPES, pela ajuda financeira e
Ao PPGCMH pela oportunidade de realizar este estudo.

RESUMO

ESPORTE, HOMOSSEXUALIDADE E AMIZADE: ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE O ASSOCIATIVISMO NO FUTSAL FEMININO

Autora: Raquel da Silveira

Orientador: Dr. Marco Paulo Stigger

Neste estudo, me propus a discutir o associativismo esportivo de mulheres em esportes que são ditos masculinos. Para tanto, optei em fazer uma investigação etnográfica em um time de futsal feminino da cidade de Porto Alegre. Realizei 51 idas a campo (treinos, jogos oficiais e atividades extraquadra) e dezessete entrevistas. A equipe investigada era formada por dezessete jogadoras, um técnico e sete pessoas que a acompanham sistematicamente. As praticantes, com idades entre dezesseis a 41 anos, tinham características sócio-econômicas heterogêneas. Como o associativismo é um conceito que remete à sociação de pessoas para determinado fim, surgiu-me um questionamento: como e porque mulheres se associam para praticar um esporte socialmente considerado masculino? Constatei, então, a partir das observações feitas, que três aspectos eram os principais para que o associativismo estudado fosse mantido, a saber: o esporte, a homossexualidade e a amizade. O esporte, nesse time, apresentava características muitas vezes vistas como opostas, mas que nele se tornaram complementares: brincadeira e seriedade; lazer e trabalho, utilidade lúdica e utilidade pública, valor de uso e valor de troca. Em relação à categoria “homossexualidade”, identifiquei três aspectos importantes: o gerenciamento da visibilidade da opção homossexual por parte das pesquisadas dentro e fora do universo do futsal; um tipo de feminilidade sendo objeto de distinção entre a equipe investigada e outras equipes da grande Porto Alegre; o futsal como um espaço de lazer para as mulheres homossexuais em questão. Na discussão da categoria amizade, realizei uma análise que mostrou aproximações e distanciamentos das informações obtidas nesta pesquisa com estudos do campo da filosofia, com foco nesse tema. Verifiquei, ainda, que as relações de amizade nesse time eram duradouras, e, em certa medida, proporcionam uma *ascese* aos

indivíduos. Para finalizar, destaquei que a principal contribuição trazida por este estudo foi a riqueza das informações empíricas – obtidas através da etnografia – que tiveram a capacidade não só de surpreender como, também, de desestabilizar saberes, muitas vezes, nem questionados.

Palavras chaves: lazer; gênero; mulheres; esporte; homossexualidade; amizade.

ABSTRACT

SPORT, HOMOSEXUALITY AND FRIENDSHIP: ETHNOGRAFIC STUDY ON ASSOCIATIVISM IN WOMEN FUTSAL

Author: Raquel da Silveira

Adviser: Dr. Marco Paulo Stigger

In this study I intended to discuss the sports associativism of women in so-called men sports. Therefore, I chose to make an ethnographic investigation on a women's futsal team of the city of Porto Alegre. I performed 51 field trips (training sessions, official matches and off-court activities) and 17 interviews. The investigated group was formed by 17 players, 1 coach and 7 people who systematically follow the team. The practitioners, ages between 16 and 41, had heterogeneous socioeconomic characteristics. Since associativism is a concept related to the association of people for a certain end, a question arose to me: how and why do women associate to practice a sport socially considered to be masculine? From the observation I discovered that three main aspects maintain the studied associativism, namely: sport, homosexuality and friendship. The sport, in this team, presented characteristics that many times are seen as opposite, but are complementary in this case: play and seriousness; leisure and work; public use and ludic use; use value and trade value. In relation to the category "homosexuality" I could identify three important aspects: the management of the visibility of the sexual orientation on the part of the researched team in and out of the futsal universe; a kind of femininity as object of distinction among the investigated team and other teams of the Great Porto Alegre; the futsal as a space of leisure for the homosexual women at issue. In the discussion of the category "friendship", I made an analysis that showed approximations and separations of the information obtained by the research with studies on the field of philosophy, focusing on this subject. I also verified that the relations of friendship in this team are lasting, and in a certain way provide an *ascesis* to the individual. In conclusion I highlighted that the main contribution made by this study was the value of the

empirical information – obtained through ethnography – that not only surprised but also challenged knowledges that many times are not questioned.

Key words: leisure; gender; women; sport; homosexuality; friendship

RESUMEN

DEPORTE, HOMOSEXUALIDAD Y AMISTAD: ESTUDIO ETNOGRÁFICO SOBRE EL ASOCIATIVISMO EN EL FUTSAL FEMENINO

Autora: Raquel da Silveira

Orientador: Dr. Marco Paulo Stigger

En este estudio, me propuse discutir el asociativismo deportivo de mujeres en deportes que son dichos masculinos. Para tanto, opte en hacer una investigación etnográfica en un equipo de futsal femenino de la ciudad de Porto Alegre. Realice 51 idas a campo (entrenamientos, juegos oficiales y actividades extra-cancha) y 17 entrevistas. El equipo investigado era formado por 17 jugadoras, un técnico y siete personas que lo acompañan sistemáticamente. Las practicantes, con edades entre 16 a 41 años, tenían características socio-económicas heterogéneas. Como el asociativismo es un concepto que remete a la asociación de personas para determinado fin, me surgió un cuestionamiento: como y porque mujeres se asocian para practicar un deporte socialmente considerado masculino? Constate, entonces, a partir de las observaciones hechas, que tres aspectos eran los principales para que el asociativismo estudiado fuese mantenido, a saber: el deporte, la homosexualidad y la amistad. El deporte, en ese equipo, presentaba características muchas veces vistas como opuestas, pero que en el tornaronse complementares: juego y seriedad; recreación y trabajo, utilidad lúdica e utilidad pública, valor de uso y valor de cambio. En relación a la categoría "homosexualidad", identifiqué tres aspectos importantes: el gerenciamiento de la visibilidad de la opción homosexual por parte de las investigadas dentro y fuera del universo del futsal; un tipo de feminidad siendo objeto de distinción entre el equipo investigado y otras equipos de la gran Porto Alegre; el futsal como un espacio de recreación para las mujeres homosexuales en cuestión. En la discusión de la categoría amistad, realice una análisis que mostró aproximaciones y distanciamientos de las informaciones obtenidas en esta investigación con estudios del campo de la filosofía, con foco en ese tema. Verifique, aún, que las relaciones de amistad en ese equipo eran duradoras, y, en

cierta medida, proporcionan una *ascese* a los individuos. Para finalizar, destaque que la principal contribución traida por este estudio fue la riqueza de las informaciones empíricas – obtenidas a través de la etnografía – que tuvieron la capacidad no solo de sorprender como, también, de desestabilizar saberes, muchas veces, ni cuestionados.

Palabras claves: recreación; género; mujeres; deporte; homosexualidad; amistad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização deste estudo no campo dos esportes	37
Figura 2: Localização deste estudo no campo dos esportes e suas relações com o conceito de gênero	38
Figura 3: Faixa do Campeonato Municipal de Futsal	45
Figura 4: Estrutura dos diários de campo	49
Figura 5: Os componentes da equipe	50
Figura 6: Tópicos do orkut	54
Figura 7: Entrevistas realizadas	56
Figura 8: Representação gráfica das relações técnico-afetivas do Time. . .	66
Figura 9: Elementos sustentadores do associativismo das mulheres investigadas	67
Figura 10: Copa do Brasil de Futebol Feminino	70
Figura 11: As unhas	77
Figura 12: Dividida de bola em um jogo.	77
Figura 13: Chuteiras e tatuagem rosa	78
Figura 14: Primeira hora do treino	82
Figura 15: Segundo momento do treino.	82
Figura 16: Jogo do Municipal	89
Figura 17: Torcida do time investigado	89
Figura 18: Jogo do Torneio	90
Figura 19: Chegando ao local do jogo	90
Figura 20: A entrega do fardamento	91
Figura 21: Graciele e sua filha	92
Figura 22: Laura, usando muletas, assistindo um jogo oficial	92
Figura 23: Helena com a perna engessada brincando com a bola em um jogo oficial	92
Figura 24: Retirada dos inúmeros anéis que muitas delas usam	93
Figura 25: Pequena reunião antes de entrar em quadra.	93
Figura 26: Grito de guerra	94
Figura 27: Informações sobre os eventos em que o time investigado participou	95

Figura 28: Descontração no aquecimento dos jogos oficiais	96
Figura 29: Momento de descontração	96
Figura 30: Representação da gangorra em equilíbrio	100
Figura 31: Representação gráfica da gangorra destacando características do esporte de lazer	101
Figura 32: Representação gráfica da gangorra destacando características do esporte de rendimento	102

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1: MULHERES NOS ESPORTES	21
1.1. APONTAMENTOS SOBRE O CONCEITO DE GÊNERO	21
1.2. ESPORTES SOCIALMENTE CONSIDERADOS MASCULINOS	29
1.3. DEMARCAÇÃO DESTE ESTUDO	35
CAPÍTULO 2: ETNOGRAFIA: UM FAZER ARTESANAL	40
2.1 O PRIMEIRO CONTATO COM O GRUPO INVESTIGADO: DAS COINCIDÊNCIAS À ESCOLHA.	44
2.2. COMO FOI REALIZADA ESTA PESQUISA ETNOGRÁFICA	49
CAPÍTULO 3: ESPORTE, HOMOSSEXUALIDADE E AMIZADE: ELEMENTOS IMPORTANTES DO ASSOCIATIVISMO DAS MULHERES INVESTIGADAS	59
3.1. ASPECTOS GERAIS DO TIME.	63
CAPÍTULO 4: “EU GOSTO É DE JOGAR!”: DISCUSSÕES NO CAMPO DA SOCIOLOGIA DO ESPORTE	68
4.1. O FUTEBOL FEMININO VISTO A PARTIR DO MASCULINO.	68
4.2. DIVERTIMENTO E SERIEDADE PRESENTES NO FUTSAL AMADOR FEMININO	80
4.2.1. O TREINO	80
4.2.2. JOGOS OFICIAIS	89
4.2.3. SIGNIFICADOS DO ESPORTE PARA AS PRATICANTES: UM <i>CONTÍNUUM</i>	97
CAPÍTULO 5: FUTSAL FEMININO E SUAS RELAÇÕES COM O UNIVERSO DA HOMOSSEXUALIDADE FEMININA	103
5.1. VISIBILIDADES E INVISIBILIDADES DA HOMOSSEXUALIDADE NO FUTSAL	105

5.2. TIPOS DE FEMINILIDADES DE MULHERES HOMOSSEXUAIS SENDO OBJETO DE DISTINÇÃO	109
5.3. O ESPAÇO DO FUTSAL COMO UM ESPAÇO DE LAZER PARA AS MULHERES HOMOSSEXUAIS	113
CAPÍTULO 6: RELAÇÕES DE AMIZADE ENTRE ALGUNS INTEGRANTES DO TIME	118
6.1. AMIZADE ENQUANTO EXERCÍCIO DO POLÍTICO: “EU TENHO MUITOS CONHECIDOS E POUCOS AMIGOS”	121
6.1.1. “É UM AMIGO, É UM IRMÃO”: IDEOLOGIA FAMILIARISTA NAS RELAÇÕES DE AMIZADE	124
6.1.2. SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS, APRENDIZAGENS E CONFLITOS	126
6.2. AMIZADE INVESTIGADA: LONGE DAS FRAGILIDADES DOS LAÇOS HUMANOS E PROXIMO DA EXPERIMENTAÇÃO DE NOVAS FORMAS DE SOCIABILIDADE	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERENCIAIS	139
APÊNDICE	147
1.1. ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE O ESPORTE	148
1.2. ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE HOMOSSEXUALIDADE	151
1.3. ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE AMIZADE	152
1.4. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	153
ANEXOS	156
UM PRESENTE DE UMA <i>AMIGA</i>	156

INTRODUÇÃO

Fazer o que se gosta é um dos pré-requisitos para se colocar o máximo de esforço nesse fazer. O artesanato, para mim, é um dentre esses fazeres. Passo horas e horas envolvida com o planejamento, visualização de peças prontas, compra de materiais, fabricação, re-fabricação e com algumas possíveis finalizações; mas, confesso, dificilmente considero-o acabado. Na maioria das vezes, sobram materiais que poderiam ter sido utilizados ou faltam alguns detalhes para as peças ficarem prontas. Mesmo assim, essas peças *quase* acabadas possuem grande significado para mim. Com certeza, me ajudam a visualizar outras tantas com maior sensibilidade e, também, a compreendê-las um pouco mais.

O presente estudo se assemelha a uma peça artesanal que surgiu de uma oportunidade de *fazer* o que se gosta e com a qual muito me envolvi. Desde o momento em que comecei a pensar na possível realização desta investigação, considerei-a o meu artesanato mais delicado, frágil e imprevisível. Delicado por não depender apenas de mim. Frágil por possuir materiais que não são comprados e meramente escolhidos, mas que foram lentamente observados e interpretados. E imprevisível porque a cada novo material que obtive novas idéias surgiam e novas formas podiam ser criadas. Mas o principal motivo que me fez ver este estudo como um artesanato é o fato de ele ser etnográfico. São várias as suas características que permitem falar de uma etnografia artesanal¹. Dentre elas se encontram o fato desse tipo de estudo não poder ser repetido, pois os fatos sociais analisados não se reproduzem; o fato de o estudo ser sempre uma interpretação da *realidade* que, querendo ou não, se entrelaça com o ponto de vista do pesquisador; e o fato de cada estudo possuir suas peculiaridades no modo de fazer, não havendo, portanto, um protocolo a ser seguido.

A etapa inicial deste estudo surgiu no final do primeiro semestre do mestrado (junho de 2006), na cadeira “Teorias da cultura”, ministrada por Rubem George Oliven e oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS. A proposta da avaliação dessa disciplina era a de fazer uma

¹ Alguns autores já se referiram a etnografia como um trabalho artesanal: ver Peirano (1995) e Da Matta (1978).

monografia sobre algum tema que, em primeiro lugar, não tivesse nenhuma relação com o projeto de dissertação que se pretendia desenvolver no mestrado² e, em segundo, que fosse um tema atraente para o aluno.

Essa premissa me induziu a desenvolver um estudo em que o tema seria mulheres e futebol. Sempre gostei desse esporte, embora minha participação nesse universo tivesse sido, até o momento, unicamente na função de torcedora. Logo, pesquisar sobre futebol seria um desafio atraente e prazeroso. Entre outras possibilidades, optei em realizar uma discussão sobre as reportagens que articulistas mulheres do jornal Folha de São Paulo realizaram durante a Copa do Mundo de 2006³. Ao realizar essa monografia, tive contato com muitos referenciais teóricos cuja finalidade era discutir a presença de mulheres em esportes socialmente considerados masculinos. A leitura desse material fez com que aumentassem minhas indagações e meu interesse sobre o tema.

Meu orientador - com quem eu já vinha discutindo acerca dos limites e possibilidades de realizar um estudo sobre os “Jogos Gauchescos” - acompanhou a elaboração daquele estudo e, percebendo meu interesse pela temática, propôs que eu continuasse a discutir, ao longo do mestrado, mulheres em esportes ditos masculinos. Foi isso que me fez, após a conclusão da monografia sobre mulheres e futebol, iniciar esta pesquisa. Mesmo havendo uma distância do meu projeto inicial de mestrado e de minhas experiências acadêmicas (em especial pela temática “gênero”), o tema se aproximava de uma esfera muito familiar em minha vida, ou seja, a prática de um esporte socialmente considerado masculino: o karatê. Durante 14 anos pratiquei Karatê, na maior parte, junto a praticantes homens.

Percebi, em diversas situações, que a minha opção por um esporte dito masculino desacomodava valores e regras no contexto onde vivia. Um exemplo disso era a relação que minha mãe fazia com minha prática de Karatê. Ela não gostava do meu convívio contínuo com a “turma” daquele esporte; segundo ela,

² Meu projeto inicial de mestrado estava relacionado aos “Jogos Gauchescos: cultura gaúcha e a construção de identidade social através dos significados da prática lúdico-esportiva em diferentes espaços urbanos”.

³ O estudo está publicado na revista Pensar a Prática, volume 10, n° 1, jan - jun, 2007, p. 133 – 152.

estar nesse universo me fazia ser masculina. Ela queria que eu fosse mais vaidosa e trocasse minhas roupas esportivas por outras *mais femininas*, pois eu parecia mais um integrante da turma de Karatê do que uma menina. Porém, essa desconforto não estava presente na minha relação com o contexto do karatê. O significado dessa prática e o convívio com pessoas que ela me proporcionava se entrelaçavam com diversos sentimentos, como o de pertencimento e de amizade com esse grupo social. Isso também me proporcionava uma tensão agradável, como diriam Elias e Dunning (1992), além de me colocar diante dos desafios que esse contexto apresentava: a disciplina, o respeito, a superação física e emocional, a vitória, a derrota... Portanto, se a minha inserção em um esporte dito masculino *rompia* com alguns valores sociais e parecia incomodar algumas pessoas, o significado que eu atribuía ao universo do karatê abrangia outros elementos.

Em que pese essas considerações, destaco que apresentar aspectos da minha vivência no karatê, nessa introdução, se destina a esclarecer minhas relações com a temática e não justificar a realização da investigação. A justificativa centra-se, principalmente, na pouca *participação* das mulheres em alguns esportes, em especial naqueles ditos masculinos, se comparada com os homens.

Também a existência de poucos estudos que se destinam a compreender a presença das mulheres nesses esportes é um aspecto que me impulsionou a realizar esta investigação. Isto porque, além de pouco, a maior parte do que existe sobre o tema se atém a discutir o lugar das mulheres nos esportes ditos masculinos, mas quando estes esportes são praticados por homens. Eles analisam as mulheres num lugar periférico do contexto esportivo (aquela que *torce* pelo marido, por exemplo). Nesses estudos não são discutidos os momentos em que as mulheres são efetivamente *as praticantes* desses esportes.

A tentativa de compreender a prática esportiva feminina em esportes socialmente considerados masculinos me conduziu a outro tema, que também faz parte do recorte desta investigação: o lazer esportivo de mulheres. Entendendo que, especialmente sob o ponto de vista do lazer, a participação das mulheres nos esportes tem peculiaridades a serem investigadas, minha preocupação

voltou-se, então, a apreender de que maneira acontecia o associativismo esportivo de mulheres no contexto do lazer, algo sobre o que também há poucos estudos.

Para tanto, apresento, no primeiro capítulo, intitulado “Mulheres nos esportes”, alguns elementos da história, do cotidiano e de estudos na área do esporte que evidenciam a pouca participação das mulheres se comparada à dos homens. Após, cito alguns estudos que se destinam a discutir o conceito de gênero que considero um pressuposto desta investigação. Partindo desses elementos, construo um quadro com o objetivo de localizar esta investigação dentro do campo dos esportes e, também, de justificar a importância de compreender o associativismo feminino em esportes considerados socialmente masculinos.

No segundo capítulo, “Etnografia: um fazer artesanal”, descrevo a maneira com que esta pesquisa foi realizada. Apresento, inclusive, uma discussão sobre o fazer etnográfico, priorizando as questões pertinentes a este estudo. Descrevo, também, como se desenrolou o processo de escolha do time investigado e aspectos da relação pesquisado-pesquisador durante o tempo de observação. Nesse período, foram realizados 51 diários de campo de dezessete entrevistas para obtenção de informações, além da utilização de e-mails e do programa de relacionamento “orkut”.

O terceiro capítulo - denominado “Esporte, homossexualidade e amizade: elementos importantes do associativismo das mulheres investigadas” - tem o objetivo de realizar uma análise feita a partir das informações obtidas em campo. Inicialmente, discorro brevemente sobre o conceito de associativismo, e após, apresento uma descrição geral do time escolhido. Para concluir, destaco três categorias que identifiquei como centrais no associativismo investigado: o esporte, a homossexualidade e a amizade.

O quarto, quinto e sexto capítulo abordam, respectivamente, cada categoria destacada no terceiro capítulo. Sobre o esporte a questão que pauta a discussão fala sobre os significados atribuídos ao futsal pelas praticantes. Destaco, nessa discussão que, para compreender o esporte praticado pelas investigadas, é preciso considerar tanto as características do esporte de lazer quanto as do esporte de rendimento, pois ambas estão presentes nos treinos e

jogos do Time (time escolhido), sendo que, por momentos, algumas delas sobressaem.

Em relação à categoria “homossexualidade” destacada no associativismo estudado, há três aspectos importantes: primeiro, o gerenciamento da visibilidade da opção homossexual por parte das jogadoras fora e dentro do universo do futsal; segundo, um tipo de feminilidade sendo objeto de distinção entre a equipe investigada e outras equipes da grande Porto Alegre; e terceiro, o futsal sendo um espaço de lazer para mulheres homossexuais.

A categoria amizade, outro sustentáculo do associativismo investigado, foi abordada numa perspectiva diferenciada se comparada às anteriores. Identifiquei, nos estudos sociológicos e antropológicos consultados, poucas discussões sobre a temática. Então, busquei na área filosófica um embasamento teórico para a análise das informações obtidas. Baseada nisso, proponho uma aproximação das relações de amizade, observadas no Time, com aspectos da teoria desenvolvida por Ortega (1999, 2000, 2002) e estabeleci um distanciamento da perspectiva de Bauman “sobre fragilidade dos laços humanos” (2004, p. 3).

Para finalizar esse estudo, apresento as considerações finais em que, ao retomar a metáfora do artesanato, evidencio uma característica da minha experiência, e, quem sabe, a dos trabalhos etnográficos: incapacidade de finalizar. Se no início desta introdução expus que sempre *sobram* materiais em minhas peças artesanais, neste estudo também sobraram dados que foram coletados e não foram tratados com a profundidade que mereciam. Contudo, espero que o limite desta investigação, não desqualificando o que foi problematizado e analisado, sirva como reflexão para as temáticas aqui abordadas.

CAPÍTULO 1

MULHERES NOS ESPORTES

Nos séculos XVIII e XIX, o esporte e a ginástica foram inventados pelo homem e para o homem, eles desenvolveram as atividades, práticas e performances esportivas de acordo com suas próprias necessidades e ideais.

(...)

Hoje, o esporte ainda é um mundo masculino, mas as mulheres estão fazendo sentir sua presença. (PFISTER, 2003, p. 11)

Com os excertos acima pretendo justificar a realização deste estudo e problematizar aspectos a ele relacionados. Tendo em vista alguns elementos históricos do esporte, de fatos inerentes ao cotidiano das cidades e de estudos acadêmicos, tornam-se pertinentes as afirmações de Pfister (2003), com as quais concordo, de que os esportes foram feitos “pelo homem e para o homem” (p. 11), embora hoje as mulheres também estejam presentes neles.

O propósito deste estudo não é esgotar as possibilidades de discussão sobre a história do esporte, sobre o cotidiano das quadras esportivas, de parques, ginásios e praças, ou ainda, dos estudos acadêmicos em relação a esse assunto. Pretendo, isto sim, olhar para a realidade a partir de diferentes perspectivas, na tentativa de perceber a relevância de estudar o associativismo esportivo de mulheres, especialmente aquele vinculado a um esporte socialmente considerado *masculino*. Para tanto, considero necessário trazer alguns apontamentos sobre o conceito de gênero, por ser esse um pressuposto do tema abordado. Argumentos que justificam o porquê de se nomear determinados esportes de *socialmente considerados masculinos* em determinadas sociedades também fazem parte do embasamento teórico que dará sustentação a essa pesquisa. Por fim, ao analisar estudos já existentes sobre mulheres e esportes socialmente considerados masculinos demarcarei o ponto no qual se inserirá o presente estudo.

1.1. APONTAMENTOS SOBRE O CONCEITO DE GÊNERO

Se o esporte é considerado uma dentre as diversas práticas sociais generificadas, como, por exemplo, livros didáticos, revistas, danças, propagandas,

desenhos animados, novelas e filmes, faz sentido esclarecer aspectos sobre o conceito de gênero aqui utilizado. Pela relevância dessas generificações, inúmeros intelectuais se debruçam sobre essa temática.

Em face da diversidade de interpretações produzidas sobre esse conceito pela comunidade acadêmica, considero necessário expor alguns de seus aspectos. Margaret Mead, Linda Nicholson, Guacira Lopes Louro, Dagmar Estermann Meyer, Ileana Wenez, Silvana Vilodre Goellner e Priscila Gomes Dornelles são autoras que, a partir de diferentes perspectivas teóricas e empíricas, abordam em suas investigações, o conceito de gênero. Mesmo havendo desacordos em relação a sua interpretação, essas estudiosas citam elementos importantes para compreendê-lo.

Início com Margaret Mead, antropóloga americana, que em 1931, começou a pesquisar três sociedades primitivas para discutir uma questão que a perturbava: “o ‘condicionamento das personalidades sociais dos dois sexos’” (MEAD, 2003, p. 9). A autora não utilizou o termo *gênero* em sua análise, mas pode-se considerar que sua preocupação com esse conceito está presente em seus estudos. Investigando as sociedades Arapesh, Mundugumor e Tchambuli, Mead conclui que “o reconhecimento de que a trama cultural por trás das relações humanas é o modo como os papéis dos dois sexos são concebidos” (2003, p. 23).

Quero destacar que Margaret Mead (2003) utiliza conceitos que são, nos dias de hoje, questionados nas ciências sociais, por exemplo, “temperamento” (p. 11), “papéis dos dois sexos” (p. 23), “traços de personalidades” (p. 268), “condicionamento social” (p. 269), entre outros. No entanto, suponho que isso aconteça devido ao fato de ela ter publicado seu estudo em 1935. Logo, compreender as análises que Mead faz em sua pesquisa contribui para a discussão de gênero. Em 1935, em sua obra “Sexo e Temperamento”, a autora dizia que⁴

muitos, senão todos, os traços de personalidade que chamamos de masculinos ou de femininos apresentam-se ligeiramente vinculados ao sexo quanto às vestimentas, às maneiras e à forma do penteado que uma sociedade, em determinados períodos, atribui a um ou a outro sexo (MEAD, 2003, p. 268).

⁴ A citação da página 268, de Mead, data de 2003 porque foi retirada da 4ª edição e 1ª reimpressão do livro.

Mead, ao considerar que os traços de masculinidade e feminilidade são tão efêmeros quanto a moda das roupas e dos penteados de uma sociedade, enfatiza que os aspectos culturais é que *ditam* quais traços de *personalidade* fazem parte da masculinidade ou da feminilidade. Para a autora, a maneira como homens e mulheres atuam em determinada sociedade tem, como base, a cultura dessa sociedade.

Ao explorar a análise realizada por Mead em relação aos dados de sua pesquisa de campo, dedico-me a entender a importância assumida pelas questões culturais nas sociedades que estudou. Na citação a seguir, a autora descreve uma situação dos Mundugumor:

Quando ouvimos dizer que, entre os Mundugumor da Nova Guiné, as crianças que nascem com o cordão umbilical em volta do pescoço são distinguidas como artistas de direito inato e indiscutível, sentimo-nos estar diante de uma cultura que não somente institucionalizou um tipo de temperamento que reputamos anormal (...) como também uma cultura que associou arbitrariamente, de forma artificial e fantasiosa, dois pontos completamente desvinculados entre si: modo de nascimento e habilidade de pintar desenhos complicados sobre córtex. Quando ficamos sabendo, a seguir, que a insistência nessa associação é tão firme que apenas os assim nascidos podem fazer boas pinturas, enquanto os homens que nasceram sem um cordão estrangulante trabalham com humildade e sem arrogância e não alcançam nunca qualquer virtuosismo, verificamos a força de que podem revestir-se tais associações irrelevantes, uma vez enraizadas firmemente na cultura (MEAD, 2003, p. 21).

Mead aborda, na citação acima, aspectos que são naturais em uma sociedade e/ou que estão culturalmente presentes nela. Identifica que o distanciamento que se tem de um grupo permite olhar para as relações lá existentes de forma crítica e, também, questionar o que parece *naturalmente* dado. Por exemplo, se, para os Mundugumor, a associação entre uma criança nascer com o cordão umbilical enrolado no pescoço e sua grande habilidade de pintar era algo *natural*, e, portanto inivável de duvidar, para a antropóloga, que não fazia parte daquela sociedade, essa relação era facilmente questionável. Mead constata, dessa forma, que aspectos culturais possuem tal força que muitas vezes são considerados naturais.

A partir desse pressuposto, a antropóloga continua questionando aspectos relacionados ao modo de ser homem ou mulher naturalmente aceitos em sociedades ditas *civilizadas*:

“Todavia, quando dessas construções primitivas e ‘evidentes por si mesmas’ passamos para pontos de elaboração que partilhamos com povos primitivos, para pontos que não mais somos espectadores, porém partícipes diretos, nosso distanciamento desaparece. É sem dúvida pura imaginação atribuir a aptidão de pintar ao nascimento com o cordão em volta do pescoço (...) No entanto, a insistência nas mil e uma diferenças inatas entre homens e mulheres, muitas das quais não mostram relação mais imediata com os fatores biológicos do sexo do que tem habilidade de pintar com a forma do nascimento, e outras diferenças que apresentam uma congruência com o sexo que não é nem universal nem necessária (...) essas, sim, não consideramos fruto da imaginação da mente humana, ocupada em dar significado a uma existência vazia (MEAD, 2003, p. 21 e 22).”

Refletindo sobre o texto de Mead, faço duas considerações. Primeira: se algumas diferenças entre homens e mulheres são fruto da imaginação, são os aspectos culturais de uma sociedade que fazem os sujeitos relacioná-las com as diferenças de sexo. Segunda: as características de docilidade, delicadeza, vaidade, virilidade, competitividade, agressividade não possuem relação com o fato de os seres humanos terem algumas diferenças anatômicas, mas, sim, são características culturalmente generificadas em alguns meios sociais.

Em síntese, afirmo que as principais contribuições de Mead para a discussão do gênero são as críticas ao determinismo biológico presentes em sua análise. Essa autora considera importante a perspectiva cultural para se compreender as diferentes masculinidades e feminilidades presentes nas sociedades.

Passo, agora, a abordar o conceito de gênero sob a visão de Linda Nicholson. No texto “interpretando o gênero”, a autora constata que o conceito em questão tem “suas raízes na junção de duas idéias importantes do pensamento ocidental moderno: a da base material da identidade e a da construção social do caráter humano” (2000, p. 10). Em outras palavras, o termo *gênero* possui relações tanto com os fatos biológicos quanto com os culturais, pois segundo ela, essas relações com a biologia e com a cultura possibilitam que a compreensão e

a utilização do termo *gênero* ocorram a partir de duas perspectivas: o determinismo biológico e o “fundacionalismo biológico”.

A primeira perspectiva é criticada por Nicholson por atribuir às diferenças anatômicas entre homens e mulheres a determinação das diferenças masculina e feminina no contexto social. Já, a segunda, o “fundacionalismo” biológico, expressão cunhada por ela, se refere a uma abordagem do conceito de gênero que leva em conta a coexistência entre aspectos da biologia, personalidade e comportamento em sua análise. Essa última perspectiva apresenta argumentos que avançam em relação à análise determinista, mas, ao mesmo tempo, considera algumas constantes biológicas responsáveis por certas constantes sociais. Segundo a autora, um exemplo dessa limitação do “fundacionalismo” biológico é que ele “possibilitou a muitas feministas a rejeição do determinismo biológico explícito, embora ainda mantendo um de seus pressupostos – o da existência dos aspectos comuns a várias culturas” (2000, p. 22).

Mediante essa análise, Nicholson entende que nem o determinismo e nem o “fundacionalismo” biológico ajudam a compreender as diferenças entre masculino e feminino. A sugestão que ela propõe, mesmo que se refira apenas às mulheres, é de

pensarmos o sentido de “mulher” como capaz de ilustrar o mapa de semelhanças e diferenças que se cruzam. Nesse mapa, o corpo não desaparece; ele se torna uma variável historicamente específica cujo sentido e importância são reconhecidos como potencialmente diferentes em contextos históricos variáveis (NICHOLSON, 2000, p. 36).

Portanto, se Margaret Mead, em 1935, faz uma crítica ao determinismo biológico, destacando a importância dos aspectos culturais na distinção entre masculino e feminino, Linda Nicholson, em 2000, tece sua crítica, principalmente, ao que ela denomina “fundacionalismo biológico”. Ou seja, a colaboração que a autora dá ao entendimento do conceito gênero consiste em abandonar análises em que as mulheres possuem algo em comum (biológico ou cultural) que as diferencia dos homens, e vice-versa. A autora parte para um entendimento das diferenças masculina e feminina “através da elaboração de uma complexa rede de características” (NICHOLSON, 2000, p. 35).

Tendo como referência as críticas ao determinismo biológico (MEAD, 2003) e ao “fundacionalismo” biológico (NICHOLSON, 2000), evidencio, neste momento, a tentativa de compreender outros aspectos do conceito gênero.

Louro (1997) e Meyer (2005, 2004) chamam a atenção, dentre diversos aspectos, para a característica relacional do conceito. A análise, a partir dele, deve considerar tanto as masculinidades quanto as feminilidades. Para Louro, “o conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos” (1997, p. 23). Porém, a contribuição que destaco de Louro e Meyer, na abordagem da característica relacional do gênero, consiste em não confundi-la com a “construção de *papéis* masculinos e femininos” (LOURO, 1997, p. 23).

Os *papéis* indicam padrões a serem seguidos, definindo o que é adequado ou não, aos homens e as mulheres. Eles ditam desde roupas, maneiras de se comportar, falar, dançar, jogar, enfim, o modo como homens e mulheres devem se relacionar. Logo, considerar que o conceito gênero tenha, *a priori*, distinguido o que se deve fazer para ser homem e o que se deve fazer para ser mulher é um equívoco, pois as masculinidades e as feminilidades são processos em contínua construção. Conforme Meyer, para que o indivíduo se afaste dessa “idéia reduzida de papéis/funções de mulher e de homem” (2005, p. 18) é necessário que ele se aproxime de uma abordagem mais ampla que considere “as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade” (2005, p. 16), constituída e atravessada por representações e pressupostos de feminino e de masculino. Meyer amplia as possibilidades de articulações do conceito de gênero, afirmando que existem diversas construções sociais que, além de possuírem representações de feminino e masculino, também produzem e ressignificam essas representações.

As contribuições de Louro (1997) e Meyer (2005, 2004) para o conceito de gênero estão em não restringi-lo à masculinidade e à feminilidade hegemônica de uma sociedade. Em suma, adotar o conceito gênero como categoria de análise significa abranger diferentes formas de masculinidade e feminilidade, e também, as diferenças entre mulheres e homens.

Em relação a Goellner (2003, 2005a, 2005b, 2006), Wenez (2005) e Dornelles (2004), as contribuições para o conceito de gênero consistem na possibilidade de ver nas práticas esportivas não apenas as representações de feminino e masculino, mas, sim, as produções e ressignificações dessas representações. Para as autoras, os esportes não são entendidos apenas como generificados, mas também generificadores.

Wenez (2005), ao estudar “Gênero e sexualidade nas brincadeiras do Recreio”⁵, relata que, além do futebol ser um espaço reservado para os meninos na hora do recreio, este mesmo esporte faz parte de um tipo de masculinidade almejada por eles. Em relação a uma segunda série, a autora constata que, “igual à terceira série, novamente se repete o esporte (nesses casos, o futebol) como um elemento masculino em que, a partir ou através de sua prática, se reforçam características que devem corresponder a um homem” (p. 165). O futebol, então, se apresenta como reservado aos meninos tanto por ser um esporte generificado quanto generificador.

Quando perguntei do que gostavam no recreio, um dos líderes dos meninos respondeu: “do futebol e das mulheres”, comentário seguido de grande comemoração pelos colegas. Perguntei, então, qual era a diferença, pois ele tinha colegas mulheres em sala de aula, e ele disse: “não, professora, essas são mulheres miniatura” (WENETZ, 2005, p. 165).

Com especificidades que a diferenciam de Wenez, Goellner (2006) também aborda questões de gênero e esportes, principalmente as relacionadas ao corpo. Uma dessas questões enfoca as relações que se estabelecem entre gênero, esporte e corpo, com destaque para as produções de corpos, em especial, dos femininos por causa das práticas esportivas.

Em diversos estudos, Goellner (2003, 2005a, 2005b, 2006) mostra que, com o passar do tempo, as representações das mulheres na sociedade se alteraram. Essas alterações estavam e/ou estão relacionadas às práticas esportivas e às produções de corpos. Discursos sobre a *natureza* frágil das mulheres embasavam, antigamente, a crença de que a prática de esportes não era própria para elas. Entretanto, o discurso das mulheres modernas que

⁵ Título da dissertação de Mestrado de Ileana Wenez, defendida no ano de 2005.

apresentam características diferentes das suas antecessoras decréta, como *adequadas* para essa nova feminilidade que surge, as práticas esportivas. Dentre as características que compunham esse novo discurso sobre as mulheres, destacam-se a agilidade e a capacidade de enfrentar os desafios dos novos tempos. Assim, nesse momento, a prática esportiva feminina apresentava-se como uma aliada.

Pensar a educação e a espetacularização do corpo feminino no e através do esporte significa dar movimento à tensão que se estabelece entre o incentivo e a repressão à mulher no que tange a sua vida individual e social, pois, ao longo da história mesclam-se diferentes conselhos, prescrições e recomendações ora impulsionando-a a transgredir determinados códigos culturais e sexuais tomados como naturais, ora cerceando possíveis ousadias (GOELLNER, 2006, p. 36).

Outro argumento utilizado pela autora para explicar a questão generificadora dos esportes centra-se em considerá-los importantes para a exibição e a educação de corpos: “afinal, não podemos esquecer que, na sociedade contemporânea, o esporte é um palco privilegiado para a exposição de corpos que, ao se exibirem e serem exibidos, educam outros corpos” (GOELLNER, 2003, s/p).

Ao empregar o conceito de gênero em seu estudo sobre futebol de várzea feminino, Dornelles (2004) identifica a pluralidade de feminilidades presente nesse campo empírico. A autora realiza uma categorização de pequenos grupos de praticantes que lhe permitem ver os modos de ser mulher no futebol de várzea de Porto Alegre. Exemplificando, cito dois desses grupos:

O grupo das “caminhoneiras” (...) Algumas destas são reconhecidas no meio futebolístico por ressaltar a rivalidade incitando a violência dentro de campo e, muitas vezes, fora também (...) são homossexuais e apresentam uma construção corporal e gestual próxima das características que foram construídas social e historicamente como masculinas.

Já, o grupo das “patricinhas” (...) é composto por garotas que têm poder aquisitivo um pouco mais elevado de que o padrão do contexto do futebol feminino, as quais, geralmente, se aproximam das características consideradas como femininas na nossa sociedade: cabelos compridos, roupas da moda juvenil, tênis e acessórios de marcas reconhecidas são os principais elementos que identificam as garotas deste grupo (DORNELLES, 2004, p. 31 e 32).

Empregando o conceito de gênero, Dornelles percebe, em sua pesquisa, que em um mesmo esporte praticado por mulheres “existem diversas maneiras de viver o masculino e o feminino e, por isso, estas não devem ser resumidas em um modelo uno, mas, sim, em um modelo plural” (2004, p. 22).

De forma diferenciada, as contribuições de Mead, Nicholson, Louro e Meyer são importantes para o desenvolvimento desta pesquisa em relação à compreensão do conceito de gênero. Já, Wenez, Goellner e Dornelles contribuem para a relação do conceito de gênero nos esportes.

1.2. ESPORTES SOCIALMENTE CONSIDERADOS MASCULINOS

“...desporto, tradicionalmente uma das mais importantes áreas reservadas masculinas”
(DUNNING, 1992a, p. 390).

Por que Dunning faz a afirmativa acima?

Início a resposta a essa pergunta, partindo do estudo de revisão realizado por Stigger (2005). Nele, o autor demarca três períodos importantes que caracterizam a invenção do esporte: 1) “precedentes da emergência do esporte moderno: a civilização/esportivização dos passatempos populares” (p. 22); 2) “as *public schools* inglesas e a transformação de jogos populares em esportes” (p. 30); e 3) “das *public schools* para o associativismo esportivo” (p. 36).

Nos três períodos destacados por Stigger, minha atenção centra-se em perceber quando e de que maneira as mulheres começam a serem inseridas no contexto por ele estudado.

Durante o primeiro período apontado pelo autor, ocorreram mudanças nos significados de algumas práticas e passatempos populares para o desenvolvimento do esporte. A partir de Elias, Stigger destaca as mudanças significativas que a prática da caça à raposa teve até se tornar um esporte. Elias (1992) desenvolve, com profundidade, uma análise desse processo de esportivização: “tratava-se de uma forma de caça em que os caçadores impunham a si mesmos e aos seus cães, um número de restrições muito específicas” (p. 239). No texto, observo que o autor refere-se somente aos

homens em sua descrição. Entre outros exemplos que poderiam ser encontrados no estudo dele, cito este: “disparar contra as raposas era um pecado porque isso privava os *cavaleiros* da tensão-excitação da caça, isso destruía o seu esporte” (ELIAS, 1992, p. 246, grifo meu). Ou seja, as mulheres, em alguns “precedentes da emergência do esporte moderno” (STIGGER, 2005, p. 22), tiveram pouca ou nenhuma participação.

Para Stigger – agora sustentado em Bourdieu – o segundo período de análise da invenção do esporte ocorreu nas *Public Schools* inglesas, em meados do século XIX, quando ocorreu a “primeira institucionalização do esporte”. Para Bourdieu (1983),

parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas *grandes escolas* reservadas às “elites” da sociedade burguesa, nas **public schools** inglesas, os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns **jogos populares**, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função muito parecida àquelas que o campo da música erudita impôs às danças populares, bourrées, gavotas e sarabandas, para fazê-las assumir formas eruditas como a suíte (BOURDIEU, 1983, p. 138, grifos do autor).

Na descrição de Bourdieu, e também na de Walvin (1994), abaixo, as *Public Schools* eram espaços destinados somente a meninos da aristocracia inglesa. Nelas, estavam presentes as características, as formas de agir, os valores e as condutas da classe alta, as quais somente eram compartilhadas e constantemente atualizadas por homens.

As *Public Schools* do fim do século 18 e início do século 19 eram escolas bizarras e bastantes diferentes das escolas modernas. (...) Os *garotos* não eram supervisionados e normalmente ficavam sobre a dominância de *homens jovens* que conduziam a escola. A vida inevitavelmente, antes da reforma da metade do século 19, era brutal e grosseira. (...) O comportamento social e recreacional refletia o estilo de vida geral das escolas, e os jogos praticados, conseqüentemente, espelhavam a natureza hierárquica, física, e às vezes violenta, da comunidade escolar em geral (WALVIN, 1994, p. 32, grifo meu).

A ausência de mulheres, a violência entre os alunos e a virilidade exigida em algumas das práticas nas *Public Schools* propiciaram o surgimento do associativismo esportivo juntamente com evidências de ser este um acontecimento masculino. É isto que se observa no terceiro momento da invenção

do esporte, descrito por Stigger: “das public schools para o associativismo esportivo” (2005, p. 36). Da mesma forma que o momento anterior, este também teve como protagonistas jovens do sexo masculino: os “*old boys*”, ou seja, os ex-alunos das *Public Schools* inglesas que fundaram clubes e ligas esportivas. Assim, mais uma vez, a presença de mulheres naquele período foi praticamente nula.

Portanto, uma das possíveis constatações que se pode fazer, ao revisitar a história do esporte apresentada por Stigger (2005) com o olhar voltado para a presença ou não das mulheres nessa história, é o fato de elas não serem mencionadas. Destaco que essa ausência de menção às mulheres, em estudos voltados à história do esporte, não pode ser entendida como total ausência delas. Constato, apenas, que se as mulheres não foram mencionadas, isso se deve ao fato de sua participação ter sido pequena e/ou não reconhecida pela sociedade.

Em relação ao futebol, alguns elementos históricos estão pautados pelos homens, principalmente aqui no Brasil. Bourdieu (2003) considera que a masculinização do corpo dos homens acontece desde a “mais tenra infância” (p. 71), pois, “as crianças são objeto de expectativas coletivas muito diferentes segundo seu sexo” (p. 71). Talvez seja esse um dos aspectos que leve, ainda nos dias de hoje, pessoas e a mídia (escrita, televisiva, propagandas, novelas, filmes...) a afirmar que no Brasil *os meninos nascem com a bola no pé*⁶. Esse tipo de afirmativa faz com que um dos atributos para ser menino neste País seja *praticar, saber e gostar* de futebol. Damo (2002) identifica isto na introdução do seu estudo ao afirmar que, no Brasil, jogar futebol é uma forma de se *constituir menino*: “em um país em que a rua é um espaço privilegiado na socialização dos meninos e que o futebol é uma das brincadeiras preferidas, desdenhá-lo equivale a andar nu” (p. 11). Mediante essas afirmações, é possível concordar que nesse país considerar “o futebol como área reservada masculina” (MOURA, 2005, p. 131) faz sentido. Goellner (2005a) e Franzini (2005), citados a seguir, ajudam a compreender elementos do porquê, no Brasil, a relação entre futebol e masculinidade é quase que *naturalizada*.

⁶ Wenez (2005), em um estudo etnográfico sobre o recreio de uma escola pública da cidade de Porto Alegre, conclui que “no contexto da escola estudada, meninos adolescentes ocupam mais as quadras esportivas do que as adolescentes. Estas ficam em espaços menores ou praticam vôlei. Meninos brincam geralmente de futebol ou luta” (p. 177).

Fanzini (2005) exemplifica essa quase *naturalização*, citando fragmentos da reportagem jornalística que comentava uma partida de futebol feminino, em 1940. Segundo o autor, ela enfatizava *falhas* das jogadoras, utilizando a análise *padrão*, vigente à época, no futebol masculino. Dessa forma, quando as mulheres praticavam futebol, o jogo deveria assemelhar-se ao praticado pelos homens.

Esse movimento de manutenção do futebol, como espaço reservado aos homens, vai ganhando forças até ser criado o Decreto-Lei nº 3199, do Conselho Nacional de Desportos, em abril de 1941, que proibia a prática de determinados esportes às mulheres, dentre eles o futebol. No entanto, percebe-se que a relação do futebol como uma área reservada aos homens e a proibição da prática para as mulheres não restringiu a participação delas, mesmo que “entre sombras” (GOELLNER, 2005a, p.143).

No ano de 1979, “revogada a deliberação do Conselho Nacional de Desportos que veda a prática do futebol e do futebol de salão para mulheres” (GOELLNER, 2005a, p.147), esses esportes adquiriram mais visibilidade. Porém, apenas este fato não foi suficiente para que o futebol praticado por mulheres no Brasil obtivesse sucesso, estrutura, organização e aceitação semelhante ao futebol masculino. Há dois argumentos, diz Goellner (2005a), que ajudam a explicar isso: “a aproximação, por vezes recorrente, entre o futebol e a masculinização da mulher”; e a “naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza” (GOELLNER, 2005a, p143). Logo, a mulher praticante desse esporte provocaria um desvio da feminilidade hegemônica, presente na sociedade.

A partir os elementos históricos constata-se que a invenção dos esportes modernos, de modo geral, contribuiu para a “disseminação e consolidação de um padrão de sociabilidade urbana, jovem, associativa, competitiva e disjuntiva” (DAMO, 2002, p. 13). Acrescento, ainda, a fala de Damo, que a invenção dos esportes também disseminou e consolidou um padrão de

sociabilidade masculina. No Brasil, isso não foi diferente, principalmente ao se considerar o futebol e suas derivações⁷.

Contudo, alguns autores interessados em averiguar com mais detalhes essa pouca ou inexistente participação das mulheres na história do esporte, constataam que elas, mesmo que de modo tímido, também estão presentes nessa história.

Guttman (1978), ao falar sobre as características do esporte moderno, em especial sobre a “igualdade” do direito à participação, constata que, além do sexo, a *classe* e a *raça* eram fatores limitadores à participação nos contextos esportivos. Em relação às mulheres, acreditava-se que a prática de esportes comprometesse sua saúde, beleza e aspectos emocionais. Na mesma perspectiva de Guttman (1978), Rubio e Simões (1999), ao falarem sobre o período da Primeira Olimpíada Moderna, consideram que “entre os argumentos utilizados para a exclusão feminina encontramos a ‘delicadeza’ dos nervos e a constituição física menos favorecida, o que levava o esporte praticado por mulheres parecer indecente, feio e impróprio para sua resistência” (RUBIO e SIMÕES 1999, p. 53).

Ao contrário da importância que as práticas esportivas tiveram para com a constituição das masculinidades, a participação das mulheres nos esportes não se constituiu em elemento importante para a construção de suas feminilidades. Certos esportes eram proibidos para elas devido aos *problemas* que lhes poderiam causar, principalmente os relacionados à maternidade. Conforme Goellner,

o suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Pareciam, ainda, desestabilizar o terreno criado e mantido sob o domínio masculino cuja justificativa, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas (2005b, p. 92).

⁷ Denomino de derivações do futebol aqueles esportes que se aproximam do futebol de campo: futsal, futebol sete e futebol de areia.

Mesmo assim, Guttman (1978), Rubio e Simões (1999) e Goellner (2005a, 2005b) constatam que esses fatores não foram suficientes para a inexistência de mulheres na história do esporte. Em 1832, por exemplo, foram fundadas as primeiras instalações de ginástica para as mulheres alemãs, embora a primeira competição importante ocorresse apenas em 1913 (GUTTMAN, 1978). Em 1900, na segunda edição dos Jogos Olímpicos Modernos, realizada em Paris, as mulheres participaram da modalidade de golfe e de tênis (RUBIO e SIMÕES, 1999). Em 1932, na Olimpíada sediada em Los Angeles, “o Brasil registrará a participação de sua primeira atleta: a nadadora paulista Maria Lenk” (GOELLNER, 2005b, p. 88). Esses fatos permitem dizer que, apesar do predomínio dos homens na história do esporte, as mulheres se fizeram presentes mesmo que “timidamente”.

Concomitante aos elementos históricos, constato que, na atualidade, a prática esportiva – em especial aquela que acontece nos momentos de lazer - é realizada, na maioria das vezes, por grupos de homens. Em Porto Alegre, as quadras esportivas privadas existentes são ocupadas, majoritariamente, por eles. Nos espaços públicos, o associativismo esportivo proporcionado nas quadras poliesportivas é em sua maioria masculino.

Mas, isso ocorre somente no Brasil? A presente pesquisa não se aterá a comparativos, no entanto, Stigger (2002), ao procurar grupos praticantes de esporte de final de semana na cidade do Porto, em Portugal, encontrou dois grupos que praticavam futebol e um, voleibol, todos os três compostos por homens. Em relação ao mesmo assunto, realizei uma investigação em 2004⁸ em que observava um espaço destinado à prática do jogo da bocha no Parque Farroupilha, em Porto Alegre. Esse espaço era freqüentado por cerca de 300 homens e nenhuma mulher. Os estudos de Stigger e o qual realizei em 2004 não tiveram como foco discutir questões relacionadas à ausência ou presença de mulheres nos esportes, porém, mostram que é fácil encontrar mais homens nas práticas esportivas em espaços públicos do que mulheres. Contudo, se a pouca participação das mulheres nos esportes em geral é explícita, pode-se afirmar que

⁸ Ver Silveira, 2004.

a ausência delas nos esportes *socialmente considerados masculinos* torna-se mais evidente.

Em relação ao futebol e seus derivados, a prática feminina, se comparada à masculina, é quase ausente no Brasil. Entre outros elementos que sustentam esta afirmação, observo a quantidade de times inscritos no Campeonato Municipal de Futsal da cidade de Porto Alegre no ano de 2006: 21 times femininos e 92 times masculinos⁹. Outro exemplo é a quantidade de atletas homens cadastrados na Federação Gaúcha de Futebol (FGF) - cerca de 35 mil¹⁰ - e a inexistência de mulheres “federadas”. Por não haver futebol de campo feminino organizado pela FGF, não há jogadoras de futebol de campo federadas no estado do Rio Grande do Sul.

Mesmo sendo inferior o número de mulheres praticantes de esportes ditos masculinos é possível afirmar que *elas* praticam esses esportes. Logo, denomino de *esportes socialmente considerados masculinos* àquelas práticas esportivas que, em determinada sociedade, são reservadas aos homens. Ou seja, não são esportes que as mulheres não praticam, ou não estão adequados para elas, apenas são reconhecidos na sociedade como masculinos.

1.3. DEMARCAÇÃO DESTE ESTUDO

São poucos os estudos sobre a presença das mulheres no futebol e seus derivados, se comparados à produção acadêmica destinada à discussão do futebol masculino. Como exemplo, tem-se os estudos: “Futebol, malandragem e identidade” (SOARES, 1994); “Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes” (DAMO, 2002); “O futebol como área reservada masculina” (MOURA, 2005); “A superstição no futebol brasileiro” (DAÓLIO, 2005); “O *ethos* capitalista e o espírito das copas” (DAMO, 2006); “De criollos e capoeiras: notas sobre o futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil” (GUEDES, 2006); “Violência em campo: dinheiro, mídia e

⁹ Dados obtidos na primeira ida a campo, na qual acontecia abertura do Campeonato Municipal de Futsal de Porto Alegre.

¹⁰ Este dado foi obtido através de um telefonema para a Federação Gaúcha de Futebol, no dia 02/04/2007.

transgressão às regras no futebol espetáculo” (BETTI, 2004); “Lógicas no futebol” (TOLEDO, 2002); e “O futebol é fogo de palha: a ‘profecia’ de Graciliano Ramos” (SOARES e LOVISOLO, 2001). Todos eles, ao dissertarem sobre futebol, se referem somente àquele praticado por homens. Eles abordam as formas de associativismo esportivo entre homens, as diferentes maneiras de jogá-lo e também ressignificá-lo e, ainda, as relações do futebol *masculino* com a mídia, com a literatura, com a violência, etc.

No universo do esporte, os homens estão mais presentes do que as mulheres, em particular naqueles socialmente considerados masculinos. Porém, essa predominância masculina no mundo esportivo não significa que as mulheres não façam parte desse universo. Mesmo que de forma reduzida, se comparada à participação dos homens, elas praticam esportes. Embora pareça contraditório em relação ao número de publicações sobre a atuação masculina nos esportes, há estudos que refletem a presença feminina, em especial em relação aos esportes ditos e/ou considerados masculinos.

Após analisar alguns desses estudos, optei por duas maneiras de abordar o tema: a participação das mulheres nos esportes socialmente considerados masculinos, quando os protagonistas são os homens, e a participação das mulheres nesse mesmo tipo de esporte, enquanto praticantes.

No primeiro item, constato, de acordo com os textos consultados, que as mulheres ocupam espaço secundário na prática esportiva, pois, o campo empírico dos estudos está relacionado àquele em que elas ficam enquanto os homens estão praticando esportes. São torcedoras, mães, irmãs, articulistas, e até mesmo prostitutas (SAOUTER, 2003) no contexto das práticas esportivas realizadas por eles. Alguns exemplos desses estudos são “A mamãe e a prostituta: os homens, as mulheres e o rugby” (SAOUTER, 2003); “Futebol é ‘coisa para macho’? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol” (FRANZINI, 2005); “O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol” (COSTA, 2006/2007); “Copa do Mundo de 2006: o que elas escreveram na Folha de São Paulo” (SILVEIRA, 2007).

No segundo item de minha análise, constato que a atenção se direciona às mulheres quando elas são as protagonistas dos esportes. Aqui, o campo

empírico relaciona-se aos esportes socialmente considerados masculinos praticados por mulheres. Cito alguns estudos que versam sobre o tema: “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades” (GOELLNER, 2005a); “Ser mulher no mundo dos homens: socialização esportiva e a construção do gênero” (MENNESSON, 2005); “As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo” (MOURÃO e MOREL, 2005); “Os processos de construção e de modificação das disposições sexuais das mulheres que investem em esportes ditos ‘masculinos’” (MENNESSON, 2004); “O futebol feminino de várzea: uma análise cultural” (DORNELLES, 2004); “Homossociabilidade e homossexualidade: o caso de mulheres jogadoras de futebol” (MENNESSON, CIÉMENT, 2003).

Existem, portanto, diversos estudos sobre essa temática, mas a forma como acontecem esses esportes, a compreensão do associativismo dessas praticantes e os significados atribuídos por elas à prática são pouco explorados. É devido a pouca quantidade de estudos sobre esse recorte da temática que desenvolvo esta pesquisa, a fim de compreender aspectos dos associativismos femininos em esportes socialmente considerados masculinos. Para exemplificar a localização deste estudo no campo dos esportes, apresento a seguinte figura:

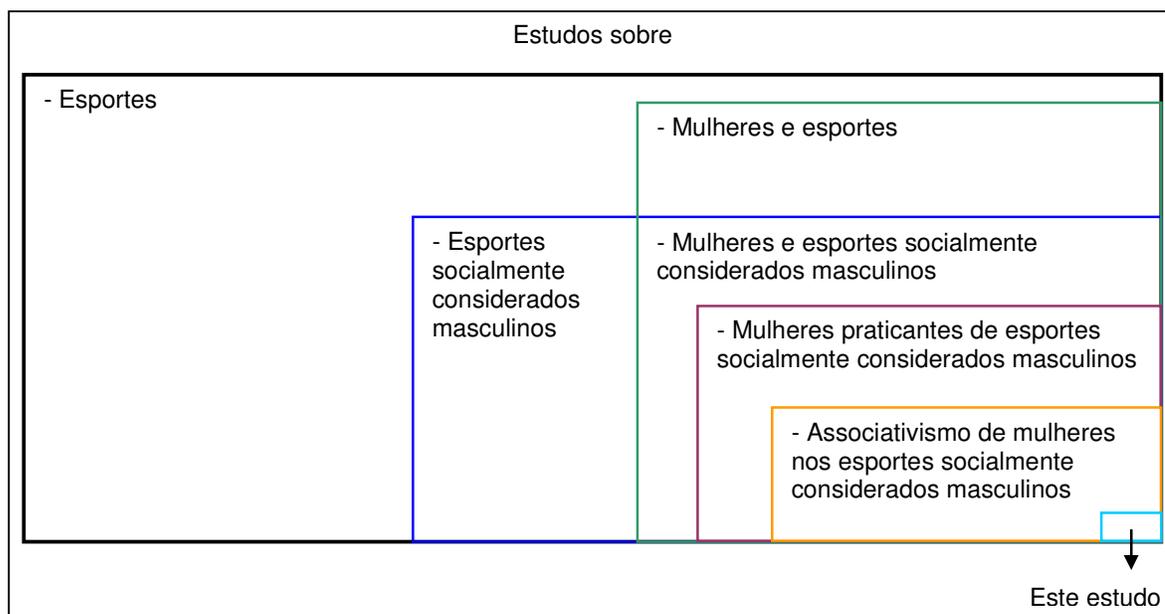


Figura 1: Localização deste estudo no campo dos esportes
Fonte: elaboração própria

A partir da Figura 1, procuro mostrar que este estudo se insere na intersecção de dois grandes temas: “mulheres e esportes” e “esportes socialmente considerados masculinos”. Nesse ponto, a investigação apresenta uma análise específica da temática e chega aos estudos *sobre o associativismo entre mulheres nos esportes socialmente considerados masculinos*.

Destaco que a intersecção feita pelos dois grandes temas, proposta nesta investigação tem, como justificativa, a articulação entre os temas tratados com o conceito de gênero. Em outras palavras, tanto o tema “esportes e mulheres” quanto “esportes socialmente considerados masculinos” partem da perspectiva de que as práticas esportivas são atravessadas por relações de gênero. Assim, ao inserir esse conceito no quadro da localização deste estudo no campo dos esportes considero que na intersecção dos temas este conceito inicia o centro de uma teia que atravessa os estudos no campo dos esportes. Logo, esse conceito apresenta-se como pressuposto das análises que realizo.

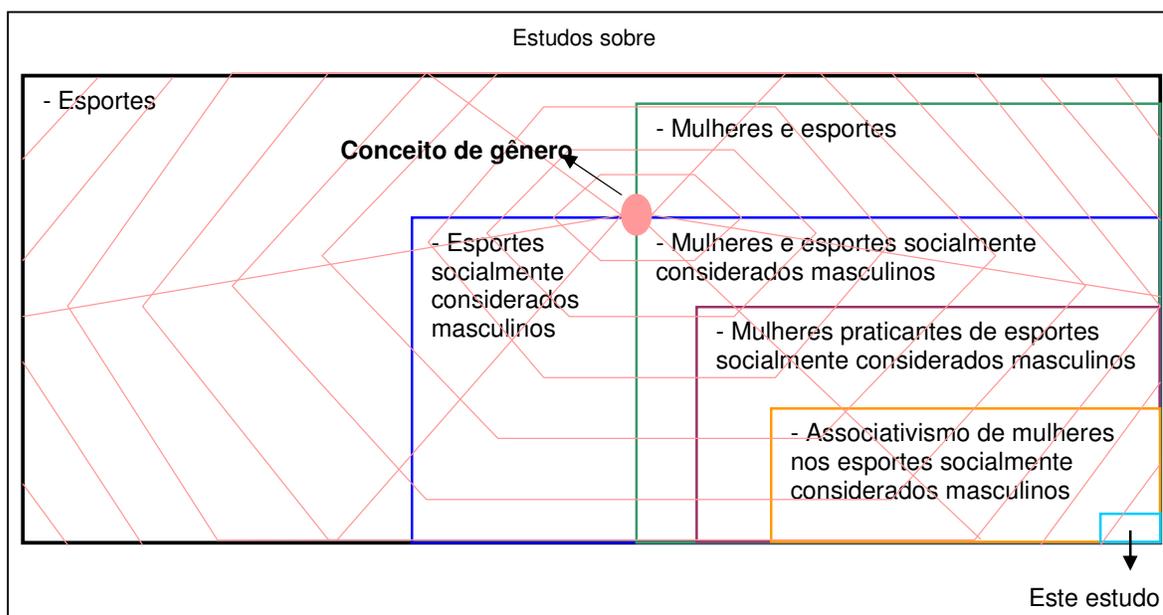


Figura 2: Localização deste estudo no campo dos esportes e suas relações com o conceito de gênero

Fonte: elaboração própria

A partir dessa breve explanação, a pergunta que norteia esta investigação é: **como e porque mulheres se associam para praticar um esporte socialmente considerado masculino?**

Para responder essa questão proponho algumas reflexões metodológicas, apresentando a maneira que se desenvolveu esta pesquisa.

CAPÍTULO 2

ETNOGRAFIA: UM FAZER ARTESANAL

Para mim, a etnografia hoje é ao mesmo tempo uma arte e uma disciplina científica (...) (WINKIN, 1998, p. 132).

Assim como qualquer artesanato, este estudo possui algumas etapas (caminhos) a serem seguidas e, para tanto lançará mão de alguns conhecimentos que permitirão sua realização. Tanto na construção desses caminhos quanto na aquisição e aplicação dos conhecimentos, a criatividade e a sensibilidade do artista e do pesquisador são importantes. Becker (1997), ao criticar a “industrialização das ciências sociais” (p. 11) propõe um “modelo artesanal de ciência” (p.12), no qual o pesquisador tem que adaptar teorias e métodos a situação específica que ele vivencia. Portanto, o que apresento neste tópico se distancia um pouco da temática *o que é e como se faz* etnografia, mas se aproxima muito das discussões sobre o fazer etnográfico que surgiram nesta investigação em particular.

Clifford Geertz já dizia, na sua clássica obra “A interpretação das culturas”, que a prática da etnografia não é apenas estabelecer relações, ir a campo, selecionar informantes, realizar entrevistas, manter um diário ou outras tarefas técnicas que envolvem o fazer etnográfico, pois “o que o define [o fazer etnográfico] é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’” (GEERTZ, 1989, p. 15).

Esse autor não considerou por acaso a realização da “descrição densa” um risco, pois é principalmente devido a este elemento que os estudos etnográficos se sustentam. Imagino que, se Berthelot (2005)¹¹ perguntasse para Geertz, o mesmo que indagou aos sociólogos - “o que é que nos garante, quando apresentamos uma análise, que não dizemos uma coisa qualquer?” (BERTHELOT, 2005, p. 14) -, a resposta desse antropólogo provavelmente seria que nos estudos etnográficos é a descrição densa que pode dar ao pesquisador alguma garantia. Mas, então, se a descrição densa consiste na sustentação ou na

¹¹ Jean-Michel Berthelot é professor de filosofia das ciências sociais e de sociologia geral na Universidade de Paris IV – Sorbonne e Diretor do Centro de Estudos Sociológicos da Sorbonne. No estudo aqui citado o autor analisa as diversas correntes de pensamento presentes na sociologia, destacando como essas tratam *na prática* os seus objetos de estudo.

garantia de um estudo etnográfico, o que significa fazer, onde, quando e como se deve começar a realizá-la?

O exemplo das piscadelas¹² trazido por Geertz (1989), para compreender o que significa a descrição densa é de fácil entendimento, pois parece simples, no caso descrito, e tendo o conhecimento do contexto em que a situação ocorre, diferenciar qual piscadela é uma paquera, ou um tique nervoso, ou ainda, a imitação de um tique nervoso. No entanto, quando se estuda determinado universo social — que é o caso dos estudos etnográficos e, portanto, desta etnografia —, não são apenas piscadelas que se deve saber identificar, mas, sim, gestos, ações, sorrisos, alegrias, tristezas, choros, sons, gritos, murmúrios, silêncios, expressões, valores, regras explícitas e implícitas, inclusões, exclusões, entre outros.

A descrição densa que se deve realizar em uma etnografia consiste em um complexo processo que exige tempo e, principalmente, envolvimento do investigador com o mundo a ser investigado. Pode-se considerar que diversas são as etapas que o pesquisador enfrenta para descrever densamente seu universo em questão. Os períodos vão desde a observação participante e outras formas de *coletar* (obter ou construir) dados até o momento da *tradução* do universo social investigado para o meio acadêmico, ou seja, a realização do texto etnográfico final.

Para que se possa entender por onde e de que forma se deve começar a fazer a identificação, ou, quem sabe, a interpretação das informações presentes em determinado grupo social, e iniciar o esforço intelectual da descrição densa proposta por Geertz, proponho ampliar a problematização realizada por Oliveira (1998) sobre as três etapas fundamentais do estudo etnográfico: o olhar, o ouvir e o escrever. E também incluir a discussão sobre as três competências que Winkin (1998) considera essenciais para um fazer etnográfico: “arte de ver, arte de ser, arte de escrever” (p. 132).

¹² Geertz, ao explicar o que consiste realizar a *descrição densa*, descreve um exemplo proposto por Gilbert Ryle: “Vamos considerar, diz ele [Gilbert Ryle], dois garotos piscando rapidamente o olho direito. Num deles, esse é um tique involuntário; no outro, é uma piscadela conspiratória a um amigo. Como movimentos, os dois são idênticos; observando os dois sozinhos, como se fosse uma câmara, numa observação ‘fenomelanista’, ninguém poderia dizer qual delas seria um tique nervoso ou uma piscadela, ou na verdade, se ambas eram piscadelas ou tiques nervosos. No entanto, embora não retratável a diferença entre um tique nervoso e uma piscadela é grande” (Geertz, 1989, p. 16).

Relacionando as propostas de Oliveira e Winkin pode-se considerar que “o olhar, o ouvir” (OLIVEIRA, 1998, p. 18) e “arte de ver, arte de ser” (WINKIN, 1998, p. 132) fazem parte do momento em que o pesquisador está em contato com o grupo social que pesquisa. No momento da observação participante e em todo o processo do fazer etnográfico, as informações obtidas dependem do conhecimento e também da história de vida que o pesquisador possui. Oliveira enfatiza a importância que o “esquema conceitual – disciplinadamente aprendido durante o nosso itinerário acadêmico” (OLIVEIRA, 1998, p. 19) representa no desenvolver da pesquisa. Destaca que, tanto o olhar quanto o ouvir, já estão sensibilizados com as teorias que se têm disponíveis ao ir a campo. Esse conhecimento teórico que se possui antes de ir a campo “funciona como uma espécie de prisma por meio do qual a realidade observada sofre um processo de refração” (OLIVEIRA, 1998, p. 19).

As informações obtidas em campo dependem basicamente da relação do pesquisador com os informantes. O primeiro contato com o grupo, a aceitação no universo empírico pesquisado e as relações de trocas e negociações que se desenvolvem são fundamentais para decidir quais informações serão ou não adquiridas pelo pesquisador. É necessário, como diz Winkin (1998), exercitar a *arte de ser* em um trabalho etnográfico. Especificando para trabalhos etnográficos relacionados aos esportes, Stigger (2007) considera necessário aprender a conviver esportivamente com o grupo investigado. Estar no campo não é apenas observar as ações e ouvir as conversas que acontecem em um grupo social, mas, sim, é tentar identificar o porquê que tais ações e tais falas estão acontecendo em determinados momentos; é saber interagir com os informantes e questionar constantemente essa interação; é sumariamente *participar observando*¹³, ou seja, envolver-se com as alegrias, vitórias, derrotas, brigas que acontecem, contudo, sempre lembrando e questionando por que tais sensações estão sendo requisitadas em determinado momento. Em suma, como afirma Da Matta, é

¹³ Cardoso (1988) ao abordar alguns aspectos que auxiliam a questionar algumas “armadilhas do método” (p. 95), considera que tanto a observação quanto a participação do pesquisador no universo social em questão são fundamentais: “A prática de pesquisa que procura este tipo de contato precisa valorizar a observação tanto quanto a participação. Se a última é condição necessária para um contato onde afeto e razão se completam, a primeira fornece a medida das coisas. Observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação” (p. 103).

preciso ser “anthropological blues” (1978, p. 27). Segundo esse antropólogo, uma das possíveis deduções que se pode fazer do processo que ele denominou de *anthropological blues*

é a de que, em Antropologia, é preciso recuperar esse lado extraordinário das relações pesquisador/nativo. Se este é o lado menos rotineiro e o mais difícil de ser apanhado da situação antropológica, é certamente porque ele se constitui no aspecto mais humano da nossa rotina. É o que realmente permite escrever a boa etnografia¹⁴ (DA MATTA, 1978, p. 35).

A pesquisa etnográfica deve ser, desde o primeiro contato do pesquisador com o grupo social a ser investigado, constantemente analisada, pensada e interpretada. Cardoso sintetiza essa idéia dizendo que

a coleta de material não é apenas um momento de acumulação de informações, mas se combina com a reformulação de hipóteses, com a descoberta de pistas novas que são elaboradas em novas entrevistas. Nestas investigações, o pesquisador é o mediador entre a análise e a produção da informação, não apenas como transmissor, porque não são fases sucessivas, mas como elo necessário (CARDOSO, 1988, p. 101).

A partir dessas reflexões, descrevo de que modo foi feita a observação participante deste estudo. Início expondo qual *política* microssocial que se desenvolveu entre os informantes e o pesquisador, pois, conforme Zaluar são essas relações – de abrangência micro, pesquisado e pesquisador - que permitirão ao pesquisador permanecer no campo e, conseqüentemente, realizar seu trabalho.

A pesquisa é política no sentido restrito de que impõe ao pesquisador a necessidade de montar estratégias e táticas para conseguir a sua participação (ou presença) no grupo. Para isso, o pesquisador se engaja num circuito de trocas que não se limita às margens das conversas e entrevistas. Presentes, atenções, pequenos favores, e, mais fortemente, atitudes definidas em situações de impasse em que está em causa sua aliança com o grupo estudado ou com os seus “inimigos”, às vezes identificados

¹⁴ Para Da Matta, o processo de “anthropological blues” tem o objetivo de “trazer à luz todo um ‘outro lado’ desta mesma tradição oficial e explicitamente reconhecida pelos antropólogos, qual seja: os aspectos que aparecem nas anedotas e nas reuniões de antropologia, nos coquetéis e nos momentos menos formais. Nas estórias que elaboram de modo tragicômico um mal-entendido entre o pesquisador e o seu melhor informante, de como foi duro chegar até a aldeia, das diarréias, das dificuldades de conseguir comida” (DA MATTA, 1978, p. 26 e 27).

com a classe ou a nação de que faz parte o pesquisador é que vão permitir a continuidade desta presença estranha (ZALUAR, 1988, p. 116).

Além disso, quero destacar que expor essas trocas entre pesquisador e pesquisados, ou, na denominação de Zaluar, essa “política”, permite aos leitores dos trabalhos etnográficos visualizarem, e, quem sabe, contextualizarem, de maneira mais crítica, as interpretações que serão realizadas pelo pesquisador.

2.1. O PRIMEIRO CONTATO COM O GRUPO INVESTIGADO: DAS COINCIDÊNCIAS À ESCOLHA

Mediante leitura da monografia de Dornelles (2004) sobre futebol de várzea em Porto Alegre, obtive as primeiras informações sobre o que *seria* o objeto de estudo desta pesquisa: um universo particular no contexto do futebol de várzea feminino em Porto Alegre.

Através das informações do texto de Dornelles, surgiu a curiosidade de explorar, conhecer, compreender um pouco mais sobre o Futebol de Várzea feminino na capital gaúcha. Comecei a procurar informações sobre onde, por quem, a que horas, em que dias acontecia essa prática esportiva. Entrei no site da Prefeitura da cidade, telefonei para a Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME) e as informações que obtive foram mínimas. No *site* nada aparecia, nos telefonemas que fiz para a SME obtive a informação de que em setembro¹⁵ iria acontecer uma reunião para decidir sobre o Campeonato Municipal de Futebol de Várzea masculino e feminino. Porém, por estar no início do mês de agosto e a vontade de iniciar a investigação era muita, decidi não mais aguardar a *ajuda* da prefeitura para me aproximar desse universo.

Entre em contato com Priscila que, além de ter artigos publicados sobre o tema (DORNELLES e MOLINA NETO, 2005; DORNELLES e MEYER, 2005) praticava futebol de Várzea. Priscila e eu tínhamos sido colegas em disciplinas do curso de graduação, logo me senti à vontade para contatar com ela e falar sobre a temática. Era uma quinta-feira quando conversamos por telefone

¹⁵ O ano era 2006, mesmo ano que iniciei a pesquisa de campo.

sobre algumas das suas experiências vivenciadas no futebol de várzea. No entanto, a conversa não foi animadora, pois, Priscila não participava mais de jogos e também não tinha informações de nenhuma jogadora que continuasse praticando futebol. Porém, com muita disposição para me ajudar, ela se propôs a entrar em contato com alguém e fornecer alguma informação sobre o futebol de várzea feminino em Porto Alegre.

Dias depois, Priscila me informou que em 26 de agosto de 2006, à noite, iria acontecer a abertura do Campeonato Municipal de Futsal de Porto Alegre, tanto feminino quanto masculino, como mostra o meu primeiro diário de campo:

Hoje a Priscila ligou para me avisar que de noite iria começar o Campeonato Municipal de Futsal. Então entrei na página da SME e lá estavam as informações (Diário de campo n°: 1, 26/08/2006).

Ela sugeriu que eu fosse à abertura desse Campeonato, pois muitas jogadoras que participavam dele estavam vinculadas ao futebol de várzea. Entrando no *site* da SME encontrei inúmeras informações sobre esse evento e sobre as tabelas de jogos, horários e locais. Explorando essas informações, constatei que havia 21 times femininos inscritos no campeonato e a abertura seria naquela noite no ginásio Tesourinha¹⁶.

Cheguei ao ginásio por volta das 19h30min quando a movimentação de pessoas era intensa. Lá, havia faixas que davam as boas vindas para os participantes e visitantes do Campeonato Municipal de Futsal. Eram cerca de 600 pessoas nas arquibancadas e cerca de 30 organizadores do evento que circulavam na quadra do ginásio, juntamente com alguns árbitros.



Figura 3: Faixa do Campeonato Municipal de Futsal

¹⁶ Esse ginásio pertence a Prefeitura de Porto Alegre e está localizado no bairro Cidade Baixa da cidade.

As pessoas que estavam nas arquibancadas formavam os diferentes times ou torciam por eles. Essa identificação era possível de ser feita tanto pelos variados fardamentos quanto pelo posicionamento do público nas arquibancadas. Havia grupos formados por homens e mulheres em uma quantidade mais ou menos proporcional, mas, também, se visualizava aqueles em que as mulheres estavam acompanhadas por alguns homens. Quando percebi essas diferentes formações de grupos nas arquibancadas, me aproximei daqueles em que o número de mulheres era maior que o de homens, nesses as mulheres usavam fardamento de times. Ou seja, eram grupos vinculados a times femininos.

Após conversar com algumas pessoas no ginásio, soube que muitas das jogadoras que compunham os times de futsal já haviam praticado futebol de várzea, no entanto, da mesma forma que Priscila, elas tinham parado de jogar. Seus principais argumentos eram: (1) a temperatura dos meses de inverno, (2) a dificuldade de reunir 22 jogadoras de futebol de campo, e, também, (3) a dificuldade de conseguir local (campo de futebol) para realizar os jogos.

Com todas essas informações, questionei-me sobre o porquê de estudar o futebol de várzea, se o universo do futsal feminino que eu observava no ginásio Tesourinha me impressionava a cada minuto. Os 21 times femininos que ali estavam me estimulavam a ficar naquele *possível* contexto de investigação, mas isso ocorria principalmente por se tratar do que eu vinha procurando: um esporte socialmente considerado masculino, mas praticado por mulheres. Com essa inquietação fiquei no ginásio observado cada detalhe das pessoas e dos acontecimentos que eu podia captar.

Quando as minhas aproximações com as jogadoras já não se ateve só ao fato de saber se elas praticavam ou não futebol de várzea, conheci o time de Futsal que se tornou o grupo escolhido, aquele com o qual poderia discutir as questões sobre o associativismo de mulheres em um esporte socialmente considerado masculino.

Minha aproximação com a equipe aconteceu por acaso. Eu estava próxima de algumas integrantes do time quando chegou a Cláudia, que fazia parte da equipe, e me pediu para cuidar da bolsa dela. Eu não a conhecia, e nem ela a mim. No entanto, concordei em cuidar sua bolsa. Após alguns minutos, ouvi Pedro, que é o técnico do time a quem eu já havia me apresentado, pronunciar

meu nome em conversa com Julia e Cláudia. Comecei a prestar atenção no que diziam. Elas falavam para Pedro que eu era amiga da Paula. Eu não sabia quem era a Paula, então interrompi a conversa deles e perguntei: “Quem é Paula?” Ao fazer essa pergunta, todos perceberam que havia uma grande confusão quanto a minha pessoa. Então, expliquei que eu estava ali para fazer uma pesquisa e que não conhecia nenhuma integrante da equipe. Rimos muito, pois a Cláudia estava impressionada por ter deixado a bolsa dela comigo, pensando que eu era amiga de alguém do time.

Outro episódio também proporcionou uma situação descontraída, envolvendo a minha presença no time naquela noite:

Conheci outras componentes do time nesta noite, dentre elas a Michele. Ela chegou uns 30 minutos depois que eu estava junto ao grupo, trazendo chimarrão. Já vestia a camiseta do time. Michele parece ser divertida, logo que chegou foi abraçando todas as companheiras da equipe. Após algumas conversas com suas colegas de time, ela se aproxima de mim, e me pergunta: “Quem é que te trouxe até aqui?” Primeiramente não entendi a pergunta e respondi que tinha vindo sozinha. Então ela quis saber como eu sabia da existência do time delas. Respondi que não sabia, apenas estava ali observando a abertura do campeonato. Então comecei a conversar com a Michele. Perguntei se ela conhecia a Priscila. Ela confirmou e disse que durante a semana uma amiga da Priscila tinha ligado para pedir informações sobre algum time de futebol de várzea. Então expliquei que tinha sido eu quem tinha pedido as informações. Então, caímos na risada, pois Michele quase tinha me perguntado se eu sabia alguma coisa sobre futebol de várzea. Em suma, era eu a amiga da Priscila que queria informações sobre o futebol de várzea. (Diário de campo n°: 1, 26/08/2006).

Se a minha aproximação do time foi por acaso, é interessante ressaltar que a opção por trabalhar com esse time foi intencional e possui algumas explicações.

A primeira é o fato de ser um time que realizava treinos sistemáticos, todos os sábados à tarde. Isso era relevante para a observação que eu desejava realizar: aquela que permitisse ultrapassar os limites de uma simples familiaridade com o contexto, para buscar compreender a lógica desse universo a partir do ponto de vista de quem o constituía (WINKIN, 1998).

A segunda explicação se deve a situações que aconteceram no primeiro contato com a equipe, que possibilitaram uma aproximação descontraída e um bom nível de confiança de ambas as partes. Se houve uma confusão em relação aos meus laços de amizade com a jogadora Paula, aconteceram, também, algumas coincidências que envolveram pessoas comuns ao círculo de

convivência, tanto da parte de algumas integrantes do time quanto da minha: Michele e Glória eram as amigas da Priscila e jogavam futebol de várzea. Para elas, Priscila foi pedir informações para me fornecer. O técnico do time se formou na mesma instituição que eu e conhecia a maioria dos professores que conheço.

Acredito que, com esse relato da aproximação e da escolha do time para a realização da pesquisa, surjam algumas perguntas do leitor: escolher um grupo por razões práticas (treino sistemático, pessoas que inicialmente aceitaram a minha observação e participação para a realização da pesquisa) pode levar a uma escolha *errada* do time a ser estudado? Esse time vai representar um *modelo* adequado para entender os demais times de futsal feminino da cidade de Porto Alegre? Ou, ainda, esse time vai mostrar como acontece o associativismo feminino de esportes socialmente considerados masculinos de forma *correta*? Para responder essas perguntas, proponho uma reflexão sobre a seguinte questão:

Quantos estudantes de ciências sociais se lamentam por não terem selecionado, na população estudada, “operários verdadeiros”, “quadros verdadeiros” ou “artesãos verdadeiros” [ou ainda “jogadoras de futsal verdadeiras”], acreditando que o problema é metodológico quando de fato se trata de erro de concepção do mundo social? (LAHIRE, 2002, p. 18).

Afirmar que a escolha de determinado time (e não outro) seria um “problema metodológico” (LAHIRE, 2002, p. 18) é aceitar que há uma única forma de se praticar o futsal feminino e que eu, na qualidade de pesquisadora, deveria *achar* o time de futsal feminino “verdadeiro” para a realização desta pesquisa. No entanto, compartilho da “concepção de mundo social” (LAHIRE, 2002, p. 18) em que a diversidade cultural, as diversas formas de apropriação de uma mesma prática social/fenômeno cultural e os diversos significados que lhe são atribuídos depende de valores, regras e sentidos dados pelas pessoas que nele estão inseridas.

Proponho e também compartilho da idéia de que não é possível ocorrer uma escolha *errada* do time a ser estudado, porque não existe um modelo adequado e nem um time que represente, de forma *correta e universal*, o associativismo feminino em esportes socialmente considerados masculinos pelo simples fato de que há inúmeras formas de praticar o futsal.

2.2. COMO FOI REALIZADA ESTA PESQUISA ETNOGRÁFICA

Partindo do dia 26 de agosto de 2006, quando conheci o time de futsal feminino que decidi investigar, realizei 51 idas a campo até o dia 3 de agosto de 2007. Cada encontro com a equipe foi relatado em um diário de campo, contendo o maior número de informações que pude captar. Os diários de campo foram construídos a partir das três funções que Winkin (1998) destina a esse registro: função *empírica*, *catártica* e *reflexiva*. Baseada nesse autor elaborei o esquema a seguir:

Diário de campo n°: _____ dia: _____ horário: _____ local: _____		
Descrição	Sensações	Bibliografia
Função empírica: Descrição dos acontecimentos com o máximo de detalhes.	Função catártica: relato de sentimentos e sensações que tive.	Função reflexiva: reflexões teóricas e conceitos que ajudam a compreender tal situação.

Figura 4: Estrutura dos diários de campo

Fonte: elaboração própria

As citações do diário de campo que realizei neste estudo se referem à coluna “Descrição”, pois as “Sensações” e a “Bibliografia” que me remeteram a tal situação são expostas no decorrer do texto, durante as análises dos fatos.

Na maioria das vezes, as idas a campo foram realizadas aos sábados à tarde¹⁷ e tiveram, aproximadamente, a duração de três horas cada. Durante as idas a campo, participei de diferentes atividades do time em diferentes lugares: oito momentos festivos, 21 treinos, 24 jogos oficiais, um congresso técnico e cinco jogos de paddle. Os treinos aconteceram sempre no mesmo ginásio em que o time aluga uma quadra por duas horas semanais. Os jogos oficiais foram realizados em diversos ginásios da Grande Porto Alegre¹⁸ e os momentos festivos aconteceram em casas de integrantes do time, em restaurantes da cidade e na minha casa. Antes de continuar a descrever o processo da realização da pesquisa

¹⁷ Foram 29 idas a campo aos sábados, dez vezes aos domingos, oito vezes às sextas-feiras, três vezes às quintas-feiras e um dia na terça-feira.

¹⁸ Ginásio Tesourinha, Ginásio ASTTI, Ginásio Cecopam, Ginásio Ararigbóia todos localizados em Porto Alegre e ginásio Krahe localizado em Viamão.

apresento um quadro descritivo dos componentes da equipe para facilitar a leitura do leitor.

Quadro descritivo dos componentes da equipe			
Nome	Idade	Atividade Profissional	Característica no Time
Ana	22	Operadora de <i>sites</i>	Capitã do Time
Carol	16	Estudante do ensino fundamental	Praticante da equipe
Cláudia	-	Trabalha na empresa da família no ramo da administração	Praticante da equipe
Débora	-	Trabalha no ramo de administração	Praticante da equipe
Denise	29	Fisioterapeuta	Praticante da equipe
Eduardo	-	Trabalha como porteiro de um prédio	Marido de Graciele
Glória	36	Trabalha no ramo de administração	Praticante da equipe
Graciele	27	Zeladora	Praticante da equipe
Guilherme	-	Trabalha como assessor de um vereador	Marido de Ana
Helen	8	Estudante de ensino fundamental	Sobrinha de Glória
Helena	30	Contabilista	Praticante da equipe
Julia	29	Cobrador de ônibus	Praticante da equipe
Laura	27	Empresária	Praticante da equipe
Lísia	28	Esteticista facial e manicure	Companheira da Luana
Luana	36	Podóloga	Praticante da equipe
Luisa	21	Trabalha (não sei a área)	Praticante da equipe
Márcia	-	-	Praticante da equipe
Michele	41	Técnica em eletro-eletrônicos	Praticante da equipe
Paula	-	Trabalha	Praticante da equipe
Pedro	35	Professor de Educação física	Técnico da equipe
Rossana	23	Empresária	Companheira de Laura
Sabrina	-	-	Filha de Graciele
Silvana	19	Estudante de Educação Física	Praticante da equipe

Tiago	6	Estudante de ensino básico	Filho de Débora
Valéria	26	Estudante de química	Praticante da equipe

Figura 5: Os componentes da equipe¹⁹
 Fonte: elaboração própria

No primeiro contato com o grupo a ser investigado houve muita receptividade, mas minha inserção no time aconteceu lentamente, a cada dia em que fui a campo. No primeiro treino que fui assistir, por exemplo, fiquei observando o treino do lado de fora da quadra, na parte da entrada do ginásio. Minhas conversas tanto com as jogadoras quanto com o técnico do time foram pequenos diálogos sobre aspectos gerais do treino e também sobre a vida dessas pessoas.

Já, no segundo treino, percebi maior interação das praticantes e de Pedro comigo. Em primeiro lugar, pude assisti-lo de dentro da quadra de futsal, o que me permitiu observar e interagir mais com o grupo. Em segundo lugar, houve, nesse treino, um jogo amistoso com uma equipe adversária, o que me possibilitou ficar mais perto das jogadoras do time em estudo, uma vez que estavam na reserva. Essa proximidade fez com que elas percebessem que eu estava torcendo pelo time e, também, proporcionou algumas conversas mais longas com a jogadora Glória (goleira do time que ficou todo o jogo no banco). Essa situação foi uma ótima oportunidade para que eu compreendesse um pouco mais os aspectos presentes no universo do futsal feminino investigado.

Nesse segundo treino, ficou visível que a minha inserção no grupo estava avançando. No entanto, isso acontecia apenas com algumas jogadoras. A Glória, por exemplo, falava comigo sobre sua opção sexual e os seus sentimentos em relação à sua ex-namorada que jogava no time adversário. Michele, no mesmo dia, não se sentia à vontade de falar sobre sua vida pessoal.

No feriado do dia 12 de outubro de 2006, uma quinta-feira, a equipe realizou um churrasco comemorativo das aniversariantes do mês de setembro na casa da integrante do time Denise. Inicialmente, fiquei em dúvida se deveria ou não participar dele, porque seria na cidade de Harmonia. Como não dirijo, eu tinha que ir e voltar de carona com alguém, pois havia apenas um ônibus

¹⁹ As informações não explicitadas se devem a não obtenção das mesmas.

intermunicipal que viria de Harmonia até Porto Alegre e somente às 22 horas. O fato de ter que ir de carona não me incomodava, pois as jogadoras que tinham carro ofereceram carona para aquelas que não tinham, e eu fui incluída nessa turma. No entanto, preocupava-me com o horário da retorno, pois o churrasco seria ao meio-dia. Tinha receio de não gostar do ambiente, das ações, das conversas, pois até esse dia todos os meus encontros com essas pessoas haviam sido em ginásios e estavam relacionados à prática do futsal. Confiei no grupo e decidi ir ao churrasco, mesmo sem saber a que horas o grupo retornaria. Percebi que o fato de eu confiar nelas fez com que elas também confiassem em mim.

O churrasco foi importante para conhecer outros aspectos da vida das integrantes do time. Tive várias conversas com algumas jogadoras em que o assunto extrapolava a questão do futsal. Os assuntos giraram sobre as eleições que estavam acontecendo naquele período, comidas, artistas, bebidas, cigarros, relacionamentos, homo e heterossexualidade...

Outro momento importante que demonstrou minha integração ao grupo foi no dia 9 de dezembro de 2006 quando a equipe estava participando das fases finais do torneio “CECOPAM”²⁰ e obteve o segundo lugar na classificação geral. Cada participante do time ganhou uma medalha, e a equipe, um troféu. O fato de eu ter participado desse torneio incentivando as jogadoras, reclamando para o juiz de algumas falhas, acalmando algumas quando foram expulsas, rendeu-me uma medalha. No entanto, Pedro, Laura e Julia, os principais representantes do time, decidiram que o troféu do torneio também deveria ficar comigo, pois eu tinha sido a “melhor componente da equipe”. Quando ganhei o troféu, me emocionei muito. Apesar de não estar jogando com as meninas, devido, principalmente, ao alto nível técnico delas e o meu baixo conhecimento de futsal, eles reconheceram a minha participação *fora* da quadra. Esse troféu, para mim, significou muito mais do que uma vitória em um torneio, foi uma demonstração de aceitação da minha presença no grupo.

Além desses momentos que me fizeram sentir pertencente ao time, houve outros que não envolveram a equipe inteira, apenas alguns integrantes em

²⁰ Torneio de futsal feminino realizado pela prefeitura de Porto Alegre no bairro Cavallhada.

cujo meio as relações de amizade ultrapassam os momentos vivenciados junto à equipe. Esse grupo mais restrito foi constituído pelas jogadoras Luana e a sua companheira Lísia, Laura e sua companheira Rossana, Helena, Julia, e o técnico Pedro. Essas pessoas possuem uma relação de amizade há mais de cinco anos, sendo que algumas foram formadas anteriormente. Eles se conheceram a partir do futsal e compartilharam, a partir daí, diversos momentos que foram além da prática esportiva. Na festa de Ano Novo 2006 para 2007, todos estavam juntos na casa de praia do Pedro.

Em junho de 2007, esse grupo me convidou para participar dos jogos de paddle que eles realizam uma vez por semana. Ao iniciar a jogar paddle com eles, comecei a fazer parte de outras atividades, inserindo-me, de vez, no grupo. Foi com essas pessoas que tive maior contato, o que me possibilitou discutir relações de amizade, tema central do capítulo 6 desse estudo.

Outra forma de coleta de informações, além da ida a campo, foi a utilização da internet. Tive acesso a muitas mensagens via net circulavam entre as jogadoras. Até o início de agosto de 2007, momento que finalizei as observações, eu já havia recebido mais de 150 mensagens delas. Esse acesso foi obtido graças a uma relação de troca que estabeleci ao começar a tirar fotos do time. Fiz uma lista de endereços eletrônicos para enviá-las aos integrantes da equipe. Com isso, me interei de todas as mensagens que circularam nesse período.

Enviei várias fotos para as jogadoras, o que também possibilitou que elas tivessem um maior contato comigo. Por exemplo, no dia em que aconteceu o churrasco na casa da Denise (12/10/2006), muitas pessoas que não faziam parte do time, mas, sim, das relações familiares e de amizade das jogadoras compareceram. As fotos que então bati foram comentadas durante não só durante os treinos, mas também em outros momentos, principalmente, por quem não participava da equipe e fora fotografado durante o churrasco. Com isso, essas fotos se tornaram uma forma de iniciar uma conversa e até geraram alguns questionamentos relativos às jogadoras.

Além das mensagens eletrônicas, outra ferramenta da internet também me auxiliou na coleta de informações esse grupo: o programa de relacionamento ORKUT no qual o time criou uma comunidade para as pessoas que integravam a

equipe e para aquelas que, de alguma forma, estariam envolvidas com ela. Na descrição da comunidade está escrita a seguinte frase: “COMUNIDADE DEDICADA AOS INTEGRANTES E ADMIRADORES DESTE GRANDE TIME” (frase da comunidade do Orkut do time, copiada da página no dia 13 de fevereiro de 2007). Nessa comunidade, há 35 integrantes, mas nem todas as jogadoras são participantes. Essa página possui, como moderadora²¹ uma das integrantes do time (Rossana) e serve, principalmente, para troca de informações sobre a sua organização. Várias vezes, através dela, as jogadoras e o técnico combinaram horários de treinos, lugares de jogos e também faziam algumas “brincadeiras” relacionadas a situações que os envolveram. A seguir, exponho a listagem de algumas discussões ocorridas nessa comunidade. Os nomes dos autores do tópico, por questões éticas, foram apagados.

tópico	autor	postagens	última postagem
Volta aos Treinos		1	04/02/07 15:10
novidade		1	25/01/07 11:55
Morte		2	23/01/07 12:08
CAMPANHA I	EM 2006.	2	21/12/06 21:15
CAMPANHA I	EM 2006. PARTE 2	0	21/12/06 21:14
CAMPEÃO DO MUNDO		1	18/12/06 11:18
Quadra		1	14/12/06 09:12
COPA CECOPAM 2006		1	10/12/06 16:15
AMIGOS SECRETOS		4	09/12/06 20:07
eliminação do municipal/2006		2	27/11/06 15:19
vitória no municipal/2006		1	22/11/06 17:07
MUNICIPAL DESORGANIZADO		5	20/11/06 20:10
a derrota		1	13/11/06 17:50
Hora das desaparecidas mostrarem que estão aqui!		3	08/11/06 12:02
TORNEIO ASTTI		4	07/11/06 11:50
2ª FASE MUNICIPAL		6	06/11/06 17:38
Churras??		5	13/10/06 11:23
O BOLO		2	04/10/06 19:56
azar de quem perdeu		5	22/09/06 10:18
parabéns p/ capitã!!!!!!!		2	15/09/06 18:41
1ª fase MUNICIPAL		5	11/09/06 18:21
denúncia!!!!!!! URGENTE...		3	04/09/06 19:29
elite jogos		1	01/09/06 17:03
PARABÉNS		6	29/08/06 10:38
MARASMO		19	29/08/06 10:16
Municipal		1	25/08/06 10:45

Figura 6: Tópicos do orkut
Fonte: devido questões éticas não é explicitada

²¹ Moderadora é o nome dado pelo programa ORKUT para aquela pessoa que opera livremente na página, é esta pessoa que irá, por exemplo, aceitar ou não novos integrantes na comunidade.

Como demonstra a Figura 6, os tópicos de discussão representam parte das vivências do time, ou seja, ao analisá-los durante meses, por exemplo, observo que em agosto houve um tópico denominado “Municipal”, referindo-se ao início do Campeonato Municipal de Futsal de Porto Alegre. No mês de setembro, as informações eram sobre a primeira fase; no mês de novembro, o tópico referia-se à segunda fase em que houve uma reclamação do time sobre a organização do campeonato organizado pela Prefeitura da cidade de Porto Alegre. Após, nesse mesmo mês, aconteceu a eliminação do time do campeonato.

Também foram realizadas dezessete entrevistas com alguns participantes da equipe para a obtenção de informações²²: uma com Silvana, Valéria, Denise, Graciele, Ana, Lísia e Luana e duas com Pedro, Helena, Julia, Laura e Rossana. Tendo como referência o pensamento de Oliveira (1998) de que a realização das entrevistas nas investigações são momentos de “um ouvir todo especial” (p. 22) do investigador em relação aos investigados, essas entrevistas se realizaram dois meses após o término da observação participante. Essa estratégia metodológica possibilitou a realização das entrevistas com base nas informações coletadas após um ano de convivência com a equipe investigada. Nesses dois meses (agosto e setembro de 2007), analisei as informações obtidas no campo e privilegiei aquelas que mais se destacavam. Assim, ficaram três os temas principais a serem abordados, sendo que para cada um deles confeccionei um roteiro de entrevista (Apêndices 1.1; 1.2; e 1.3). Para discussão de cada tema foi destinado um capítulo desta dissertação.

O primeiro tema abordado foi o esporte. Destinei o quarto capítulo deste estudo para compreender de que maneira o futsal era vivenciado por suas praticantes. O segundo tema, constante no quinto capítulo, ateu-se à homossexualidade presente no grupo de mulheres investigado. Finalmente, o último, abrangeu as relações de amizade que aconteciam na equipe estudada, privilegiando, nesse tópico, aquele grupo de amigos que, além de se encontrarem durante os treinos e jogos oficiais da equipe, compartilhavam outras vivências.

²² Nas entrevistas abordei mais de uma temática. Para algumas pessoas, decidi fazer em dois encontros.

	PESSOAS ESCOLHIDAS	Capítulos da dissertação		
		4° capítulo	5° capítulo	6° capítulo
1	Pedro	X	X	X
2	Laura	X	X	X
3	Luana	X		
4	Lisia			X
5	Rossana		X	X
6	Julia	X	X	X
7	Ana	X		
8	Graciele	X		
9	Helena	X	X	X
10	Denise	X		X
11	Valéria	X		X
12	Silvana	X		

Figura 7: Entrevistas realizadas
Fonte: elaboração própria

Conforme a Figura 7, alguns integrantes da equipe foram escolhidos para a realização das entrevistas. É importante perceber que os entrevistados foram selecionados para responder determinados roteiros de acordo com a abordagem de cada capítulo. Isso se deveu a questão da representatividade da pessoa no grupo investigado, segundo destacada por Oliveira (1998), e também devido à relação informante-pesquisador ser próxima. Assim, explícito, agora, porque essas pessoas foram escolhidas para tais temas na realização das entrevistas:

- Pedro: é o técnico da equipe e possui relações muito próximas com as jogadoras. Além disso, ele faz parte do grupo de pessoas que delimitar para estudar relações de amizade.

- Laura: é uma das praticantes que propôs e efetivou o surgimento da equipe. No início da pesquisa, minha relação com Laura era muito tímida, pois ela não participava dos treinamentos por ter se lesionado em julho de 2006. Chegava ao ginásio perto do fim do treino e ficava conversando com várias integrantes e o

técnico. No ano de 2007, ela voltou a treinar. Minha relação com ela se intensificou. Ela também faz parte do grupo de amigos que analiso nesta investigação.

- Luana: integra a equipe desde o início. Conforme as observações que realizei, é a jogadora que mais está presente nos momentos do time. Faz parte do grupo de pessoas que delimito para estudar relações de amizade.

- Lísia e Rossana: não são praticantes de futsal, são companheiras das jogadoras Laura e Luana, respectivamente. Elas acompanham a maioria dos treinos e jogos oficiais e atividades extraquadra da equipe, e também fazem parte do grupo de pessoas escolhidas para estudar relações de amizade.

- Julia: é uma das praticantes que propôs e efetivou, juntamente com Laura, a composição da equipe. Julia é cobradora de ônibus e por causa desse trabalho participa dos treinos somente de quinze em quinze dias. Apesar da dificuldade de horários, esta presente em alguns momentos do grupo de amigos investigado.

- Ana: é a capitã da equipe.

- Graciele: iniciou a jogar na equipe recentemente. Na maioria dos treinamentos, ela está acompanhada do marido e de uma filha, embora tenha duas. Ela trabalha como zeladora de um prédio. Pratica futebol e futsal desde os 11 anos de idade.

- Helena: é a pessoa com quem mais encontrei afinidade devido, principalmente, ao maior tempo de convívio. Além dos encontros semanais, nos treinos da equipe, em 2006, pediu-me para ajudá-la a elaborar um texto para a Faculdade, o que proporcionou alguns encontros extras. Em 2007, também continuei tendo um tempo maior de convívio com ela, pois, uma vez por semana, a encontrava em uma academia, auxiliando-a no reforço muscular na perna que ela machucara em 2006, durante um torneio. Foi capitã da equipe por três anos.

- Denise: é formada em fisioterapia e teve muito interesse em saber o que seria esta investigação. Ela mora na cidade de Harmonia. Vem todos os sábados a Porto Alegre para participar dos treinos e visitar sua família que reside na capital. Outro aspecto que faz de Denise uma informante privilegiada é o fato de sua namorada também ser integrante da equipe. Considero a questão da homossexualidade importante para a investigação, principalmente porque não

acontece apenas entre Denise e sua namorada, mas entre várias integrantes da equipe.

- Valéria: foi convidada pela Denise para integrar a equipe. Foi entrevistada juntamente com ela sobre o tema da sexualidade, pois ambas abordavam, frequentemente, esse assunto comigo durante a pesquisa.

- Silvana: além de jogar nesse time, participa de outra equipe. Iniciou nesse grupo em março de 2007. No primeiro mês no time, foi escolhida a “jogadora do mês”.

Após realização das entrevistas, realizei as transcrições das mesmas e as devolvi para as pessoas entrevistadas as quais leram a transcrição, fizeram algumas alterações e me devolveram juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinados (Apêndice 1.4).

CAPÍTULO 3

ESPORTE, HOMOSSEXUALIDADE E AMIZADE: ELEMENTOS IMPORTANTES DO ASSOCIATIVISMO DAS MULHERES INVESTIGADAS

Apresentar o que denomino de associativismo é o primeiro objetivo desse tópico. Início com a descrição de um filme que relata um tipo de associativismo entre mulheres e, apoiada em Simmel (1983), realizo uma tentativa de compreensão em relação a esse conceito. Para finalizar, apresento os argumentos que me fizeram destacar o esporte, a homossexualidade e a amizade no associativismo das mulheres que investiguei.

O filme “Colcha de Retalhos” narra a história de sete mulheres, de uma cidade do interior, que se reúnem, diariamente, com a finalidade de confeccionar colchas com retalhos de tecidos. Essas mulheres, de idades diferentes, embora possuam variadas trajetórias de vida, se unem através de um trabalho artesanal. Com a finalidade de fabricar uma de suas colchas, que será o presente de casamento da neta (*Finn*) de uma delas (*Glady*), *Anna*, coordenadora do grupo, propõe que o tema dessa colcha seja “onde reside o amor”. Cada mulher que participa dessa confecção destaca o significado do tema escolhido em sua vida, ao mesmo tempo, demonstrando a importância que a peça, como um todo, possui. São explicitadas, no decorrer do filme, as diferentes relações sociais que ocorrem entre elas.

Algumas dessas mulheres são amigas, outras possuem laços de parentesco, há, também, as inimigas que revelam ressentimentos e chegam a brigar. Glady empresta a casa para que lá sejam confeccionadas as colchas, Anna coordena o processo, e todas trazem a matéria-prima: os retalhos de tecidos. Em vários momentos, durante a confecção da colcha, elas riem, em outros choram, conversam, gritam ou se calam. Seus encontros acontecem também em ocasiões diferentes daqueles destinados à elaboração das colchas. Resumindo, o filme demonstra as inúmeras relações sociais presentes em um grupo de mulheres que se reúnem com uma finalidade.

Algumas intelectuais já discorreram sobre o filme. Duarte (2003), por exemplo, considera que as mulheres que dele fazem parte “contam suas histórias de vida umas às outras, trocando idéias, saberes, e experiências sobre seu lugar

na sociedade” (p. 7). Já, Almeida (2003), considera que o filme “Colcha de Retalhos” trata do tema da amizade feminina. Para Campello (1999), o enredo do filme²³ enfoca uma maneira que as mulheres encontraram de se expressar em uma época que elas iam “escrevendo com agulha e linha suas histórias” (p. 223), pois

enquanto os homens tinham a taberna ou o *saloon*, o mercado ou a praça para encontrarem, as mulheres tinham o *quilting bee*, ou seja, a reunião de bordadeiras em casa de uma delas, para confeccionar o *quilt*. As mulheres passavam muito tempo na companhia de outras mulheres, por isso criaram redes de trabalho homossexuais, que as ajudaram a transcender a vida doméstica alienada. Enquanto bordavam, compartilhavam crenças, fantasias, dramas, ideais e sonhos (CAMPELLO, 1999, p. 222).

Essas autoras analisam o filme com um *olhar* diferenciado. Duarte destaca as histórias de vida das personagens do filme, Almeida se preocupa com a amizade feminina, e Campello destaca significados atribuídos os encontros proporcionados pela confecção da colcha.

As reflexões aqui propostas sobre o filme problematizam o conceito de associativismo, em especial, o feminino. O que significa isso? Que tipos de relações sociais podem estar presentes em um associativismo feminino? Quem pode participar? O que é falado? O que é omitido? Quem pode falar? Por quê? Quem não pode falar? Por quê?

Na tentativa de compreender o conceito de associativismo, recorro aos estudos de Simmel e, em especial, ao seu conceito de sociação. Para esse autor, a área de estudos da Sociologia e o conceito de sociação por ele cunhado se relacionam com as “formas que tomam os grupos de homens, unidos para viver uns ao lado dos outros, ou uns para os outros, ou então uns com os outros”²⁴ (1983, p. 47). O conceito de sociação engloba as inúmeras formas de interação entre indivíduos, desde a interação com algum fim específico até a interação pela

²³ Essa autora, na realidade, faz suas análises sobre o romance de Whitney Otto que deu origem ao filme: *How to Make an American Quilt* (Colcha de retalhos: uma mulher em busca de amor e liberdade).

²⁴ Segundo minhas interpretações e tendo em vista os *avanços* que o feminismo trouxe para os estudos de gênero, a palavra “homem” utilizada por Simmel se refere a seres humanos.

interação. Essa última, as relações de sociabilidade²⁵, é, muitas vezes, confundida com as relações de amizade.

Esses ensinamentos de Simmel, apesar de datarem de 1914, são requisitados em pesquisas atuais. Wacquant (2002), por exemplo, para interpretar as relações entre os boxeadores do “gym da rua 63” (p. 13), se apropria do conceito de sociabilidade, cunhado por Simmel, definindo-o como “processos puros de associação que têm seu fim neles mesmo, essas formas de interação social no limite desprovidas de conteúdo ou dotada de conteúdos socialmente anódinos” (WACQUANT, 2002, p. 56).

Se sociação, para Simmel, consiste nas interações *entre, com, contra* e *para* indivíduos, é possível interpretar o *associativismo* como um tipo de sociação. Associativismo, pensado de acordo com o conceito de sociação de Simmel, envolve, então, a formação de um grupo pelas relações sociais que surgem entre seus integrantes com determinado fim. Análise, inicialmente, duas maneiras principais de associativismo: as institucionalizadas e as sem vínculo institucional, que é o foco desta análise.

Reflito sobre o associativismo informal em que as relações sociais são estabelecidas pelas pessoas durante o cotidiano do grupo. As formações desses associativismos têm finalidades, características, peculiaridades, valores que não podem ser compreendidos através das categorias de análises presentes no associativismo institucionalizado²⁶, ou de categorias *a priori*. Com isso, o filme “Colcha de Retalhos” auxilia, em certa medida, a compreender formas de associativismo feminino sem vínculo institucional. Em um trecho do filme se percebe que tipo de relações podem ser encontradas em um associativismo feminino informal. É o que se passará a analisar através do seguinte diálogo:

²⁵ González (2007), ao fazer um esforço para compreender os significados da palavra sociabilidade no campo das práticas corporais, demonstra os diversos significados que essa noção possui nos estudos que se aproximam das ciências sociais.

²⁶ Os associativismos com vínculos institucionais são alvo de estudos acadêmicos de forma mais intensa que aqueles que não o possuem. Ver: (1) LABRA, Maria Eliana; FIGUEIREDO, Jorge St. Aubyn de. Associativismo, participação e cultura cívica: O potencial dos conselhos de saúde. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, 2002. (2) KERSTENETZKY, Celia Lessa. Sobre associativismo, desigualdades e democracia. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 18, n. 53, 2003. (3) FERREIRA, Marcelo Costa. Associativismo e contato político nas regiões metropolitanas do Brasil: 1988-1996. Revisitando o problema da participação. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Pau v. 14, n. 41, 1999.

Anna: Não sei o que fazer com essa peça amarela. Tira toda a harmonia. *Constance*, por que fez isto?

Constance: Pelo que eu entendi, o tema é "Onde mora o amor". Para mim, é no jardim de Chickie.

Anna: Podia ter posto flores rosas e azuis no Jardim de Chickie.

Constance: As rosas de Chickie eram amarelas.

Glady: *Constance*, todas nós gostaríamos de usar outras cores, mas devemos respeitar a opinião de *Anna*.

Hy: Por que temos de ser tão estritas? Pelo amor de Deus!

Mariana: É para *Finn*, mãe, não é para um concurso.

Anna: Não me importa se é para a primeira dama ou uma vagabunda, deve-se cumprir as regras.

Mariana: Às vezes é preciso infringir as regras para dar vitalidade.

(...)

Em: Eu vivo com alguém que há 30 anos infringe as regras. Não venho aqui para me esfregarem isso na cara.

Constance: Eu venho aqui e costuro.

Glady: Sabe, *Constance*, *Em* faz parte do clube há muito mais tempo que você. Estamos agora em uma situação delicada.

Constance: Está bem. Eu me vou. Francamente eu não me importo. (ela sai da sala e vai para a sacada da casa onde começa a conversar com *Finn*). O mais difícil de ser mulher é ter amigas.

Finn: Para mim, o mais difícil é não poder ser amiga de um homem.

Constance: Isso é verdade.

O trecho destacado do filme demonstra inúmeras relações sociais entre as mulheres integrantes daquele associativismo:

- relações familiares: *Anna* é mãe de *Mariana*; *Glady* é irmã de *Hy*, e *Finn* é neta de *Glady*;

- relações hierárquicas: *Anna* define como deve ser a colcha devido a sua experiência nesse tipo de artesanato. *Em* permanece no grupo no momento de um impasse devido ao fato de *Constance* ter entrado no grupo mais recentemente;

- relações afetivas: quando *Em* declara que vive há 30 anos com alguém, mesmo sabendo que ele a trai;

- relações profissionais: as colchas que elas geralmente confeccionam são para concursos;

- relações de amizade: quando *Constance* conversa com *Finn* sobre o quão difícil é ser amiga de outra mulher;

- relações de sexualidade: o impasse entre *Constance* e *Em* acontece devido às relações sexuais que *Constance* teve com o marido da *Em*.

As seis relações sociais observadas no filme analisado – relações de amizade, hierarquias, afetivas, profissionais, familiares e sexuais – ajudam visualizar as interações sociais que compõem o associativismo dessas mulheres que se reúnem para fazer peças artesanais.

Quanto ao grupo de mulheres que investiguei neste estudo, diversas são as interações sociais que acontecem. Para visualizá-las, compreender como ocorre e o que sustenta o associativismo entre elas, descrevo a seguir alguns aspectos gerais do grupo.

3.1. ASPECTOS GERAIS DO TIME

O grupo com o qual realizei as observações foi inicialmente organizado por duas jogadoras – Laura e Julia. Elas foram as responsáveis pela organização do Time²⁷, após um ano do término da antiga equipe da qual faziam parte. Segundo a informante Laura

a idéia surgiu, acho que mais de um... Sei lá, de um tempo que a gente tinha, da saudade que a gente tinha da época. Porque na realidade o antigo time se rompeu de uma hora para a outra, assim né. Não foi uma coisa assim pensada e acabou. Não. Ele que acabou de uma hora pra outra. Então foi mais acho que por causa disso, né. Pelo tempo que era legal antes do rompimento ... e agente resolveu retornar (LAURA, 24/9/2007).

Nas conversas informais com o técnico do equipe, foi possível compreender que a retomada do antigo grupo, na formação atual, aconteceu quando Laura e Julia resolveram pedir ajuda a Pedro (técnico do antigo time), para reunir algumas jogadoras já conhecidas dele e compor um novo time de futsal. As jogadoras convidadas a integrar a nova equipe foram escolhidas a partir de dois aspectos: o técnico e o pessoal.

A nossa decisão foi a seguinte: a gente ia chamar pessoas não só... a gente não olhava só muito, só o lado de jogadora. E sim do lado pessoa também. ... Então a gente retomou com as pessoas mais antigas [do antigo time], no caso a Luana, a Helena,

²⁷ Por questões éticas, para não expor o nome da equipe investigada, nomeio-a de “Time”, com a primeira letra em maiúscula.

a Michele. Aí depois a gente foi chamando o pessoal mais novo. Fomos atrás do ginásio, né (pensativa). Conceituando as pessoas que seriam um pouco diferente, teriam que pagar. Antes a gente tinha apoio né, no caso, agora não. Então a coisa partiu mais ou menos assim (LAURA, 24/9/2007).

O antigo time que Laura, Julia e Pedro faziam parte possuía patrocínio²⁸. Assim, as jogadoras não tinham despesas para jogar e foi devido ao cancelamento do patrocínio que o time anterior acabou. Por outro lado, o Time atual nunca teve patrocínio e todas as despesas eram para ser “rachadas” entre as participantes. Contudo, no período da minha convivência com a equipe, ficou visível que algumas despesas eram pagas por jogadoras com melhor condição financeira, enquanto outras, sem recursos, eram dispensadas do pagamento. A divisão da mensalidade do ginásio custou, em 2007, R\$13,00 por jogadora. As inscrições para torneios e campeonatos variavam de R\$ 45,00²⁹ à R\$ 153,00³⁰ por equipe. Conforme Luana, o fato de as despesas ultrapassarem o pagamento do ginásio e das inscrições das competições provocou uma seleção de quais competições o Time participaria:

Hoje em dia não é só as inscrições ... tu tem que pagar a arbitragem, é entre R\$30,00 R\$35,00 por jogo. Agora a gente tá competindo na Taça Gaúcha, que a gente teve que fazer uma escolha, competir na Taça Gaúcha ou competir o Municipal, e eu acho que a gente tinha condições de competir os dois. Aí eu abri mão de guardar um dinheirinho e eu ... eu Luana patrocinei, estou patrocinando a Taça. Eu que pago a arbitragem (LUANA, 25/9/2007).

Além das contribuições financeiras de Luana para a equipe, outras jogadoras pagam além do combinado. Laura e Julia, por exemplo, todos os finais de mês recolhem o dinheiro referente ao aluguel do ginásio onde o Time treina. No entanto, esse dinheiro poucas vezes é suficiente, fazendo com que estas duas jogadoras completem o valor do aluguel da quadra. Essas contribuições financeiras de Luana, Laura e Julia são feitas com a finalidade de não deixar o

²⁸ Não identifico o nome do antigo time e do patrocinador por questões éticas.

²⁹ O Torneio CECOPAM, organizado pela prefeitura de Porto Alegre, teve como taxa de inscrição o valor de R\$ 45,00.

³⁰ O campeonato “4º Taça Gaúcha de Futsal” custou para o Time R\$ 153,00 de inscrições. Até um determinado período havia uma promoção em que o valor por atleta era de R\$ 9,00 e após este passou a ser de R\$ 18,00. O Time inscreveu treze jogadoras pelo valor promocional e duas pelo valor de R\$ 18,00.

time acabar, pois não é consenso entre elas que algumas jogadoras contribuam mais que outras:

Raquel: E como é que o time se mantém financeiramente?

Laura: Não, na realidade a gente tenta, na maioria do possível, rachar. Nunca dá certo, né. Porque, na realidade, a Julia e eu, a gente sempre briga muito nisso. Por que a Julia, ela quer sempre amenizar na parte das meninas [referindo-se as demais jogadoras]. E eu digo: “não, se todo mundo está aqui, todo mundo tem que arcar com as suas coisas”. Então acaba que sempre sobra alguma coisa pra que a gente coloque a mais. Então, na realidade, elas [as outras jogadoras] dão uma ajuda, mas o resto a gente acaba colocando (LAURA, 24/9/2007).

Atualmente, o time possui dezessete praticantes de futsal e um técnico. As integrantes da equipe têm entre dezesseis a 41 anos de idade. A maioria delas trabalha, e as profissões são bastante diversificadas: empresária, podóloga, zeladora, fisioterapeuta, contadora, cobradora de ônibus, atualizadora de páginas da *web*, técnica em eletroeletrônicos e secretária. Há mulheres que estudam. Algumas estão cursando o ensino fundamental e outras o superior. Em relação às condições financeiras, há heterogeneidade entre as integrantes da equipe. Algumas possuem carro, moram em bairros considerados *nobres* e em imóveis próprios; outras residem na periferia, em imóveis alugados e não têm carro. A maioria mora em Porto Alegre ou Viamão³¹. Duas jogadoras se deslocam da cidade de Harmonia³² para participar das atividades da equipe. Há quem dependa financeiramente dos pais, quem se sustente e quem, além de se sustentar, mantém os pais. Também se consideram pertencentes ao time parceiros, parceiras e familiares de algumas jogadoras.

Abaixo apresento um esquema para facilitar a compreensão de quem faz parte da equipe e suas relações técnico-afetivas:

³¹ Cidade distante 30 Km de Porto Alegre.

³² Segundo informações da Valéria, a cidade de Harmonia dista cerca de 80 quilômetros de Porto Alegre.

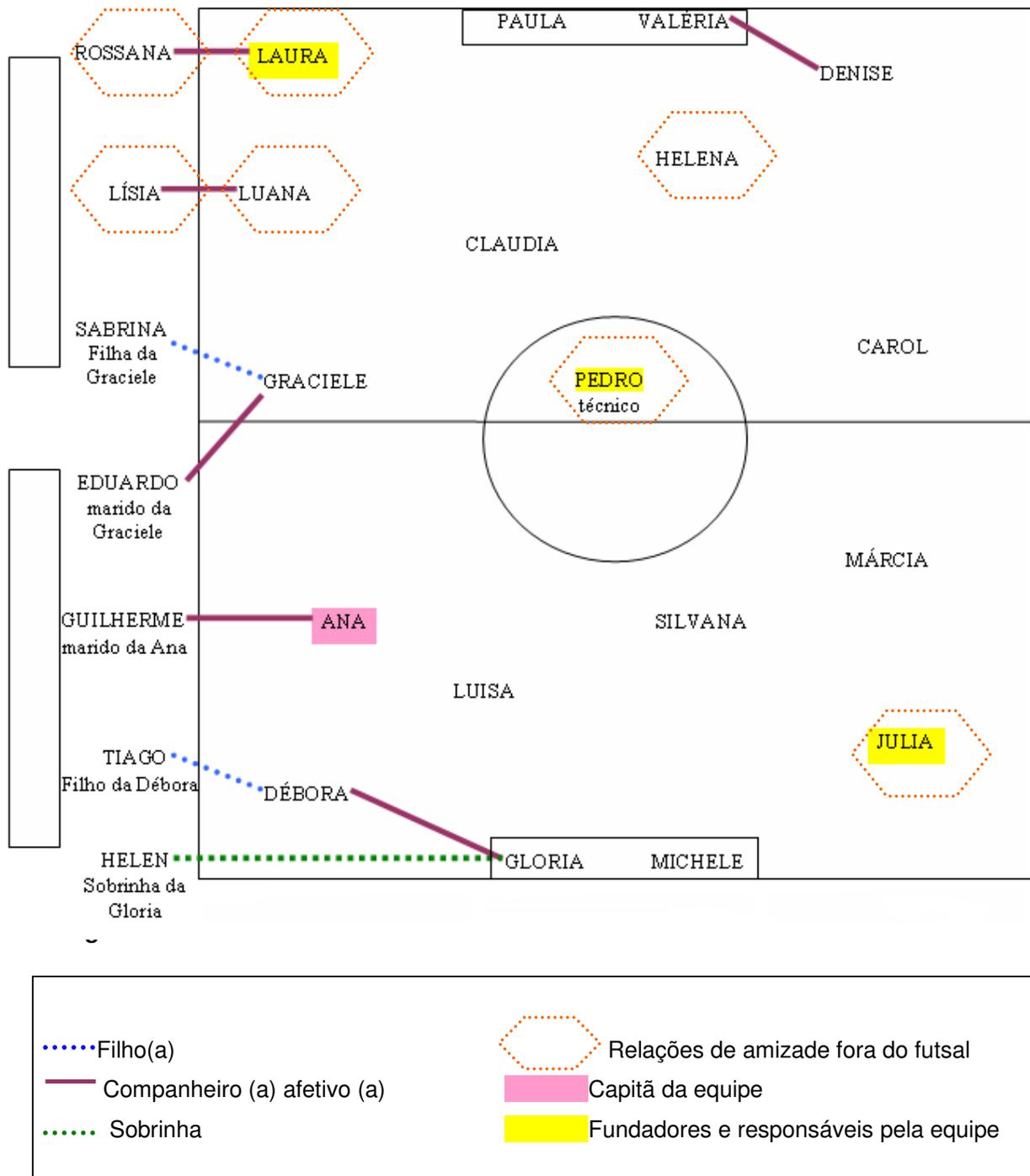


Figura 8: Representação gráfica das relações técnico-afetivas do Time
 Fonte: elaboração própria

A Figura 8 apresenta as atuais integrantes da equipe. São, no total, 25 pessoas que estão presentes em treinos, competições e momentos festivos do time. No quadro é possível identificar quem pratica futsal e quais as relações sociais das pessoas que não jogam com as praticantes.

Ao ter como referência o quadro acima, destaco alguns pontos que me chamaram a atenção na convivência com a equipe: (1) o gostar de jogar futsal, por isso representei o gráfico em uma quadra de futsal, que mesmo parecendo óbvio é um dos elementos que faz as jogadoras e as pessoas que acompanham a equipe se encontrarem todos os finais de semana; (2) a quantidade de mulheres homossexuais que, inclusive com suas parceiras, fazem parte do grupo; e (3) as relações de amizade que extrapolam o universo do futsal.

O quadro abaixo demonstra esses três pontos principais que denomino de eixos de sustentação do associativismo das mulheres estudadas.



Figura 9: Elementos sustentadores do associativismo das mulheres investigadas
Fonte: elaboração própria

A partir da minha permanência no cotidiano do grupo e das observações constantes, deduzi serem esses três elementos principais que fazem as mulheres investigadas se encontrarem nos finais de semana e formarem um grupo. É devido ao gosto pelo esporte, às relações de homossexualidade presentes naquele universo e à amizade entre seus participantes que o Time se mantém. Dessa forma, os capítulos que seguem são destinados à compreensão de cada um desses elementos respectivamente.

CAPÍTULO 4

“EU GOSTO É DE JOGAR!”:

DISCUSSÕES NO CAMPO DA SOCIOLOGIA DO ESPORTE

Este capítulo é dedicado às discussões que envolvem os esportes, futebol e futsal, como objeto central desse trabalho. Inicialmente, abordo, de maneira ampla, o futebol feminino e seus derivados, enfocando, principalmente, as questões de gênero que permeiam esse universo. Após, focalizo a maneira com que as praticantes investigadas jogam. Sobre esse aspecto, a discussão envolve fatores pertinentes ao campo de estudo da sociologia do esporte.

4.1. O FUTEBOL FEMININO VISTO A PARTIR DO MASCULINO

No ano de 2007, o Brasil obteve duas conquistas importantes com a seleção brasileira de futebol feminino: o título do Pan Americano, em 26 de julho, contra a seleção dos EUA e o Vice-campeonato Mundial, em 30 de setembro, sendo derrotada pela seleção da Alemanha. Com essas conquistas, o universo do futebol feminino ganhou destaque no cotidiano dos brasileiros, nos meios midiáticos e também na CBF (Confederação Brasileira de Futebol).

Muitos dos destaques dados à seleção brasileira feminina se referiam ao que acontece no futebol masculino. Evidencia-se, nos comentários, nas reportagens e nas entrevistas a quase impossibilidade de falar sobre futebol feminino no Brasil sem fazer referência ao masculino. Um exemplo desse fato é a reportagem “Ela jogaria no seu time?” do jornal Zero Hora³³. Nela, é possível identificar que Marta, a jogadora brasileira de maior destaque na seleção, ao ser elogiada pela sua atuação em um jogo contra os EUA e, principalmente, por um dos gols que fez, é comparada aos jogadores da seleção brasileira masculina. A reportagem inicia falando sobre ela e a sua socialização no futebol com meninos:

Jogar entre homens não seria novidade para ela. A genialidade de Marta, melhor jogadora de futebol do mundo, que começou batendo bola com meninos, atíça uma questão: homens

³³ MONTANDON, Priscila. “Ela jogaria no seu time?” In: Zero Hora, 28 de setembro de 2007, p. 71.

e mulheres poderiam jogar juntos? Se a resposta fosse sim, ela teria uma extensa lista de candidatos dispostos a tabelar (MONTANDON, 2007, p. 71).

A reportagem também insere falas de jogadores brasileiros sobre a qualidade técnica da jogadora. É visível nas falas desses jogadores que eles a analisam através do padrão de um jogador.

Mas, além de Robinho, também jogadores da dupla Grêmio e Internacional entendem que poderiam dividir espaço com uma mulher em campo.

– Jogaria com ela com certeza. Ela tem tudo que um grande craque precisa – disse Gil, do Inter.

No Olímpico, a empolgação tomou conta do atacante Jonas e, no Beira Rio, do volante Wellington Monteiro, que se renderam ao talento de Marta.

– Joga demais, não é? Viu o que ela aprontou? Muito homem não tem a mesma técnica – espantou-se Jonas.

– Jogaria tranquilamente com ela. Eu só marcando e ela só jogando! – confessou Wellington (MONTANDON, 2007, p. 71).

Essa comparação com o futebol masculino reforça a tese que esse esporte, no Brasil, é reservado aos homens. As frases “ela tem tudo que um grande craque precisa” e “muito homem não tem a mesma técnica” faz sentido porque, aqui, se espera que homens, e não mulheres, possuam boa técnica de futebol.

Com essa generificação, as jogadoras integrantes da seleção brasileira sofrem preconceito. A falta de estrutura e de valorização ao futebol feminino também foram aspectos destacados por elas e pela mídia nos momentos das conquistas da seleção feminina. A CBF, em razão desses títulos e/ou críticas, anunciou, como se pode ver abaixo, a criação da Copa do Brasil de Futebol Feminino que até então não existia:

27/09/2007 às 21:17

CBF promove Copa do Brasil de Futebol Feminino Competição será ponto de partida para Campeonato Brasileiro

CBF NEWS

Resultado da iniciativa do presidente Ricardo Teixeira, com o apoio decisivo do Ministério do Esporte, através da participação do ministro Orlando Silva, a CBF promoverá no final de outubro a I Copa do Brasil de Futebol Feminino.

Há alguns meses, seguindo a orientação do presidente Ricardo Teixeira, a CBF faz um amplo levantamento sobre os clubes brasileiros que mantêm em atividade os times femininos de futebol. O estudo está em fase de conclusão, e a partir dele a competição será formatada, com o número de clubes participantes.

O modelo da Copa do Brasil Feminino será o mesmo da Copa do Brasil criada no primeiro ano da administração do presidente Ricardo Teixeira, em 1989. A competição se tornou sucesso esportivo e de público, consolidada ainda pela dimensão nacional alcançada - os 27 estados do país estão representados na Copa do Brasil.

A I Copa do Brasil Feminino tem o início previsto para o final de outubro, tão logo se encerre o levantamento feito pela CBF. Ela será o ponto de partida para a realização do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino em futuro próximo.

A CBF, que já mantém em atividade as seleções femininas principal e de base - são inclusive as equipes que mais utilizam a Granja Comary nos períodos de treinamento - toma agora a iniciativa de promover uma competição que dará caráter nacional ao futebol feminino.

O presidente Ricardo Teixeira está entusiasmado com o projeto, que conduz sem alarde já há algum tempo.

- Estamos trabalhando firme e com seriedade para que a Copa do Brasil de Futebol Feminino se torne realidade. Para tanto, está sendo fundamental o apoio do Ministério do Esporte e o empenho pessoal do ministro Orlando Silva - disse o presidente da CBF.

Figura 10: Copa do Brasil de Futebol Feminino

Fonte: http://www2.uol.com.br/cbf/sitenoticias/_735021172007927.html, acessado em 11/10/2007

A reportagem acima foi retirada do site oficial da CBF. Contudo, uma reportagem realizada por Tiago Lavinias, que acompanhou as jogadoras da seleção brasileira na China, considera que

elas estão com medo de que tudo não passe de algo momentâneo e que a situação volte a ser como era após esfriar o calor da campanha na Copa do Mundo. A competição começa a ser disputada em outubro nos mesmos moldes do que acontece na "versão masculina". E segundo a CBF será o ponto de partida para a realização do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino em um futuro próximo.

- Vamos esperar. Prometeram um campeonato brasileiro também após a prata na Olimpíada. A opinião de todas é esperar e ver se vai durar mais de um ano - disse Mônica.

A defensora Daiane considera que é a última chance de o futebol feminino se desenvolver no Brasil. Se após a campanha da seleção no Pan e na Copa do Mundo a situação não mudar, ela acha que o futuro do esporte será sombrio.

- Se não for agora, não tem jeito. Pelo o que a gente está fazendo algo tem que acontecer. Hoje só há alguns torneios, principalmente em São Paulo. Não há um campeonato (LAVINIAS, 2007).

A falta de credibilidade das jogadoras da seleção em relação à proposta da CBF tem precedentes. Se, no ano de 2004, com a conquista do Vice-campeonato Olímpico, as promessas aconteceram, o seu cumprimento não

chegou nem a 20%, segundo a jogadora Daiana da seleção³⁴. Assim, por que elas deveriam acreditar nas promessas da CBF novamente? Minha intenção em trazer essas querelas da seleção brasileira de futebol feminino não deve ser entendida apenas com o tom de denuncia, mas, também, como mais um elemento da supremacia masculina no futebol e em seus derivados no Brasil.

Em suma, dois aspectos chamam a atenção nesse contexto da seleção brasileira de futebol feminino: primeiro, o olhar para o futebol feminino tendo como padrão o masculino; segundo, o pouco apoio financeiro e de infra-estrutura que ele recebe. Assim, da mesma forma que as jogadoras profissionais sofrem conseqüências com a generificação do futebol, as praticantes de futsal investigadas neste estudo também vivenciam esse preconceito.

Várias delas já praticam futebol desde a infância, a maior parte com meninos e na rua. O modo como a maioria das praticantes investigadas se socializou no futsal se aproxima daquela descrita por Damo (2007) quando relata o futebol que acontecia na rua Leão XIII, em Porto Alegre, e de Thomassim (2007) quando descreve onde as crianças aprendem a jogar futebol: na rua.

Considero a “rua” uma maneira de jogar e não apenas um lugar onde se joga, por compreender que, quando se aprende a jogar futebol *na rua*, se aprende a jogar um futebol diferente daquele provavelmente ensinado em uma escolinha. Na visão de Damo, é amplamente compartilhada no universo do futebol “a crença de que a rua é o diferencial brasileiro na bem-sucedida produção de futebolistas” (2007, p. 53). Contudo, “as ruas são diferentes umas das outras” (DAMO, 2007, 51) e, logo, o futebol, ou melhor, os futebóis nelas jogados também possuem singularidades.

Se no estudo feito por Thomassim (2007) foi possível identificar

que entre as crianças da vila existe uma experiência com o futebol, acessível à infância das meninas desde antes do período escolarização (em alguns casos, ao mesmo tempo em que aos meninos) que se reflete no aprendizado e na incorporação de posturas e hábitos corporais relacionados ao futebol praticado no contexto da vila, naturalizando gestos e movimentos típicos (p. 106).

³⁴ Ver reportagem do dia 2 de outubro de 2007 “Após Mundial, jogadoras pedem clareza da CBF” no site: <http://esportes.terra.com.br/futebol/mundialfeminino2007/interna/0,,OI1955906-EI10296,00.html> <acessado em 11/10/2007>.

No estudo de Damo (2007) eram basicamente meninos que jogavam na rua, pois “as meninas tendem a excluírem-se do futebol na medida em que ele é culturalmente marcado como um jogo para meninos. Quando isso não acontece, elas são, então, excluídas” (p. 67). No caso das praticantes aqui investigadas, não há muita diferença, pois algumas delas eram as únicas do sexo feminino que participavam do futebol na rua próximo de onde moravam.

Na rua Leão XIII, Damo identificou a menina Marina que, apesar de participar do futebol de rua com os meninos, era acusada pelos companheiros de prática de não ser absorvida pelo jogo nas suas dimensões simbólicas e, por isso, muitas vezes, era excluída. Já, em relação a algumas das praticantes investigadas neste estudo constato que isso não acontecia. Luana, por exemplo, afirma ser a única menina que jogava na rua e apesar disso era bem aceita pelos meninos: “mas na rua eu era a única. E era muito bem aceita pelos meus amigos” (LUANA, 25/9/2007).

Se Damo considera que “os argumentos mais freqüentes, invocados pelos meninos, são de que ‘elas não sabem jogar’ e por isso ‘atrapalham o jogo’, ‘dão chutes para qualquer lado’ e ‘caneladas” (2007, p. 67), a fala da pesquisada Graciele demonstra uma situação adversa:

Graciele: de 89 a 94 nós [ela e a família] ficamos ali na Vila dos Herdeiros, né. Ali não tinha cancha, né, não existia cancha de futsal perto, não existia. Então... eu joguei muito foi no colégio.

Raquel: na escola?

Graciele: na escola!

Raquel: com meninas?

Graciele: com meninos... que era muito difícil menina jogar. Saber jogar e dos guris querer que jogassem. Está me entendendo? Tem guri que diz assim, não ela é ruim, nem quer no time.

Raquel: Falavam isso pra ti?

Graciele: ao contrário, eu eles brigavam para mim jogar (...) entendeu? Eles brigavam pra mim jogar com ... brigava assim que me queria no time deles. Entendeu? (GRACIELE, 17/9/2007)

Graciele, apesar de estar se referindo ao espaço da escola, expõe na fala acima que lá os meninos também consideravam a maioria das meninas “ruins”, no entanto, no caso dela era diferente, pois eles “brigavam” para tê-la no time.

Outro aspecto que chama a atenção são as falas das pesquisadas que expressam um sentido próximo ao discurso da naturalização na prática do futsal. Expressões como “ter o dom” e/ou “nasci sabendo” são usadas pelas praticantes para explicarem a forma como aprenderam a jogar e também o porquê da escolha do futsal. “Eu acho que tem que ter um certo dom pra jogar. E eu acho que eu nasci com isso, nasci com essa vontade também” (ANA, 18/9/2007); “Dom ... nasci com ele. Gosto desde que me conheço por gente. Ninguém me ensinou a jogar o que eu sei hoje” (GRACIELE, 17/9/2007); “eu não precisei de treino ... já nasci sabendo assim” (HELENA, 22/5/2007).

Ana, Graciele e Helena entendem que a escolha pelo futsal e a habilidade que elas possuem nesse esporte é algo *nato*. O principal argumento utilizado para justificarem essa naturalização da prática é a forma com que iniciaram a jogar: “Aprendi sozinha, na rua. Via os guris fazer e fazia” (GRACIELE, 17/9/2007); “bom, eu comecei... na real eu jogo desde que me conheço por gente, né. Quando pequenininha jogava com os guris na terra vermelha, no interior, Santo Augusto” (HELENA, 22/5/2007). Ao mesmo tempo em que o discurso da naturalização da prática é utilizado pelas pesquisadas para explicar o domínio que têm do futebol, o aprendizado - via socialização - também é referido. Essa contradição já foi identificada por Damo ao descrever um momento em que meninos faziam alguns exercícios que se aproximavam de um treinamento. O autor percebeu que essa simulação de treinamento gerava vergonha neles quando observados por algum transeunte. É voz corrente entre os brasileiros que as pessoas já nascem sabendo jogar futebol.

Marcos I, Wilson, César e Robson, instruídos por este, realizavam, ao invés de uma pelada convencional, uma espécie de seção de treinamento físico. Havia disposto uma quantidade razoável de sacos de lixo em duas colunas paralelas, de modo que os entulhos, à maneira de balizas, como é de praxe observar-se nos centros de treinamento, prestavam-se para orientar os deslocamentos em zigue-zague, saltos e deslocamento com a bola. Ao notarem-se observados, envergonharam-se profundamente. (...) Havia qualquer coisa ‘fora de lugar’ no que eles estavam fazendo, do contrário não teriam razão para suspenderem-na prontamente. Ao introduzirem uma seção de treinamento (...) eles tornavam manifesto o desejo de fazer do futebol algo mais do que uma brincadeira, pois o que eles praticavam por entre os sacos de lixo era, como dissera o próprio Robson, treinamento e, enquanto tal, possuía uma conotação pedagógica em tudo diversa dos chutes à esmo e das peladas. A

“vergonha” poderia ser interpretada como extensiva ao fato de terem sido surpreendidos praticando uma seção de aprendizado de futebol, quando se diz em toda a parte que futebol não se aprende, se nasce com ele – ‘quem é bom vem do ovo’ (DAMO, 2007, p. 57 e 58).

Outro ponto de destaque na socialização das praticantes de futsal investigadas é a participação do pai. Muitas jogadoras afirmam que o pai participava do universo do futebol, e, muitas vezes, elas o acompanhavam. Este aspecto se aproxima dos achados de Menesson, em 2005, com praticantes de futebol, halterofilistas e lutadoras. Segundo essa autora, “os pais instrumentam a socialização esportiva da maioria das filhas”³⁵ (2005, p. 77).

O pai de Helena, por exemplo, era treinador de um time de futebol na cidade de Santo Augusto, e ela o acompanhava. O pai da praticante Luana, que também era treinador de time de futebol, teve importância na iniciação dela no esporte:

Luana: meu pai tinha orgulho, meu pai treinava um time de futebol, e tinha orgulho que eu jogava futebol. Eu até comecei a jogar porque ele me levava pra... me levava para as quadras... e daí ficava os filhos dos jogadores e eu ... e eu jogava com eles.

Raquel: tu acha que o teu pai tem uma influência forte nesse teu jogar, assim?

Luana: tem, tem, tem, com certeza (LUANA, 25/9/2007).

No caso da Graciele, apesar dela ter visto poucas vezes o pai jogar, afirma que quando

a minha mãe estava grávida de mim e o pai levava a mãe para tudo que era lado e ele jogando torneio, na verdade eu tava na barriga da mãe, né (risos). Aí depois ... eu era pequena a gente acompanhava, né. Porque eles tinha ainda torneios e coisas, né, que eles faziam e a mãe me levava. E a mãe ia junto, entendeu? Então eu fui vendo também aquilo dali, mas depois de uma ... vamos dizer assim, depois dos meus quatro, cinco anos, o pai já parou de jogar, então, eu já não tive mais um acompanhamento sobre o futebol, sobre isso e aquilo. Veio de mim depois que eu já tava com dez anos, entendeu? (GRACIELE, 17/9/2007).

Se os exemplos citados, referentes às praticantes da equipe que investigo, revelam a presença do pai no início da prática do futebol, Menesson (2005) ajuda a pensar essa participação paterna de forma mais prolongada. No

³⁵ « Les peres orchestrent ainsi la socialisation sportive de la majorité des filles ».

caso da futebolista *Celi*, informante de Menesson, “o apoio de *Bernad* [pai de *Celi*] à prática da sua filha vai bem além de sua entrada nas atividades”³⁶ (p. 74). Ou seja, se as jogadoras que investiguei tiveram seus pais participando da socialização no futebol, as investigadas por Menesson, na França, tiveram a participação dos pais, muitas vezes, no decorrer da carreira esportiva.

A socialização das praticantes de futsal que integram o Time tem muitos aspectos em comum: jogar na rua com meninos, a questão da naturalização da prática e a participação do pai. Essas são características importantes e recorrentes nesse aspecto.

Atualmente, nenhuma das praticantes investigadas joga sistematicamente com homens, apenas com mulheres. Contudo, o futebol praticado por *elas* continua presente de forma significativa nas falas, comparações e gestos delas.

Em diversos momentos, observei que as praticantes de futsal analisam as jogadas de uma outra a partir do que consideram um bom futebol: o masculino. Não presenciei situações em que o futebol de uma delas fosse comparado com o futebol de outra mulher. A fala de uma das praticantes em relação a uma outra é exemplo da comparação realizada com o futebol praticado pelos homens: “ela se atira que nem goleiro mesmo na bola” (GRACIELE, 17/9/2007).

A informante Graciele também expressa essa comparação com o futebol masculino a partir da opinião de seu pai sobre o modo dela jogar futebol: “... eu só concordo com ele [pai de Graciele]... eu tinha que ter nascido homem, como se diz... eu tenho que concordar com ele, né? Porque eu teria tido mais oportunidade” (GRACIELE, 17/9/2007). Essa fala mostra que Graciele, da mesma forma que seu pai, visualiza o futebol praticado por ela a partir daquele jogado pelos homens. *Se ela tinha que ter nascido homem* é porque o jogar dela é compatível com aquele esperado dos homens. Está implícito aí que Graciele possui um “capital esportivo” (MARIVOET, 1998, p. 31)³⁷ tão bom que merece ser comparado com o de um jogador. A idéia de naturalização do jogar também está

³⁶ « Le soutien de Bernard à la pratique de sa fille a bien au-delà de son entrée dans l'activité ».

³⁷ O conceito de capital esportivo cunhado pela autora está relacionado com o conceito de capital cultural utilizado por Bourdieu na obra *A Distinção* (2007).

presente, pois ela podia ser mulher e não saber jogar, mas como joga, parece que, a melhor explicação cabível, é que foi algo que “veio com ela”.

Outro aspecto presente nas falas da informante Graciele é a questão das “oportunidades”. Ao afirmar que seu pai a apóia e tem orgulho do seu futebol, ela diz: “meu pai ... Deus me livre ele só diz assim: ‘bah, se ela tivesse nascido homem eu tava feito’ ele sempre fala isso, ‘se ela tivesse nascido homem eu tava feito na vida’” (GRACIELE, 17/9/2007). Essa maneira encontrada pelo pai, para expressar a satisfação de ter uma filha que saiba jogar futsal, mostra que pelo fato de ela ser mulher essa prática não é reconhecida. Se ele considera que para estar “feito na vida” só faltava sua filha ser homem, significa que a estrutura, o apoio e as recompensas financeiras existentes no futebol feminino e seus derivados são escassos. A falta de apoio e de estrutura do futebol feminino são queixas freqüentes no time investigado, em especial, nas competições, quando esses aspectos se destacam.

As feminilidades presentes no futebol feminino e seus derivados também chamam a atenção. Se aceita a afirmação de Bourdieu (2003, p. 83) que a sociedade espera que as mulheres sejam “femininas’, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas” e na atualidade pode-se acrescentar vaidosas, posso dizer que as praticantes de futsal aqui investigadas não fazem tudo o que a sociedade espera delas enquanto um ser feminino, pelo menos durante os jogos. Em diversos momentos na quadra, foi possível vê-las gritando, xingando, comemorando de forma nem um pouco “apagadas”. Se, em alguns momentos, sorriam, em outros era possível vê-las chorando. Se a simpatia existe entre as praticantes, a rivalidade entre as equipes revela, muitas vezes, a antipatia. Se há o jogo duro, ações violentas, gestos que põe o corpo em risco, machucando-o e prejudicando-o esteticamente há também um cuidado com as roupas, as unhas, os cabelos se aproximando da delicadeza e vaidade do feminino hegemônico da sociedade.

O que pode ser observado está de acordo com Mennesson que “várias formas de masculinidade e de feminilidade podem ser expressas no seio das práticas esportivas”³⁸ (2005, p. 21). Logo, tanto a feminilidade hegemônica da

³⁸ « Plusieurs formes de masculinité et de féminité pourraient ainsi s'exprimer au sein des pratiques sportives »

sociedade, que se aproxima daquela descrita por Bourdieu (2003), quanto as feminilidades periféricas são observáveis no time investigado.

A jogadora Graciele ao falar das vestimentas que utiliza para treinar afirma que “pode ver ... se eu to na quadra, ta alguma coisa combinando ali. Alguma coisa tem que combinar, senão não jogo” (GRACIERLE, 17/9/2007). Já, as praticantes Valéria e Denise pintam as unhas. Todas as semanas em que participei das atividades do time essas jogadoras estavam com as unhas pintadas de forma muito criativa:



Figura 11: As unhas

Nos momentos de treinos e competições, essa vaidade, muitas vezes, é vivenciada juntamente com gestos viris. Na Figura 12 as jogadoras *dividem a bola*, como se diz no linguajar do futebol, e para isso, utilizam o corpo de forma brusca e até violenta.



Figura 12: Dividida de bola em um jogo

Com frequência, após os jogos, as praticantes de futsal saem com marcas no corpo provocadas pelas jogadas mais *duras* ou agressivas. Roxos, inchaços, arranhões e lesões são comuns em seus corpos. Admitindo que eles sejam social e culturalmente construídos e que, portanto,

a masculinização do corpo masculino e a feminilização do corpo feminino [são] tarefas enormes e, em certo sentido, intermináveis que, sem dúvida, hoje mais do que nunca, exigem quase sempre um gasto considerável de tempo e de esforços (BOURDIEU, 2003, p. 70 e 71),

é possível pensar que, no caso das praticantes de futsal investigadas, essas marcas no corpo fazem parte da feminilidade que elas vivenciam. Ao mesmo tempo em que alguns aspectos se afastam da feminilidade hegemônica, por exemplo, as marcas nos corpos após os jogos, há elementos que se aproximam da feminilidade hegemônica: os cuidados com as unhas de Valéria e Denise e, na Figura 13, a tatuagem rosa de Ana que tem orgulho de mostrar suas chuteiras.



Figura 13: Chuteiras e tatuagem rosa

As análises feitas até o momento, nesse capítulo, requerem algumas considerações. Em primeiro lugar, a utilização do futebol masculino como parâmetro para o feminino deve ser repensado, pois faz lembrar a idéia que se tinha na Idade Média de que “o princípio masculino é tomado como medida de

todas as coisas”³⁹ (BOURDIEU, 2003, p. 23). Laura, uma das praticantes investigadas, chama a atenção para esse aspecto quando comenta que

o fato de hoje, o Brasil só desenvolver o [futebol] masculino (tu liga a TV, tu é criado com a figura masculina jogando), tu se identifica... Eles desenvolvendo ali, correndo, chutando daquela... Por que é diferente o masculino do feminino. Então eu acho que acaba às vezes algumas querendo imitar, querendo ser igual, querendo, de certa forma, pegar aquele ídolo, de repente, dela e colocar em si mesma, se masculinizando dessa forma de andar, de passar a bola, de ter trejeitos masculinos, né. Isso eu acho que acaba um pouco acontecendo (LAURA, 24/9/2007)

A fala acima expressa a consciência da praticante Laura quanto às diferenças existentes entre futebol e futsal praticado por homens daquele que é praticado por mulheres. Contudo, essas diferenças não podem servir de argumento para a falta de apoio, estrutura e patrocinadores do futebol feminino e seus derivados.

Bourdieu (2003), ao falar das divisões entre os sexos presentes em nossa sociedade enfoca a “dimensão propriamente simbólica da dominação masculina” (p. 9). Essa “dominação masculina” simbólica pode ser utilizada como um instrumento de análise para o universo do futebol feminino. Em certa medida, há uma “dominação masculina” no futebol e seus derivados na sociedade brasileira. Ela não acontece apenas como uma forma de preconceito explícita, mas, de maneira imperceptível, através de valores presentes em nossa sociedade. Alexandra Kolontai, em 1918, já afirmava que as próprias mulheres têm que enfrentar os valores herdados pelos seus familiares para poderem romper com a dominação masculina: “... as heroínas contemporâneas têm que lutar contra um inimigo que apresenta duas frentes: o mundo exterior e suas próprias tendências, herdadas de suas mães e avós” (KOLONTAI, 2007, p. 25)⁴⁰.

³⁹ O exemplo apresentado por Bourdieu refere-se à representação que se tinha da vagina como um falo invertido.

⁴⁰ Cito a referência no ano de 2007, devido ser a 3ª reimpressão do livro.

4.2. DIVERTIMENTO E SERIEDADE PRESENTES NO FUTSAL AMADOR FEMININO

... o quão limitador pode ser buscar conceitos ou definições prévia e rigidamente construídos, quando o objetivo é compreender fenômenos e realidades culturais (STIGGER, 2005, p. 5).

A epígrafe foi retirada do livro “Educação Física, Esporte e Diversidade”, que insere no meio acadêmico a discussão da homogeneidade e da heterogeneidade do fenômeno esportivo. Essa discussão, capital da sociologia do esporte, é trazida para este estudo a partir da visão da heterogeneidade, pois é nessa perspectiva que se compreendem os esportes através dos diferentes modos de apropriação que as pessoas fazem deles. É o que Bourdieu (1990) denomina de “efeito de apropriação” (p. 216) de práticas culturais. Segundo esse conceito, os esportes recebem significado(s) que as pessoas praticantes lhe atribuem. Assim, as palavras que seguem têm o objetivo de apresentar que significados são atribuídos ao futsal pelas praticantes investigadas. Para tanto, divido em três momentos a análise: a primeira parte destina-se à descrição e à análise do que as praticantes do grupo em estudo denominam de “treino”; a segunda, à descrição e à análise dos jogos oficiais e a terceira parte se refere aos significados do esporte para as praticantes investigadas.

4.2.1. O TREINO

Uma vez por semana, o grupo realizava o que denominam de “treino”. Essa atividade acontecia em quadra alugada mensalmente, com dia e horário fixos. Durante o período de observação, os treinos ocorriam aos sábados, das 16 às 18 horas, em uma quadra localizada no bairro Higienópolis, da cidade de Porto Alegre, com a presença de todas as jogadoras, do técnico e demais acompanhantes (filhos, maridos, namorados, namoradas).

Geralmente, o treino era subdividido em dois momentos: durante a primeira hora, eram feitos exercícios específicos de fundamentos do futsal e, após, o jogo. Algumas vezes os jogos eram realizados entre as praticantes da

própria equipe; em outras, eram amistosos contra times convidados. Pedro fazia essa divisão no treinamento, embora considerasse insuficientes duas horas semanais.

A gente bate num entrave que é o tempo, né. Nós temos só duas horas por sábado. E aí, isso resulta em praticamente oito horas por mês. Então, assim, não tem como trabalhar uma parte física, uma parte de posicionamento todo o treino, que seria ideal em uma equipe (PEDRO, 9/12/2007).

Na primeira hora, eram feitos exercícios de alongamento, aquecimento, condução de bola, esquema tático e treinamento específico para as goleiras. Há jogadoras que valorizavam esse momento pela aprendizagem que ele proporciona. Ana, por exemplo, afirma que essa parte do treino é o diferencial dos outros times de que ela já fez parte: “aprendi muito desde que eu comecei a treinar no Time, desde que eu comecei a ter noção de posição, onde eu tenho que ficar, o que eu tenho que fazer, as minhas funções” (ANA, 18/9/2007).

Por outro lado, há outras que consideravam perda de tempo esses exercícios específicos, pois o importante para elas é o jogo. Graciele, quando questionada sobre os treinos, afirma:

Raquel: tu não gosta dos treinos do Pedro?

Graciele: eu odeio os treinos dele, eu não gosto de treinar. Não é que eu não goste de treinar com ele. Eu nunca gostei de treinar.

Raquel: nos outros times...

Graciele: não tinha.

Raquel: ah, é a primeira vez que tem treino?

Graciele: exatamente. A primeira experiência que eu to tendo com o Pedro agora de treinar com o cone. De treinar com esses ... como se diz, é bater a bola e isso e aquilo e a frescurada do oito e tal (GRACIELE 17/9/2007).

Nesse trecho da entrevista com Graciele, é possível constatar que, semelhante à opinião de Ana, a existência de treinamento específico de fundamentos e aspectos táticos é um diferencial no Time, pois foi a primeira vez que Graciele teve contato com esse tipo de atividade. No entanto, se Ana considerava esse aspecto positivo na equipe, Graciele preferia jogar, pois, na opinião dela, é jogando que se aprende. Na Figura 14 é possível visualizar exercícios de fundamentos de condução de bola que são realizados na primeira hora do treino.



Figura 14: Primeira hora do treino

Na segunda hora de atividades, os exercícios simulavam um jogo ou havia um jogo propriamente dito. A Figura 15 mostra uma partida entre as integrantes da equipe, diferenciadas em dois times pelo uso ou não de coletes.



Figura 15: Segundo momento do treino

A divisão das equipes é feita por Pedro e a equivalência de nível técnico entre essas equipes é uma das suas preocupações, para que as jogadas sejam importantes e decisivas, proporcionando a liberação de “tensões que são sentidas como agradáveis” (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 143), porque um dos propósitos do Time é a satisfação.

Elias e Dunning (1992), ao desvincular o conceito de tensão de algo prejudicial, possibilitam uma alternativa para a análise dos esportes praticados por lazer. Dunning também propõe o conceito de “*ethos* amador” (1992b, p. 312) para a compreensão dos esportes que não fazem parte do âmbito profissional. Para

esse autor, “o componente principal deste *ethos* é o ideal da prática de desportos ‘por divertimento’” (DUNNING, 1992b, p. 313). No entanto, isso não significa que a excitação agradável não aconteça. Pelo contrário, o divertimento proporcionado pelo esporte acontece quando há dinamização das tensões agradáveis.

No Time, por exemplo, além da equidade entre as equipes, percebi outra estratégia para aumentar as tensões agradáveis durante os treinos: o ato de apostar. Essa estratégia é utilizada por Pedro quando ele percebe que “não dá mais, ou já... ‘opa! Vamos dar uma paradinha por aí’ já cansamos, deixo elas jogarem pra soltar. Daí eu entro pra jogar também” (PEDRO, 9/12/2007). Nesse momento, o jogo ganha uma característica de divertimento, em que a brincadeira principal é a aposta de refrigerantes. Tanto nas jogadas extraordinárias quanto naquelas de menor expressão há motivos para brincadeiras e, as vezes, para falas jocosas. Sem não ter presenciado nenhum pagamento das apostas, percebi que, durante o jogo, o ato de apostar busca “dinamizar a excitação” (DUNNING, 1992b, p. 313).

A procura por um jogo disputado, em que as tensões agradáveis são evidenciadas, também foi identificada por Stigger (2002), em três grupos de praticantes de esporte de lazer na cidade do Porto (Portugal). Os informantes da pesquisa afirmavam gostar “de praticar o esporte entre equipes equilibradas, o que explicitam ao declarar que consideram que um jogo é *bom e tem interesse* quando é *duro, renhido, disputado*” (STIGGER, 2002, p. 186). A partir da importância dada à disputa, Stigger também analisou esses grupos baseado no conceito de “*ethos* amador” proposto por Dunning, em que o divertimento e as atividades com “um fim em si mesmas” (STIGGER, 2002, p. 196) são características principais da prática.

Durante minha pesquisa, constatei que o momento do treino também se destinava a jogos amistosos com times convidados. Dos 21 treinamentos que observei, seis deles comportaram jogos amistosos, sendo Julia, Laura e Pedro os responsáveis por marcá-los.

Os jogos amistosos acontecem com equipes que participam dos mesmos torneios e campeonatos que o Time. Algumas equipes adversárias possuem rivalidade intensa, o que proporciona um clima competitivo nesses amistosos. Conforme minhas observações e, em especial minhas sensações, é

possível afirmar que a busca pela vitória em alguns deles chega ser quase tão importante quanto em jogos oficiais.

Estes jogos amistosos costumam ser feitos numa lógica de reciprocidade na qual as equipes convidam as outras para, na sua casa, realizar estas partidas/treinos. A tentativa de fazer deles uma ação recíproca, com um amistoso na quadra do Time e outro amistoso na quadra da outra equipe⁴¹, é uma preocupação de Pedro, Julia e Laura. Até o dia 26 de maio de 2007 eu nunca tinha presenciado a cobrança do aluguel da quadra utilizada para o jogo pela equipe anfitriã. Contudo, nesse dia, o Time foi a Viamão jogar contra outra equipe⁴² que cobrou do técnico Pedro o valor do horário locado para o jogo. Este, indignado e surpreso com a cobrança, informou às jogadoras o que tinha acontecido. Todos julgaram falta de respeito e se surpreenderam com a atitude da equipe de Viamão. Essa situação não era esperada pelo Time, por isso poucas jogadoras tinham dinheiro para o pagamento. As praticantes e de Pedro falavam em tom de revolta, afirmando que não convidariam mais aquela equipe para amistosos, e muito menos, voltariam a Viamão a convite dela. Ficou visível, nesse dia, que nem todas as equipes adversárias agem em jogos amistosos na lógica da reciprocidade, o que, de certa forma, desfez esse tipo de vínculo do Time com a equipe em questão.

Observando o treino, de modo geral, percebi que tanto na primeira quanto na segunda hora, o rendimento esportivo era importante. Pedro se preocupava com a técnica dos movimentos e com a organização das jogadoras para os jogos oficiais. Ao mesmo tempo, preocupava-se em manter o ambiente descontraído.

Então, a gente procura fazer muito trabalho de... eu faço trabalho de fundamento com elas, que embora é uma vez só, é pouco, né. Mas o contato com a bola eu acho que ajuda bastante assim, então, faço em torno de meia hora, 50 minutos, dependendo... com elas, por que nisso aí eu acho que o futebol não tem muito mistério, é... fazer o movimento, e repetição, repetição, repetição do gesto, repetição do gesto. Eu tento fazer de uma maneira mais criativa, mais de brincadeira pra elas ficar

⁴¹ Quando me refiro a “quadra do Time” ou “quadra da outra equipe” não significa que a quadra pertence ao Time ou ao outro time respectivamente, mas sim, é o local onde eles treinam.

⁴² Na semana anterior essa equipe tinha ido à Porto Alegre jogar o amistoso contra o Time.

mais interessante, mas que se trabalhe essa parte do fundamento em si (PEDRO, 9/12/2007).

Por sua vez as jogadoras querem aperfeiçoar seus fundamentos de futsal e demonstrar suas habilidades ao técnico, ao mesmo tempo em que vivenciam o treino com muitas brincadeiras, gozações e jocosidades. Ana considera que “os treinos são bons, o Pedro sempre tem brincadeiras, tem cobranças, mas tem brincadeiras, descontraí ao mesmo tempo. É gostoso de ir” (ANA, 18/9/2007).

Durante as duas horas de treinamento, ficou visível a sobreposição dos momentos de divertimento, em que as risadas e o bom humor tomavam conta da quadra, com aqueles de seriedade e de busca pelo rendimento esportivo, o que evidenciaria um *ethos* do tipo profissional, como ensinou Dunning.

Visualizando mais detalhadamente o treinamento, percebo que há nele peculiaridades que um olhar geral e pouco profundo não é capaz de captar. O “oito”, o ingresso dos “talentos”, as palmas, a jogadora do mês, são aspectos que ajudam a compreender, minuciosamente, a maneira como essa atividade ocorre. São situações, regras explícitas e implícitas, valores que só fazem sentido para quem participa e acompanha sistematicamente os treinos.

O oito, por exemplo, é um aspecto básico da tática do futsal que se espera que as integrantes da equipe saibam executar. Saber fazer o “oito” é o mínimo de conhecimento de futsal que se espera de uma jogadora na equipe. Exemplo disto foi o relato de Pedro sobre uma menina que veio a um treino com a intenção de integrar a equipe. Após observá-la e “avaliá-la”, ele, para justificar a não aceitação da moça no grupo, disse: “ela nem sabia fazer o ‘oito’, e dizia que jogava bem?”. Quando escutei essa fala do técnico, percebi que “o oito” demonstra que o time, apesar de ser amador, possui nível técnico e só permite a participação de jogadoras que, além de jogarem, tenham conhecimento de algumas características técnico-táticas do jogo⁴³. Como ela não tinha o capital esportivo esperado (um *saber fazer* de acordo com as exigências do grupo), ela não foi aceita para integrá-lo.

⁴³ Como tinha sido o primeiro treino a que fui assistir, percebi que Pedro, ao me falar do “oito” estava tentando me mostrar que eu havia escolhido, para realizar a pesquisa, um time que tem qualidades técnicas. Logo, não me senti à vontade de perguntar o que seria o “oito”.

Meus conhecimentos de esquema tático de futsal são muito precários, então, quando Pedro disse que a jogadora “não sabia nem fazer o oito”, pensei em revelar-lhe que eu também não sabia do que se tratava. No entanto, isso poderia prejudicar minha inserção no grupo, pois não saber fazer o “oito” é aspecto que prejudica a aceitação de alguém no time. Percebi, nesse momento, que, minha vontade de praticar o futsal com elas, o que contribuiria bastante para a minha pesquisa⁴⁴, não seria possível devido porque não tenho um desempenho esportivo compatível com o nível do grupo. Logo, a estratégia para me manter no nele foi a de assumir algumas funções extraquadra. Nos treinos fui responsável pela água para as jogadoras beberem e pelo atendimento a quem se machucasse, por exemplo, colocação de gelo na lesão.

Um segundo aspecto que me chamou a atenção foi o modo de ingresso na equipe. A única forma de alguém participar no time é através de convite. Esse acontece de duas formas: quando a futura integrante é amiga ou conhecida de um componente mais antigo do time e recebe o convite⁴⁵; ou, em jogos de competições, quando Pedro observa a qualidade de alguma jogadora de outra equipe e a convida para ir a um treino e, quem sabe, fazer parte do grupo. Graciele é uma das integrantes que iniciou a jogar no Time porque o técnico gostou do futebol que ela apresentou em um torneio.

Pedro tava de olho em mim, né. Só que eu não... assim ... sabe como eu sou. Eu me dou com todo mundo, falo com todo mundo. E aí no final daquele campeonato, no caso, que nós saímos, nós desclassificamos. Daí veio a Julia pra falar comigo. Daí me puxou na rua e perguntou, né: -oh! Graciele, é assim, assim, assim, meu nome é Julia, se apresentou tudo, porque a gente não se conhecia, né. Só jogando lá, como se diz. Daí ela, eu tenho ... nós estamos com um time assim, assim, daí o Pedro te olhou, gostou de ti e eu queria te fazer o convite, né, pra ver se tu queria (GRACIELE, 17/9/2007).

Nas duas formas de entrada no grupo, é considerada a qualidade técnica da jogadora, ou seja, o capital esportivo. A mesma situação foi identificada por Stigger (1997), em um grupo de jogadores veteranos de futebol. Tanto para eles quanto para o Time, ambos os grupos inseridos no âmbito do lazer, era

⁴⁴ Assim como fizeram Stigger (2002) e Wacquant (2002) quando realizaram um estudo etnográfico em espaços esportivos.

⁴⁵ Por exemplo, o caso de Ana que foi convidada a entrar na equipe pela jogadora Helena.

necessário “saber jogar *bem* futebol” (p. 55) para integrar a equipe. Ana, ao justificar o porquê de não convidar para o Time algumas praticantes que conhece, argumenta: “Não, porque elas não têm muita vontade de treinar, elas gostam mais de jogar por lazer mesmo, elas têm outras funções também, e porque eu acho também que não tão no nível do Time” (ANA, 18/9/2007). Nessa fala, é perceptível certa contradição em “jogar por lazer” e possuir um bom nível técnico, uma vez que o futsal praticado por Ana no fim de semana, no Time, é considerado por ela um momento de lazer.

Com a valorização das que sabem jogar, aquelas aceitas no time são conhecidas como “talento” de quem realizou o convite. Laura, por exemplo, trouxe ao time sua amiga Helena que, além de se adaptar e permanecer no grupo, adquiriu grande reconhecimento pelo que é capaz de fazer no contexto do jogo. A aceitação de Helena na equipe faz com que Laura sinta orgulho que essa jogadora é um “talento” que ela descobriu.

Após serem avaliados quanto às habilidades técnicas para permanecer na equipe, os “talentos” passam por um momento de apresentação que poderia ser comparado a um “*ritual*”. Graciele, no final do seu primeiro treino, vivenciou essa situação:

Julia apresenta a mais nova integrante do time: a Graciele. Nesse momento, ela fala do “ritual” (palavra usada pela Julia) de boas-vindas para a nova jogadora e pede as “três palmas e meia” para a Graciele. Então, todas as meninas batem três palmas, e na última, que seria a quarta palma, elas param no meio como se tivessem segurando uma bola na mão. Uma das jogadoras não “segurou” a última palma e completou-a, o que provocou risadas e gozações (Diário de campo n°4, 9/9/2006).

O ato de bater palmas não está presente somente no momento de ingresso de uma nova jogadora no time, mas em vários outros, quando são destacadas as relações de *aceitação* de alguém, desenvolvidas no convívio com o time. O número de palmas batidas mostra-se, de certa forma, proporcional a esse grau de aceitação do componente em questão. Por exemplo, se Graciele, no seu primeiro treino com o time, recebeu três palmas e meia, Pedro, no seu aniversário, foi aplaudido com dez palmas e meia. Ou seja, o fato de o técnico do time ser uma pessoa que possui relações próximas com a maioria das jogadoras fez com que seu grau de aceitação seja grande e, conseqüentemente, o número de palmas maior.

O *ritual* das palmas também ocorre em outras ocasiões, como, por exemplo, quando as participantes são “avaliadas”: a jogadora que mais participou dos treinos, a que não chegou atrasada, a que participou dos jogos *oficiais*, a que teve uma boa relação com todos os componentes do time, ou seja, a “jogadora do mês”⁴⁶.

Tenho o cuidado de destacar a palavra *ritual* por entender que as batidas de palmas que acontecem no Time, apesar de terem características que se aproximam de rituais: “primeiro (...) os nativos marcam esses momentos como distintos dos acontecimentos cotidianos; segundo, trata-se de uma *performance* coletiva para atingir determinado fim; terceiro, os eventos possuem uma ordenação que os estrutura” (PEIRANO, 2001, p. 35), não pode ser, por exemplo, comparadas com o *kula* descrito por Malinowski em sua obra “Argonautas do Pacífico ocidental” (1976).

O *kula*, ritual de troca entre os trobriandeses, combina transações comerciais, organização social, mitos e rituais mágicos que abrangem enorme extensão geográfica. Portanto, as batidas de palmas que acontecem no Time em momentos especiais e com significado de demonstrar aproximação de um integrante à equipe não chegam a ser um ritual no sentido dado pelos estudos clássicos da antropologia. Contudo, é um momento importante que, de certa forma, significa *status* para a pessoa que passa por ele. Logo, fazer a aproximação desse momento com o termo *ritual* ajuda a compreender que, para as pessoas que integram o Time, o ato de bater palmas é um “evento especial” (PEIRANO, 2001, p. 9).

Se, durante o treinamento, há busca de maior capital esportivo por parte das praticantes e do técnico da equipe, existem momentos destinados a reafirmar o sentimento de pertencimento ao Time: o *ritual* de bater palmas, as relações de sociabilidade e o ambiente de descontração. Portanto, ao mesmo tempo em que o rendimento esportivo é significativo para a equipe e faz com que algumas integrantes se sobressaiam, o sentimento de pertencimento, vinculado a outros fatores, também é significativo e revela certo *status* entre as participantes.

⁴⁶ Porém, a escolha da “jogadora do mês” parece não ser algo que aconteça todos os meses. Se, por um lado, o grupo quer possuir uma estrutura organizacional bastante peculiar, a escolha da “jogadora do mês” não se constitui um evento efetivo, pois, desde a minha inserção na equipe apenas três escolhas foram realizadas.

4.2.2. JOGOS OFICIAIS

Denomino jogos *oficiais* àqueles realizados em Torneios e em Campeonatos. Os Torneios são competições que acontecem em um ou dois dias, no máximo. Esses jogos são realizados nos três turnos em um único ginásio. As equipes participantes dos Torneios permanecem todo o dia ali, esperando a sua vez de jogar e observando as partidas que acontecem. Nos Campeonatos, que duram cerca de quatro meses, os jogos são realizados em dias e horários diversos. Aqui, diferentemente dos realizados durante os Torneios, as equipes chegam ao ginásio, jogam e vão embora, pois não acontecem outras partidas no mesmo dia.

Dessa forma, quando o jogo é realizado pelo Campeonato Municipal, (Figura 16) dificilmente as torcidas se fazem presentes nas arquibancadas, além daquela do time que investigo (Figura 17) e dos “torcedores” da equipe adversária. No entanto, se o jogo faz parte de um torneio (Figura 18), as arquibancadas ficam mais cheias com os integrantes das outras equipes nele inscritas que não estão jogando no momento.



Figura 16: Jogo do Municipal



Figura 17: Torcida do time investigado



Figura 18: Jogo do Torneio

Do mesmo modo como acontece nos treinos, nas competições as jogadoras chegam acompanhadas umas das outras e por seus familiares. Geralmente, nos jogos realizados pelos torneios, elas trazem chimarrão, lanches e máquina fotográfica, pois passam mais de dez horas no local. Na Figura 19, é possível ver as integrantes da equipe, chegando ao torneio que se realizou em Viamão. Há duas jogadoras com chimarrão e inúmeras câmaras fotográficas para registrar o momento.



Figura 19: Chegando ao local do jogo

Denise, no entanto, afirma que prefere os campeonatos ao invés dos torneios.

Campeonato dá tempo pra ti crescer... pra ti ver os teus erros, tu tem tempo pra descansar... sabe, torneio é uma coisa, tipo... tu passa o dia inteiro ali. Tu cansa, às vezes tu joga dois jogos seguidos e ... sabe? Tu não se recupera fisicamente, sabe.... porque... Competição [torneios e campeonatos] tu dá tudo, sabe? tipo... pelo menos eu sou assim, eu dou o meu máximo... então é um desgaste físico, mental ... até o ambiente de tu ficar o dia inteiro em um ginásio... sabe? Às vezes o ginásio

não é legal... dependendo, né.... que nem aqui por exemplo... aqui tem uma estrutura legal. Mas às vezes tu vai em lugares que tipo... Não é... não é uma coisa que eu goste, né... Prefiro ter esse tempo para evoluir... pra conversar, pra pensar... enfim... (DENISE, 21/10/2007).

Nessa fala de Denise é perceptível que em qualquer competição ela se esforça ao máximo. Considera, no entanto, que os campeonatos têm uma estrutura mais racional na distribuição dos jogos, devido ao intervalo maior, do que os torneios. Outra questão que ela coloca é relativa à infra-estrutura de alguns ginásios onde são realizados alguns torneios.

Foram freqüentes as vezes que presenciei reclamações das praticantes quanto aos locais de realização de torneios. Elas reclamavam desde a qualidade das quadras (a maioria assoalhada de parquê, com alguns deles soltos), a higienização dos vestiários e banheiros, e a falta de local para lanches.

Tanto em torneios quanto em campeonatos, após chegarem ao ginásio as jogadoras vão até as arquibancadas e definem um local para deixar as sacolas e mochilas. O técnico costuma ser o responsável pelas camisetas, calções e meias (lavar, trazer ao jogo, etc). Ele entrega o fardamento para cada jogadora com o número correspondente, mesmo que seja reserva. Essa entrega acontece de forma muito descontraída (Figura 20), sendo, muitas vezes, os números dos uniformes relacionados aos dos jogadores de futebol profissional.



Figura 20: A entrega do fardamento

A presença de familiares nos dias de jogos oficiais também é intensa. Graciele sempre leva uma de suas filhas para assisti-los (Figura 21). Em conversas informais com ela, referiu que a outra filha fica aos cuidados da avó

que não consegue cuidar das duas crianças ao mesmo tempo. Débora, na maioria dos jogos, leva seu filho Tiago, e Glória leva sua sobrinha.



Figura 21: Graciele e sua filha

Outra presença constante nos jogos oficiais é a da integrantes da equipe que se encontram machucadas. Laura, que rompeu o ligamento do joelho em julho de 2006, durante um treino do time, é um exemplo. Mesmo após ter feito a cirurgia indicada, com a ajuda da muleta, foi torcer pelas companheiras (Figura 22). Já, Helena, que teve o mesmo problema em um jogo oficial de um torneio, acompanhou o time em outros jogos oficiais, mesmo usando gesso na perna (Figura 23).



Figura 22: Laura, usando muletas, assistindo um jogo oficial



Figura 23: Helena com a perna engessada brincando com a bola em um jogo oficial

Após ser definido um local do ginásio para a equipe se acomodar, a maioria das jogadoras retira os adornos que utilizam para se enfeitar: anéis, brincos, piercings. Chama a atenção a grande quantidade deles utilizados pelas praticantes (Figura 24) e também a resistência que elas têm quanto à obrigatoriedade imposta pelos regulamentos das competições da sua retirada.



Figura 24: Retirada dos inúmeros anéis que muitas delas usam

No momento em que todas estão prontas, e o início do jogo se aproxima, o técnico realiza uma reunião. Então dá orientações sobre quem irá iniciar na posição de titular e quem ficará na reserva, sobre algumas jogadas antecipadamente treinadas e sobre informações da maneira como o time adversário costuma jogar. Nessa reunião, que se destina a acertar as últimas combinações do time, Pedro utiliza uma prancheta⁴⁷ para fornecer as explicações finais para as jogadoras.



Figura 25: Pequena reunião antes de entrar em quadra

Durante a reunião, praticamente somente Pedro fala. Enquanto algumas jogadoras prestam atenção ao técnico, outras terminam de se arrumar. Percebi, nesse momento, que elas estavam muito tensas e com muitas expectativas para entrarem em quadra.

Na quadra, inicialmente, são realizados os alongamentos e após alguns chutes com a bola em direção às goleiras. Antes do início do jogo, as meninas se

⁴⁷ A prancheta é magnetizada e possui o desenho de uma quadra de futsal. Nela, Pedro movimentava alguns ímãs que representam as jogadoras.

reúnem fazendo um pequeno círculo humano no qual trocam palavras de incentivo e motivação para o jogo. Elas também emitem um grito de guerra com o nome da equipe. Na seqüência de fotos a seguir, mostro a realização desse momento do jogo do dia 3 de novembro de 2006, no ginásio Tesourinha, pelo Campeonato Municipal.

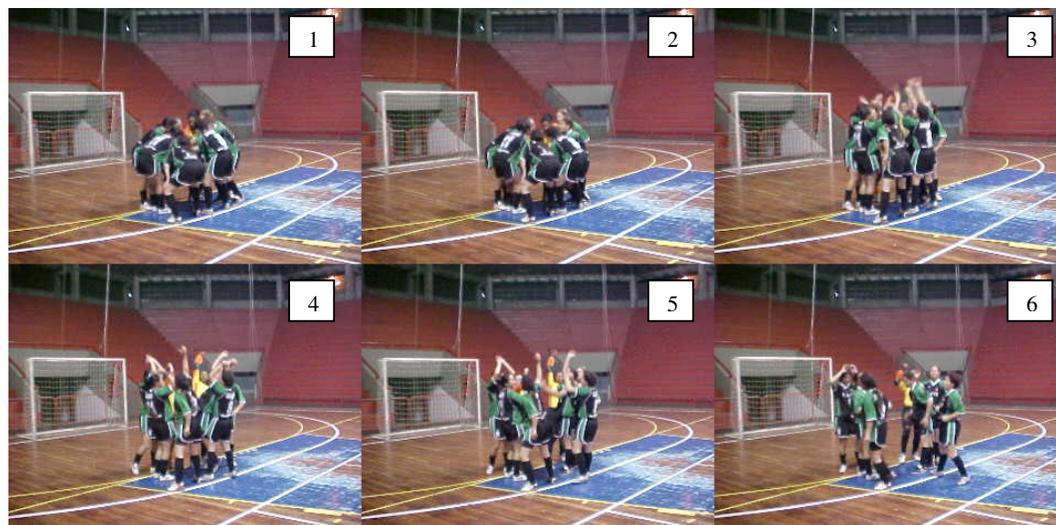


Figura 26: Grito de guerra

Depois dessas preliminares o jogo inicia. Durante a partida, é visível o esforço das jogadoras para terem um bom desempenho. Aquelas que estão no banco e a torcida que está na arquibancada (e aqui eu me incluo) ficam constantemente incentivando o time, reclamando da arbitragem e sugerindo a entrada de alguma outra jogadora se o time não estiver bem.

No período dos jogos oficiais, há muita tensão presente entre as jogadoras, o técnico e a torcida. Conforme relataram Pedro, João e Lísia, muitas vezes, as praticantes ficam nervosas na hora do jogo e não conseguem ter bom rendimento. Julia, por exemplo, quando questionada sobre as diferenças existentes no treino e nos jogos oficiais afirma:

É que no treino parece que as coisas saem mais fácil né, parece. Vamos supor tu vai fazer um treino coletivo ali, daí tu consegue fazer algumas jogadas. No treino né, sai mais fácil no caso. Agora quando tu pega um adversário aí as vezes tu não conhece muito, as vezes tu quer fazer mas ta meio tímida não sei por qual motivo e às vezes a coisa não sai (JULIA, 28/9/2007).

Porém, mesmo que esse rendimento, às vezes, não seja o esperado pelo técnico e pela torcida, o time conseguiu algumas conquistas no ano de 2006 e no de 2007 que foram valorizadas. Pedro faz a contagem de torneios, campeonatos, jogos, vitórias, derrotas, empates e até de gols que cada jogadora faz em jogos *oficiais*. Para exemplificar este aspecto da valorização dos resultados obtidos pelo time, insiro a tabela de dois torneios que o técnico enviou para a comunidade do time no Orkut.

<p>CAMPANHA EM 2006.</p> <p>17 VITÓRIAS , 6 EMPATES, 19 DERROTAS , 98 GF, 100 GS</p> <p>COMPETIÇÕES:</p> <p>1) TORNEIO ALTA VOLTAGEM 1- UPF BOLA MIL 1 X 0 TIME 2- ULBRA 2 X 1 TIME (HELENA)</p> <p><u>SCAULT DOS GOLS:</u> HELENA – 01</p> <p>2) 28 JOGOS ANIVERSÁRIO DE CANOAS 1- TIME 5 X 1 GAÚCHO (HELENA (04), CLÁUDIA) 2- TIME 1 X 5 VERNISUL (LAURA) 3- TIME 1 X 5 CRISTO REDENTOR (LAURA) 4- TIME 5 X 1 CSU MATHIAS VELHO (DENISE (03), HELENA (02))</p> <p><u>SCAULT DOS GOLS:</u> CLÁUDIA 01 HELENA 06 LAURA 02 DENISE 03</p>
--

Figura 27: Informações sobre os eventos em que o time investigado participou⁴⁸

Essa tabela é requisitada nas conversas entre as praticantes. Durante os campeonatos, os jogos são antecipadamente comentados, tendo como referência as vitórias e/ou derrotas que já obtiveram ao longo do mesmo. A artilharia do Time é disputada e, apesar de ser em alguns momentos motivo para brincadeiras, fazer maior número de gols proporciona o reconhecimento entre as integrantes do Time.

⁴⁸ Esse quadro teve alterações em relação ao nome do time e das jogadoras.

Nos jogos oficiais, as vitórias são muito comemoradas, mas as derrotas acabam, muitas vezes, ocasionando desentendimentos entre algumas jogadoras, técnico e torcedores do time. Porém, essas desavenças têm duração efêmera, limitam-se apenas ao dia do jogo. No próximo encontro do time, que geralmente é um treino, acontece na mesma lógica e rotina de qualquer outro.

Durante o desenrolar desses jogos, é possível analisá-los a partir do *ethos* do tipo profissional, proposto por Dunning. Esse autor define essa maneira de se envolver com o jogo a partir de uma orientação “para o sucesso e para os resultados, isto é, tendo em vista formas de participação ‘dirigidas para os outros’” (1992b, p. 316 e 317). E, como foi descrito acima, rendimento, competitividade, técnica das praticantes, resultado do jogo, preocupação do técnico com sua equipe e com o time adversário são significativos para o time. No entanto, é importante destacar que a presença dessas características não inibe as brincadeiras, as relações de amizade e a sociabilidade que também se evidenciam. Se, na maior parte do tempo, nos jogos *oficiais*, a seriedade é fator constante, isso não impede que, por alguns momentos, a descontração fique mais evidente. Por exemplo, em ocasiões assim, observei que Pedro propôs aquecimentos descontraídos, como a brincadeira de pega-pega demonstrada na Figura 28. Também foi possível perceber o divertimento das praticantes quando chegam ao local dos jogos e na hora da saída. Na Figura 29 relativa ao dia 17 de setembro de 2006, pode-se ver algumas jogadoras conversando no parque de diversão do ginásio enquanto esperam a chegada das outras integrantes da equipe.



Figura 28: Descontração no aquecimento dos jogos oficiais



Figura 29: Momento de descontração

Quero destacar que o objetivo, aqui, não é identificar se é a seriedade ou o divertimento que faz as praticantes se envolverem com as competições, mas, sim, compreender o significado dos jogos *oficiais* para as integrantes do time investigado e dos treinos nos quais tanto o divertimento quanto a seriedade não podem ser vistos como formas contraditórias, mas complementares.

4.2.3. SIGNIFICADOS DO ESPORTE PARA AS PRATICANTES: UMA GANGORRA NA SOCIOLOGIA DO ESPORTE

Conforme narrei acima, a análise do esporte praticado pelo Time é realizada a partir de uma perspectiva heterogênia na qual os significados atribuídos ao futsal pelas praticantes investigadas não são identificados *a priori*, mas, mediante observações empíricas que realizei.

Ao lançar um primeiro olhar sobre o universo investigado é possível pensar que os significados atribuídos pelas praticantes para o futsal se aproximam daqueles que estão presentes nos esportes de alto nível, apesar de ser um esporte praticado nos momentos de lazer das investigadas. A competitividade, o querer ganhar, a busca pelo rendimento esportivo através de treinos e amistosos e a participação em Torneios e Campeonatos são características presentes no Time que possibilitariam concordar com Rigauer (1981) quando diz que “o esporte recreativo (...) acaba por ser uma versão em miniatura do esporte de alto nível” (p. 107). Contudo, isso não acontece sempre, sendo possível relativizar a posição do autor. Vejo desta forma, pois, ao mesmo tempo em que o Time apresenta essas características, também há outras peculiaridades que devem ser consideradas para uma análise mais fidedigna.

Nos momentos dos treinos, há uma preocupação do técnico em inserir brincadeiras. A estratégia de apostar, descrita anteriormente, e as formas criativas que Pedro utiliza nos momentos de exercícios de fundamentos do futsal fazem com que o ambiente de treino seja descontraído. As jogadoras também colaboram com essa descontração, divertindo-se com as falhas e trejeitos do grupo.

A forma como uma nova integrante é recebida na equipe demonstra que, desde o primeiro dia com o Time, a nova jogadora tem que saber que, ao mesmo tempo em que é importante jogar bem, é preciso saber brincar e aceitar as batidas de palmas que receberá sem saber o que significam. Fazendo parte da equipe, a jogadora começa a compartilhar de diversos códigos que vão além das características do esporte de alto nível. Por exemplo, para ser escolhida a “jogadora do mês” é necessário, em primeiro lugar, ser assídua aos treinos e jogos, mesmo que não possa participar deles. Ainda, é preciso ser uma boa companheira de equipe para que obtenha o maior número de votos das outras jogadoras. E, para ser uma boa companheira, as investigadas deixam claro que não é apenas o aspecto técnico que tem valor, mas é preciso participar de forma efetiva na equipe, ajudando, por exemplo, as companheiras que têm dificuldades pessoais. O respeito é outro aspecto destacado pelas praticantes, pois não adianta jogar bem sem respeitar as outras companheiras.

Outro ponto importante para participar do Time é conviver com as jogadoras na sua vida extraquadra quando a equipe realiza almoços e jantares festivos, em que a participação de todos os integrantes é reconhecida. Além disso, são muitas as interações que elas compartilham. Sobre isso há vários exemplos, dentre eles as ajudas profissionais que acontece entre elas: Helena auxilia na contabilidade do restaurante de Laura e Rossana; Ana foi responsável pela página na web do restaurante; Denise ajudou Laura a se recuperar de lesões através de sessões de fisioterapia; Pedro requisita os serviços de Michele toda a vez que algum eletroeletrônico seu estraga⁴⁹.

Assim, se o rendimento esportivo é um fator que exclui algumas praticantes do Time, o que faz lembrar a lógica do rendimento esportivo e a sua vinculação com a sociedade capitalista (BROHM, 1978), não é só ele que determina o funcionamento do Time. É necessário compartilhar códigos peculiares da equipe; além de participar de outros momentos fora dos de treino e das competições, tendo amigos dentro do Time e se envolvendo com as brincadeiras que lá acontecem.

⁴⁹ Sobre esse aspecto, eu ajudei Helena na recuperação de sua lesão no joelho com aulas de musculação.

Se no tópico anterior utilizei os conceitos de “*ethos* amador” e “*ethos* profissional” para interpretar os significados dados ao futsal pelas praticantes pesquisadas, contemplo, a partir de agora, outros conceitos similares que ajudam a compreender a maneira que é vivenciada o esporte no Time.

Para Elias e Dunning (1992), as atividades exercidas por um indivíduo têm, como quadro de referência, tanto os outros indivíduos quanto o próprio agente. O que altera, dependendo da atividade, é a relevância dos *outros* ou do *eu* no quadro de referência, mas ambos sempre estão presentes. Para compreender o pensamento desses autores, proponho a utilização de uma metáfora. Imaginemos uma gangorra. Em um lado dela está o indivíduo que executa uma atividade, no outro lado estão os outros indivíduos. Se a atividade que um indivíduo exerce eleva o lado da gangorra em que estão os outros, pode-se afirmar que essa atividade está no campo do trabalho, ou seja, no campo profissional. No entanto, se a atividade exercida pelo indivíduo eleva o lado da gangorra em que ele está, então a atividade executada está dentre aquelas do campo do lazer. Em ambos os casos, não se conseguiria elevar um dos lados da gangorra, estando o outro lado vazio, pois é necessário, para sua movimentação, o preenchimento dos dois lados. Transferindo esse esquema para as atividades esportivas, pode-se dizer que os esportes de rendimento são atividades que compõem o campo do trabalho, e os praticados por lazer são atividades que compõem esse campo. Logo, quando o lado da gangorra eleva os outros numa prática esportiva, essa se volta para o rendimento, para o esporte espetáculo. Já, se a gangorra eleva o próprio indivíduo que pratica o esporte, então ela está no campo do lazer.

A metáfora referida, assim como outras, possui limitações, contudo facilita a compreensão do pensamento de Elias e Dunning de que um esporte praticado por lazer tem seus significados voltados, em especial, para os próprios praticantes. Enquanto o de rendimento, também chamado de esporte espetáculo, está dirigido para os outros. É interessante considerar que, em uma gangorra, pode acontecer de ambos os lados ficarem em equilíbrio, não é obrigatório que um lado esteja mais elevado que o outro. Neste caso, a atividade (esporte) estaria numa posição intermediária entre trabalho e lazer, o que se aproximaria da idéia

de lazer laborioso identificada por Stigger (1997) no seu estudo com os jogadores de futebol veterano.

Outro conceito utilizado por autores da sociologia do esporte é o de esporte com “utilidade lúdica” (LORET, 1996, p. 212) e esporte com “utilidade pública” (LORET, 1996, p. 211). O primeiro elevaria, na gangorra, o lado do próprio praticante, então esse esporte estaria vinculado ao prazer. Já o segundo elevaria o lado em que estão os outros, assim o resultado da pratica esportiva se sobressairia sobre o prazer de praticar. Pode-se pensar, também, que o esporte praticado por lazer tem um “valor de uso” (LORET, 1996) e o de rendimento possui um “valor de troca” (LORET, 1996), pois essa prática esta vinculada “ao que está em jogo, quer sejam interesses materiais, quer sejam satisfações relacionadas com a identidade e com o prestígio” (STIGGER, 2002, p. 196).

Assim, os significados atribuídos ao esporte pelas praticantes investigadas podem ser metaforicamente representados por uma gangorra, em que os extremos estão constituídos por características que muitas vezes são pensadas como contraditórias no campo do esporte, mas que, na situação do time pesquisado, são vivenciadas complementarmente:

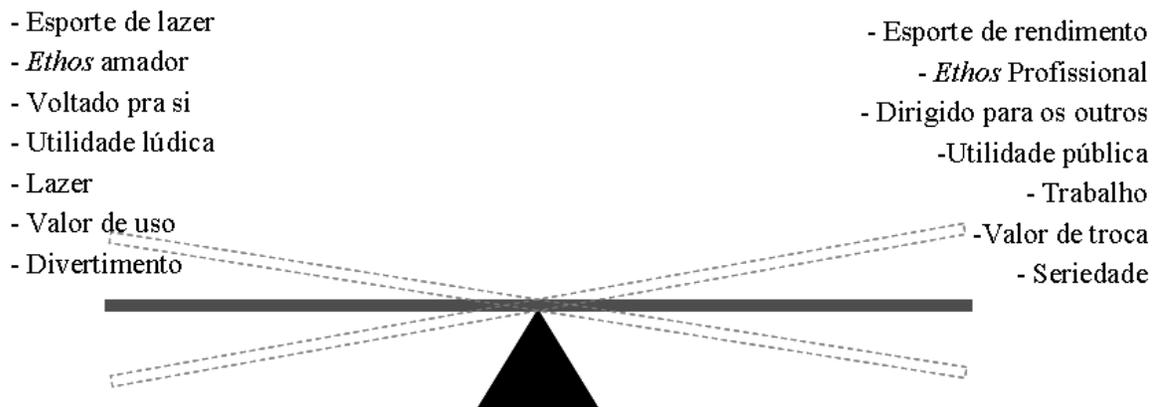


Figura 30: Representação da gangorra em equilíbrio
Fonte: elaboração própria

Os significados atribuídos ao futsal pelas praticantes, portanto, não podem ser explicados pela definição de “esporte de lazer” ou “esporte de rendimento”, binarismo presente no campo de estudo da Educação Física. Para compreender de forma mais fidedigna os significados do futsal para o grupo

pesquisado, é necessário operar com os conceitos que fazem parte tanto do esporte de lazer quanto do de rendimento.

Em algumas situações dessa equipe, pode-se considerar que os conceitos que integram o chamado “esporte de lazer” estão em destaque, em outras situações são os conceitos que integra o esporte de rendimento que se destacam. Interessante lembrar que, em ambas as situações, estar em destaque não significa que os outros conceitos não estejam presentes. Representando graficamente essas situações, é possível visualizar que a gangorra está em constante movimento, hora destacando elementos do esporte de lazer, hora os do esporte de rendimento:

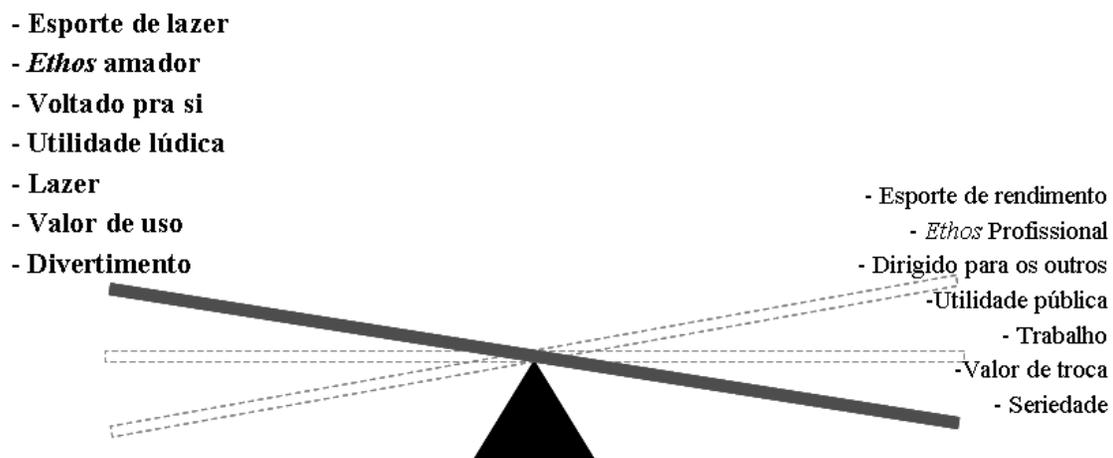


Figura 31: Representação gráfica da gangorra destacando características do esporte de lazer
Fonte: elaboração própria

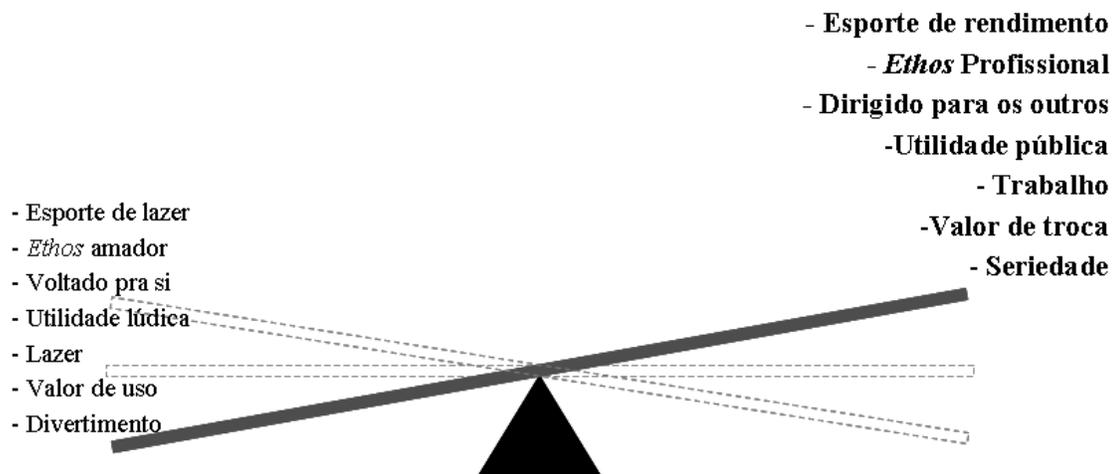


Figura 32: Representação gráfica da gangorra destacando características do esporte de rendimento

Fonte: elaboração própria

Esta representação gráfica serve para interpretar o grupo estudado tanto em dias de treinos quanto nos de jogos oficiais, pois o movimento de oscilação da gangorra acontece várias vezes em um mesmo dia.

CAPÍTULO 5

FUTSAL FEMININO E SUAS RELAÇÕES COM O UNIVERSO DA HOMOSSEXUALIDADE FEMININA

O tema sexualidade está presente em estudos que abordam os esportes socialmente considerados masculinos praticados por mulheres (MENNESSON 2004, 2005; MENNESSON E CLÉMENT 2003; DORNELLES 2004), talvez devido à pluralidade de maneiras de viver a sexualidade de suas praticantes. É um assunto que chama a atenção pela heterogeneidade e pela quantidade de mulheres homossexuais presentes nas equipes. No grupo em que realizei observações, não foi diferente. Há mulheres heterossexuais, bissexuais e homossexuais, contudo, a presença expressiva dessas homossexuais me faz considerar que o universo do futsal investigado possui algumas relações com o universo homossexual feminino. Assim, dedico este capítulo para analisar de que maneira as questões da homossexualidade perpassam o universo do futsal feminino.

Conforme Bozon (2004), “a construção social tem um papel central na elaboração da sexualidade humana” (p. 13). Essa afirmação, apesar de ser consenso entre estudiosos da área social, não é o discurso que sobressai entre os estudos da sexualidade. Bonzon chega a considerar que “a sociologia da sexualidade não existe” (2004, p. 13), pois, para essa temática, são os estudos com argumentos voltados para o campo biológico que estão em destaque. Contudo, minha análise centra-se especificamente nos aspectos sociais presentes na construção da sexualidade, pois acredito que a prática do futsal e a expressiva quantidade de praticantes homossexuais não se constituem em relações do tipo “causa e efeito”, mas, sim, em relações socialmente estabelecidas, com complexidades inerentes aos fatos sociais. Dessa maneira, minhas preocupações estão voltadas em analisar de que forma as questões da sexualidade perpassam o universo do futsal feminino, para então, compreender o porquê da presença expressiva de mulheres homossexuais nele.

Para iniciar, transcrevo trecho do diário de campo do dia 02 de novembro de 2006:

Hoje foi o primeiro Torneio que participei junto ao Time no ginásio do Astti. Lá estavam mais de 20 times de futsal feminino competindo. ... Denise, num determinado momento, questiona-me: “Raquel como você se sente no meio de tantas saps?” Quando ouvi essa pergunta, a primeira coisa que me passou na cabeça foi que ela estava exagerando, pois, se no ginásio havia mais de 200 mulheres, eu imaginava que no máximo 50 delas eram homossexuais. No entanto, quando respondi isso, Denise começou a me mostrar que as jogadoras participantes do Torneio eram suas conhecidas e ela sabia que a maioria eram “saps”, conforme a expressão utilizada pela Denise (Diário de campo, n° 14, 02/11/2006).

No trecho acima, é pertinente observar dois aspectos: a presença significativa de mulheres homossexuais no universo do futsal e o suposto conhecimento prévio de Denise sobre a maioria das praticantes e de suas respectivas opções sexuais.

Considerarei importantes esses dois aspectos. Identifiquei o primeiro de modo lento, no decorrer da pesquisa, pois, ao me aproximar das integrantes da equipe investigada, passei a participar das conversas em que o tema da homossexualidade era central. Nessas conversas, elas discorriam sobre o expressivo número de praticantes de futsal que tinham como opção a homossexualidade. Já, em relação ao segundo aspecto, não foi diferente. Ao participar dos torneios e campeonatos, percebi que algumas jogadoras do Time conheciam, ou já haviam tido algum tipo de relacionamento com jogadoras de outras equipes. Logo, o tema da homossexualidade feminina faz parte do associativismo esportivo que investiguei, e é por essa razão que lhe dedico um capítulo deste estudo.

Seguindo os ensinamentos de Touraine, em seus estudos sobre mulheres, “é necessário visitar o campo e, sobretudo, ao invés de falar em nome delas, escutá-las” (2004, p. 9). Minha proposta, portanto, é compreender os entrelaçamentos da sexualidade no futsal a partir do que vivenciei durante a pesquisa. Com essa perspectiva não pretendo generalizar os achados do meu trabalho, apenas identificar as variadas formas de viver a homossexualidade feminina, na tentativa de compreender porque mulheres com essa opção sexual também estão presentes no universo do esporte por mim investigado. A preocupação em não fazer generalizações está relacionada à afirmação de Touraine:

Não existe nenhuma razão para pensar que os *gays* ou as lésbicas têm condutas específicas. A forma dos preconceitos contra os ou as homossexuais, *gays* e lésbicas, mais difícil de destruir é a criação de imagens globais, como se a homossexualidade definisse um modelo absoluto de personalidade e de ação, idéia que ninguém ousa aplicar aos heterossexuais (2007, p. 68).

Há, na tentativa de expressar o que presenciei no decorrer da investigação de campo com as praticantes, três aspectos significativos: 1) visibilidades e invisibilidades da homossexualidade no futsal; 2) tipos de feminilidade de mulheres homossexuais sendo objeto de distinção; e 3) o espaço do futsal como um espaço de lazer para as mulheres homossexuais. Os dois primeiros aspectos ajudam a analisar as maneiras de viver a homossexualidade no universo desse esporte, em especial, no time investigado. O último contempla as preocupações em compreender o porquê do expressivo número de praticantes de futsal que são homossexuais no universo em questão.

5.1. VISIBILIDADES E INVISIBILIDADES DA HOMOSSEXUALIDADE NO FUTSAL

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo (FOUCAULT, 2006, p. 9).

Falar de visibilidade e invisibilidade da homossexualidade faz sentido devido à sexualidade nos dias atuais, como expressou Foucault, estar fadada a uma norma: do “casal [heterossexual], legítimo e procriador”. Partindo desse ponto, é possível concordar com Meinerz (2005) quando afirma que “as mulheres gerenciam a visibilidade das suas relações homoeróticas” (p. 122). No grupo que investiguei isso não é diferente. Desde que iniciei a pesquisa com as praticantes de futsal, presenciei, e também vivenciei, algumas táticas de gerenciamento que elas faziam da visibilidade da homossexualidade no grupo.

Segundo a informante Denise, houve uma preocupação do Time quanto a minha presença e a realização da pesquisa devido à questão da homossexualidade: “até quando tu chegou no grupo, né... as gurias ‘ai...a Raquel não sabe... imagina o que ela vai pensar... vai pensar que somos um bando de machorra’ e eu cheguei e disse: ‘mas quem é ela’, né?” (DENISE, 21/10/2007). Se a maioria das jogadoras estava preocupada com o fato de eu saber sobre a presença de mulheres homossexuais na equipe, Denise e sua companheira Valéria optaram por não esconder suas opções sexuais. Essa situação demonstra que nem todas as praticantes homossexuais investigadas gerenciam a visibilidade de sua opção sexual da mesma forma.

Laura, por exemplo, deixa claro na entrevista que saber gerenciar a visibilidade da sua opção sexual é algo que aprendeu “na vivência, eu aprendi com o tempo” (LAURA, 30/10/2007). Essa informante, uma das organizadoras da equipe, demonstrou muita preocupação na maneira com que eu iria abordar a questão da homossexualidade no estudo. Laura enfatizou, no decorrer desse ano de convivência que tive com ela, que:

eu não sou “homossexual Laura”, eu sou “Laura, tam, tam, tam, tam, homossexual”, entende, então isso não é o meu principal. Isso faz parte da minha vida, mas não é o meu todo. E eu acho que quando tu coloca isso, parece que já cria uma barreira (LAURA, 30/10/2007).

Interpreto essa preocupação de Laura sob dois aspectos. Inicialmente ela está dizendo que a sua vida não se centra na sua opção sexual, pois ao mesmo tempo em que ela é homossexual, ela trabalha, ela joga futsal, ela gosta de muitas outras atividades. Definir Laura a partir da homossexualidade seria, portanto, reduzir sua vida a uma esfera que, segundo ela, “não é o meu todo”.

A segunda forma de interpretar a fala de Laura se aproxima dos achados de Meinerz (2005) quando interpretou a preocupação “em *não dar bandeira*” das informantes homossexuais que investigou. Para essa autora, o gerenciamento da visibilidade homossexual acontece nas práticas cotidianas em que as mulheres “se relacionam com estruturas de poder” (p. 128). Por estrutura de poder Meinerz se refere tanto “a gerência do estado, através, por exemplo, das políticas de saúde” (p. 128) quanto aos “demais níveis de relação que o indivíduo

estabelece ao viver em sociedade” (p. 128). Logo, dar visibilidade ou não à opção homossexual faz com que essas mulheres sejam mais suscetíveis aos preconceitos que estão impregnados em determinados contextos da sociedade.

Touraine (2007), ao interpretar as informações coletadas com mulheres a partir de uma “inversão de perspectiva” (p. 44)⁵⁰, constatou que “ser lésbica (...) é uma experiência pessoal marcada por julgamentos sociais geralmente desfavoráveis, como todas as condutas que separam o prazer sexual da reprodução” (p. 38). Um exemplo pertinente em relação à suscetibilidade a que as informantes estão expostas pode ser visto na situação vivenciada por Rossana:

Rossana: Já aconteceu uma vez de eu ir numa médica, uma ginecologista, e só pelo fato de eu ter comentado que eu era homossexual ela, do nada, quis que eu fizesse um teste de AIDS. Tá, eu não fiz esse teste porque eu tinha certeza que eu não tinha AIDS. Mas eu achei um absurdo que só pelo fato de eu ter comentado que eu era [homossexual], ela fez. Óbvio que ela não concordou com isso, né. Mas ficou muito na cara. E olha, era uma médica assim. Não era qualquer “médicazinha”. Prédiozinho todo chique, bairro nobre.

Raquel: Pô! É complicado isso hein?

Rossana: É, hoje eu digo assim: Eu nunca mais vou num médico assim. Nunca mais falo com ela.

Raquel: Tu nunca mais foi no médico ginecologista?

Rossana: Não, eu nunca mais falo na questão. Eu vou, mas não digo nada, assim, nesse particular. Porque é um absurdo (ROSSANA, 30/10/2007).

Contudo, no universo do futsal, esse cuidado com a visibilidade da homossexualidade parece ser menor, pois como considera Laura, “a maioria faz a força, né? A maioria, hoje, que joga futebol é homossexual. Isso eu não tenho dúvidas, eu não preciso ver números. Em função do próprio time a gente vê” (LAURA, 30/10/2007). Denise também concorda que “a homossexualidade no futebol, assim, no futsal, realmente é o que tu mais vê, o que tu mais encontra” (DENISE, 21/10/2007). Isso faz com que no ambiente do futsal não haja tanto preconceito com a questão da homossexualidade. Rossana afirma que

⁵⁰ Touraine considera que seu estudo possui confrontações com aqueles que interpretam as mulheres como vítimas. Para esse autor, trabalhar em uma “inversão de perspectiva” é assumir o que ele denomina de mulher-sujeito: “Não é mais por uma função social ou por modelos culturais que as mulheres se definem, mas por uma inversão de atitudes e de expectativas cuja exigência principal é a criação delas mesmas” (TOURAINÉ, 2007, p. 74).

as pessoas aceitam com naturalidade, se tu contar pras pessoas 'eu sou [homossexual]' ou 'tenho vontade de ser [homossexual]' ou alguma coisa assim...ninguém vai me julgar por isso! Ninguém vai te olhar assim, com cara feia, é muito difícil (ROSSANA 30/10/2007).

Se a minha presença no grupo fez a maioria das jogadoras se preocuparem com a visibilidade da homossexualidade, talvez seja porque eu não pertença ao universo do futsal. Quando Ana iniciou no time, houve um consenso entre as praticantes sobre o fato de que era necessário informá-la de que havia mulheres homossexuais ali na equipe:

Quando a Ana entrou no time, ela não é [homossexual]. E aí a Helena disse "Laura, o que a gente faz, a gente não fala, fala?" aí eu disse "não tem como não falar, querendo ou não ela vai ver algumas coisas, ela vai presenciar alguns momentos. Ela precisa saber". Então a gente ficou bastante receosa, como é que... Porque ela não tinha nem noção disso, então foi... a gente teve que... A Helena teve que conversar com ela, ficou um pouco assim... Acho que meio aérea na hora, acho que ela não imaginava que era muita gente, mas foi uma coisa que a gente se preocupou em contar pra que ela não... Entrasse mais "light" na coisa, não fosse aquilo de supetão de repente ver alguma coisa ou ouvir alguma coisa e ficar até... Achando bobagem, assim. Então eu não sei, no nosso time sempre teve essa preocupação de que quem não era a gente preparar de certa forma "olha, é assim, assado as coisas" (LAURA, 30/10/2007).

Assim, o universo do futsal por mim investigado pode ser visto como um espaço em que o gerenciamento da visibilidade da homossexualidade pode ser menos preocupante do que em outros lugares. Importante destacar que elas não são militantes da questão homossexual e que, fora do universo do futsal, procuram não "dar bandeira". Contudo, isso não significa que se sintam vítimas ou tenham vergonha da opção sexual que possuem, mas, significa que através do gerenciamento da visibilidade da homossexualidade elas estrategicamente escapam de manifestações preconceituosas.

5.2. TIPOS DE FEMINILIDADE DE MULHERES HOMOSSEXUAIS SENDO OBJETO DE DISTINÇÃO

Conforme foi descrito no tópico 4.1, presenciei inúmeras maneiras de vivenciar a feminilidade na equipe investigada, desde a feminilidade hegemônica da sociedade até feminilidades que se afastam dessa. Contudo, quando a maneira de ser feminina de uma mulher se aproxima da masculinidade hegemônica da sociedade, as praticantes investigadas parecem depreciá-la.

Claro que tem algumas mulheres que tem essa coisa assim de querer ir mais pro lado masculino porque... eu já não sou tão... tão ligada nisso. (...) mas eu acho que a questão física, a questão estética e principalmente a questão assim, porque eu vejo muito quando a mulher é muito masculina, ela não só pega o lado visual, ela quer pegar trejeitos, ela quer pegar até uma certa agressividade que é desnecessária (LAURA, 30/10/2007).

Como mostra a fala de Laura, as mulheres que possuem uma feminilidade próxima da masculinidade hegemônica, tanto em termos estéticos quanto comportamentais, não são bem vistas por ela. Denise também concorda com a opinião de Laura, afirmando que a opção sexual não pode ser um motivo para uma feminilidade próxima da masculinidade hegemônica:

Acho que se tu é mulher, tem que se vestir como tal. E não... sabe... tu pode ter a tu opção, mas tu não precisa ... tipo virar um... um homem, entendeu? (...) É mulher se vestindo como homem, se vestindo e se comportando ... sabe tem uns comportamentos... que... Por favor, né? Não cabe... acho feio, acho vulgar, acho nojento e acho que se é nojento, digamos, pra... pra nós que somos, entendeu, homossexuais, imagina pras pessoas que já tem um preconceito. Sabe? Assistindo isso (DENISE, 21/10/2007).

A construção desse *gosto* se assemelha com o que Meinerz identificou em sua pesquisa com mulheres homossexuais da classe média: “encontrei no campo uma depreciação da mulher masculinizada, qualificada como *caminhoneira*, que usa roupas e adota comportamentos tipicamente relacionados ao gênero masculino” (2005, p. 84).

No estudo realizado por Dornelles (2004), com praticantes de futebol de várzea de Porto Alegre, também surgiu o termo “*caminhoneira*”:

O termo “caminhoneira” é usado para as mulheres (...) que participam do futebol feminino, mas que, também, são homossexuais e apresentam uma construção corporal e gestual próxima das características que foram construídas social e historicamente como masculinas (DORNELLES, 2004, p. 32).

Dornelles identificou no futebol de várzea uma “pluralidade de formas e de ser e viver seus corpos, seus prazeres e o feminino” (2004, p. 30). Segundo a autora, há “diversos subgrupos dentro do futebol feminino de várzea. Estes subgrupos se constituem e se relacionam, desde as ‘patricinhas’ e ‘profissionais’, ‘caminhoneiras’ e ‘festeiras’, até as ‘bairristas’ e as ‘boleiras’” (2004, p. 30)⁵¹. Através dessa identificação de variedades de formas de ser jogadora de futebol de várzea, Dornelles conclui que esse universo “é um campo de disputa onde os processos de significação acontecem numa rede de poder” (2004, p. 33). Contudo, o objetivo da pesquisa da autora se limita a identificar que há relações de poder e disputas entre os diferentes sub-grupos que compõem o universo do futebol de várzea de Porto Alegre. Dornelles não se preocupou em compreender de que maneira essas relações de poder estavam acontecendo.

Se no estudo de Meinerz (2005) é possível identificar que as homossexuais de classe média, por ela investigada, depreciavam mulheres homossexuais que se aproximam do grupo das “caminhoneiras”, na pesquisa de Dornelles torna-se difícil visualizar de que forma as relações de poder e disputas operavam entre os sub-grupos de praticantes de futebol de várzea, apesar de ela afirmar que essas relações estão presentes.

Portanto, ao ter como pressuposto a pesquisa de Dornelles na qual afirma que as disputas e as relações de poder estavam presentes nos sub-grupos identificados por ela no futebol de várzea, procurei identificar na minha pesquisa de que forma essas disputas e relações de poder aconteciam no Time. A expressão “caminhoneira” não surgiu na presente investigação, mas percebi que a depreciação das mulheres “masculinizadas”, como denominaram minhas

⁵¹ Anteriormente, no tópico 1.1, o estudo de Dornelles (2004) já tinha sido referido com a descrição de dois sub-grupos dentre os identificados pela autora.

pesquisadas, ali também acontece⁵². As investigadas acreditam que a masculinização das mulheres dentro do universo do futsal “rotula” esse esporte.

Segundo a opinião da maioria das jogadoras homossexuais aqui investigadas, as pessoas “são levadas a caracterizar o homossexual pela fisionomia” (LAURA, 30/10/2007). Logo, ter mulheres que possuam traços corporais e gestos próximos das características construídas social e historicamente como masculinas faz com que o futsal seja visto como um universo de mulheres homossexuais, além de, reforçar o vínculo desse esporte com o universo masculino. Para Denise, a masculinização das praticantes prejudica o universo do futebol, pois

o que eu desprezo um pouco é... que nem assim, chegar em um ginásio, né, de repente com familiares, e coisa.... ou não precisa ter familiar, mas tu chegar e ver... a não sei, eu não gosto das pessoas que vem vestida que nem guri, sabe? Essas coisas assim eu acho que não precisa. Acho que rotula uma coisa que não...que não é.... eu acho feio, não gosto (DENISE, 21/10/2007).

Nesse sentido, Luana afirma ser necessário tirar o rótulo do futebol feminino, ou seja, desfazer a associação entre futebol feminino – masculinização – homossexualidade. “A gente não tem que rotular o futebol feminino. Tem que tirar esse rótulo dele” (LUANA, 25/9/2007).

Segundo as informantes, rotular o universo do futebol feminino e de seus derivados prejudica esses esportes. Em primeiro lugar, a rotulação favorece a exclusão de mulheres que gostam de futebol e futsal, mas não são homossexuais.

Se a gente rotular o nosso time, a gente tá colocando de fora a Graciele, a Ana, a Helena, que são pessoas que (pensativa) são, são maravilhosas assim como ser humano, entende. Então eu acho que o rótulo, ele também serve pra bloquear isso. Por isso que eu acho que o futebol ficou tão cheio de, de lésbicas, por causa disso. Porque quem não era e gostava de futebol acabou, sei lá, não jogando ou praticando (...). Eu acho que por isso que eu sempre fui uma adepta a lutar contra esse tipo de rótulo (LAURA, 30/10/2007).

⁵² Faço uma aproximação do termo “caminhoneiras”, utilizado nas pesquisas de Meinerz (2005) e Dornelles (2004), com o termo “masculinizadas” que minhas informantes expressaram. Justifico essa aproximação devido aos dois termos se referirem a um conceito de gênero feminino, que, no entanto, apresenta características que são construídas socialmente como masculinas.

Outro aspecto que é destacado como negativo por causa da rotulação do futebol e seus derivados é a falta de patrocínios para as equipes femininas. Laura acredita que, devido ao preconceito da sociedade para com os homossexuais, dificilmente a mídia vai apoiar o futebol feminino que, até então, está associado à masculinização da mulher e à homossexualidade:

É que o futebol feminino, ele tem esse rótulo... Tá mudando hoje? Tá! Mas a passos de tartaruga. Então a mídia ela se sente muito... É complicado pra ela colocar na TV um jogo feminino, que daí, de repente, vai surgir uma Pretinha da vida lá que a gente não sabe bem o quê que é, aí de repente tu vê a Marta, tá, um pouco mais feminina, mas é um pouco complicado porque a mídia, quando ela coloca alguma coisa na TV ela tá botando reflexo pra uma criança que tá enxergando ali. Então se tu for patrocinar o futebol feminino que vá passar na TV, tu tá passando pra outras pessoas o comportamento também, não só o esporte. Então eu acho que esse é o medo, a CBF tem esse medo também, porque o futebol é rotulado assim. Então a falta de patrocínio vem do rótulo. Porque vem dessa coisa antiga, mas se a gente for analisar a culpa é da própria Federação Esportiva que rotula há anos assim. Se fizesse um trabalho básico, pegar lá gurias de oito, nove anos que não tem ainda essa sexualidade pronta, não ia acontecer isso. Ia ter alguma [homossexual]? Ia! Mas ia ter outras que não pensaram nisso. E aí, o rótulo ia, de certa forma se tirando porque, elas não iam ser tão masculinas, porque a gente tem que ver, o rótulo vem muito do aspecto físico, a gente é criado dentro daquela coisa assim: homem, ele senta assim, ele se comporta dessa forma, mulher de outra forma (LAURA, 30/10/2007).

Conforme o ponto de vista das informantes, a rotulação do futebol feminino prejudica o esporte. A maioria das integrantes da equipe investigada não apóia a entrada no Time de mulheres com aparência e trejeitos que se assemelham à masculinidade hegemônica da sociedade. O gênero torna-se, portanto, um instrumento de distinção no Time investigado. Ali há inúmeros tipos de feminilidade que são respeitados, mas nenhuma jogadora adota uma feminilidade muito próxima das características que foram social e historicamente construídas como masculinas. Em outras palavras, nenhuma integrante do Time pode ser identificada de “caminhoneira” ou de “masculinizada”.

Durante a minha convivência com as jogadoras, percebi que, quando havia em outras equipes mulheres masculinizadas, como denominam minhas informantes, essas eram depreciadas. Na própria fala de Laura, citada

anteriormente, é possível perceber que, quando ela se refere à jogadora “Pretinha” da seleção brasileira, há certa desqualificação quanto à sua feminilidade.

Se no universo do futebol de várzea de Porto Alegre, como identificou Dornelles (2004), há diversos grupos de jogadoras “desde as ‘patricinhas’ e ‘profissionais’, ‘caminhoneiras’ e ‘festeiras’, até as ‘bairristas’ e as ‘boleiras’” (p. 30), no universo do futsal não é diferente, tendo sido possível identificar, no decorrer da pesquisa, inúmeros grupos de jogadoras quanto às características de gênero. Contudo, em relação ao Time no qual aprofundei minha observação, os grupos formados pelas praticantes não eram tão nítidos. O único grupo que visivelmente não havia na equipe era o das denominadas “caminhoneiras”, por não serem aceitas nele. As “caminhoneiras” não tentavam e nem eram convidadas a participar da equipe, pois ali elas não iriam se sentir bem. Considero, assim, que, mesmo num contexto em que o preconceito em relação à homossexualidade feminina é quase inexistente, o gênero funciona como um meio de distinção, pois o Time parece ter certo orgulho de não ter entre suas componentes mulheres “masculinizadas” ou “caminhoneiras”.

5.3. O ESPAÇO DO FUTSAL COMO UM ESPAÇO DE LAZER PARA AS MULHERES HOMOSSEXUAIS

Os espaços de lazer destinados a mulheres homossexuais são escassos na cidade de Porto Alegre. Meinerz (2005) dedicou um capítulo de sua dissertação para falar sobre “os espaços da parceria homoerótica feminina” (p. 66). Os achados dessa autora parecem se aproximar daqueles identificados nas entrevistas que realizei nas quais se encontram a mesma reclamação. Meinerz conta que “[ouviu] diversas queixas das mulheres sobre a inexistência de um *lugar gay para mulheres em Porto Alegre*”⁵³ (2005, p. 82). Na fala de Laura, além de identificar uma queixa, se percebe, também, uma depreciação dos lugares que existem:

⁵³ Destaque da autora.

Aqui também no sul, eu acho que é pobre mesmo o negócio de GLS, é uma pobreza. Porque sério assim ó, tem bares assim ou é muito cafona ou só tem homem, porque realmente o gay masculino aqui é muito mais forte que o feminino, no Rio Grande do Sul. Então, às vezes tu vai numa festa e vê milhares de homens né, e aí tu vê uns gatos pingados assim. E os espaços são, são poucos assim, são... Não são muito variados. Então eu acho que falta assim um pouco de, de lugares (LAURA, 30/10/2007).

Da mesma forma que Laura, as mulheres pesquisadas por Meinerz, além de se queixarem dos poucos lugares de lazer existentes para o público lésbico, também os desqualificam. Na fala da Cíntia, uma das pesquisadas pela autora, é possível perceber argumentos que desqualificam um dos únicos lugares específicos para mulheres homossexuais em Porto Alegre:

É por causa do público que vai lá, sabe, porque dá muito bafão, e também porque não dá pra querer com as músicas que eles tocam. Nós até fomos no ano novo, porque dá uma festa legal e não tem nada em outro lugar, mas mesmo assim não deu pra ficar muito tempo. (Pergunto por quê?) Tu ia conseguir ficar num lugar que só toca Bonde do Tigrão e Égüinha Pocotó? Por favor! (MEINERZ, 2005, p. 83).

O estudo de Meinerz, portanto, centrou-se em lugares de lazer que não são específicos para o público lésbico, pois suas pesquisadas, mulheres homossexuais de classe média, não eram assíduas aos lugares de lazer específicos para esse público. A autora denominou essa *escolha* de suas investigadas de “sociabilidade fora do gueto” (2005, p. 67).

A expressão gueto, utilizada comumente no campo de estudo da sociologia para se referir a “redes de vizinhança habitadas por negros, judeus ou grupos provenientes de outra nacionalidade ou origem étnica” (MEINERZ, 2005, p. 67), passou a ser associada à homossexualidade para caracterizar lugares que “se está entre iguais”, em “um lugar de proteção e ao mesmo tempo de exclusão” (MEINERZ, 2005, p. 67).

No caso da minha pesquisa não é diferente, pois, após se queixar dos lugares específicos para pessoas *gays*, Laura afirma que os encontros proporcionados pelo Time, treinos e jogos oficiais, são momentos de lazer no cotidiano dela, o que é referendado por Luana e Denise. No entanto, o jogar

futebol não significa apenas a prática do esporte em si, “mas é a convivência com as pessoas né” (JULIA, 28/09/2007).

Os encontros do Time, além de “[estimular] o aparecimento de tensão agradável” (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 143) devido à prática esportiva, proporcionam interações sociais que são pautadas pelas afinidades entre as pessoas. Pode-se, então, afirmar que o universo do futsal investigado proporcionava uma “sociabilidade fora do gueto”, conforme considerou Meinerz.

A escolha de participar, nos finais de semana, dos treinos e dos jogos oficiais é feita pelas praticantes também pela afinidade que há entre elas. E essa afinidade, então, oportuniza encontros que “integram um controlado descontrolo das restrições das emoções” (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 146), característica capital dos momentos de lazer.

Se o lazer se constitui em momento propício para ocorrer certo descontrolo das emoções, é coerente pensar que ele deve ser vivenciado entre pessoas que tenham afinidades. No caso da maioria das praticantes de futsal pesquisadas, observei que nem todos os espaços específicos de lazer conseguem deixá-las à vontade para esse “descontrolo” das emoções, devido, especialmente, à sua opção sexual: a homossexualidade. Esse aspecto está vinculado ao gerenciamento da visibilidade que elas fazem da sua opção sexual. Vivenciar um momento de lazer com a namorada em que há trocas de carinhos, por exemplo, em uma praça pública, favorece a discriminação e o preconceito de transeuntes que compartilham dos ideais de “setores [sociais] tradicionais” (LOURO, 2004, p. 28)⁵⁴. Então, o momento que era para ser de lazer torna-se, no mínimo, perturbador. Assim, os encontros proporcionados pelo Time acabam sendo favoráveis para a vivência do lazer, uma vez que possibilitam que as praticantes homossexuais não se exponham aos preconceitos.

No estudo de Meinerz, o compartilhar de uma opção homossexual também proporciona um elemento de afinidade entre suas pesquisadas, permitindo que essas formem uma rede relações sociais.

⁵⁴ Louro continua sua explanação afirmando que esses setores sociais tradicionais “renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física” (2004, p. 28).

O fato de compartilhar determinadas experiências sexuais e afetivas, consideradas como socialmente desviantes em relação às expectativas de coerência entre gênero e orientação erótica, constitui um importante elemento de afinidade que organiza as redes de relações entre as mulheres pesquisadas (MEINERZ, 2005, p. 40)

Contudo, é importante destacar que Meinerz identifica que “as redes [de mulheres homossexuais] pesquisadas não podem ser definidas exclusivamente a partir disso” (2005, p. 41), ou seja, a partir da opção sexual que elas têm em comum. No presente estudo, é interessante ressaltar que o associativismo das mulheres investigadas também não só está pautado apenas pela questão da escolha sexual, mas também pelo gosto de praticar futsal e pela amizade. Logo, se abordo neste capítulo particularidades das praticantes homossexuais, é por ser este um dos sustentáculos do associativismo estudado, mas não o único. Aqui destaco novamente a fala de Laura (“eu não sou ‘homossexual Laura’, eu sou ‘Laura, tam, tam, tam, tam, homossexual’, entende, então isso não é o meu principal. Isso faz parte da minha vida, mas não é o meu todo”) que expressa a sua opção homossexual como parte de sua vida e não como o todo.

O estudo feito por Meinerz propõe uma reflexão sobre os espaços em que as mulheres homossexuais investigadas por ela vivenciam o seu lazer. Apesar de não serem considerados guetos *gays*, são “culturalmente delimitados, nos quais a diferença de orientação sexual é aceita e respeitada” (p. 42). Apropriando-me da interpretação da autora, considero que os encontros proporcionados pelo Time podem ser vistos como momentos em que são aceitas e respeitadas as diferentes formas de orientação sexual.

A afinidade entre as praticantes do Time ocorre, dentre outros aspectos, pela opção sexual que elas têm em comum, e favorece que os encontros proporcionados pela equipe tenham significados próximos ao que Elias e Dunning consideram lazer. Para os autores, os momentos de lazer

representam uma esfera de vida que oferece mais oportunidades às pessoas de experimentarem uma agradável estimulação das emoções, uma divertida excitação que pode ser experimentada em público, partilhada com outros e desfrutada com aprovação social e boa consciência (1992, p. 151).

Se, para vivenciar um momento de lazer, é almejado que haja o compartilhar e a aceitação social, considero que para mulheres homossexuais não é em qualquer lugar que isso pode acontecer. Dessa forma, esperava-se que existissem locais específicos para o lazer de mulheres homossexuais, os chamados “*guetos ou lugares gay*” (MEINERZ, 2005, p. 68). Contudo, tanto as minhas pesquisadas quanto as pesquisadas de Meinerz afirmam que Porto Alegre é uma cidade com pouquíssimos espaços de lazer para o público lésbico. Logo, afirmar que os momentos proporcionados pelo Time privilegiam o lazer de mulheres homossexuais, não seria reduzir ou rotular o futsal feminino estudado à homossexualidade. Seria, sim, perceber que, em uma sociedade que ainda possui setores preconceituosos quanto à opção sexual de um indivíduo, a prática de um esporte - no caso deste estudo, o futsal - pode se constituir em um momento no qual a afinidade entre as pessoas, tendo a homossexualidade como elemento comum, proporcione espaços privilegiados de lazer em que o preconceito e a discriminação fiquem quase inexistentes.

CAPÍTULO 6

RELAÇÕES DE AMIZADE ENTRE ALGUNS INTEGRANTES DO TIME

Este capítulo tem o objetivo de compreender as relações de amizade vivenciadas no Time. Inicialmente, explico a forma que essa temática ganhou destaque na investigação, em seguida apresento reflexões acerca do conceito de amizade com base em estudos do campo da filosofia, especialmente da trilogia de Ortega (1999, 2000 e 2002) sobre o tema e, à luz dessas reflexões, faço uma análise das informações obtidas durante o meu convívio com o grupo de amigos que participam da equipe investigada. Justifico, ainda, a aproximação das relações de amizade observadas nessa equipe com aspectos da teoria desenvolvida por Ortega através de um contraponto, oferecido pela perspectiva de Bauman “sobre fragilidade dos laços humanos” (2004, p. 3).

Durante a observação realizada no Time, percebi que, além das jogadoras serem colegas de equipe e compartilharem momentos de sociabilidade, algumas possuem relações que denominam amizade. Quando perguntadas sobre o aspecto mais positivo do futsal, muitas informantes destacaram esse tipo de relação:

Raquel: E qual tu acha que é o aspecto mais positivo que o futsal trouxe para tua vida?

Ana: o círculo de amizade (ANA, 18/9/2007).

Raquel: Qual o aspecto mais positivo nessa tua trajetória no futsal desde que iniciaste a jogar futebol ou futsal?

Graciele: olha, eu acho que é as amizades, assim, que a gente pega e constrói em cada torneio. A gente conhece bastante gente. Eu acho que é isso mesmo. É a amizade que a gente constrói, no caso. Tu vai pra um lado o pessoal é muito gente fina. Já fui pra fora, em Bento jogar também. Eles não sabem o que vão, no caso, fazer pra gente. Então eu acho que é isso (GRACIELE, 17/9/2007).

Nessas falas, é possível perceber que as relações de amizade estão presentes nos discursos das jogadoras, embora nem todas sejam amigas, mesmo que utilizem a palavra amizade e seus derivados. Conforme observei, há algumas interações sociais entre as praticantes (que as consideram amigas) que são diferentes daquelas entre colegas de equipe. Se entre essas últimas os assuntos são basicamente relacionados ao futsal, entre amigas eles variam e ultrapassam

os momentos de convivência no Time. Quando se encontram em outros locais, elas falam sobre os acontecimentos que ocorreram durante a semana, a família, os relacionamentos, o futsal e outras coisas mais.

Identifiquei que Laura, Rossana, Pedro, Luana, Lísia, Julia e Helena (figura 8, na página 66) compartilham relações de amizade que vão além dos momentos de convivência no Time. No início de 2007, foi combinado entre eles que, além dos encontros semanais na equipe de futsal, se encontrariam uma vez por semana para jogar paddle. Ouvi, algumas vezes, combinações de horário e local para esses jogos. Após algumas semanas que eles já vinham ocorrendo, fui convidada a participar.

No início, minha intenção era participar dos jogos apenas para aumentar minha interação com algumas praticantes. Nesses momentos, eu conseguia conversar sobre assuntos variados e interagia de forma intensa na atividade, pois, diferentemente do futsal, estava participando dos jogos. Ao contrário do futsal, o paddle era uma atividade que ninguém sabia praticar, logo, meu desempenho esportivo precário nesse esporte não limitou a minha participação junto aos outros praticantes. No paddle, posso afirmar, que todos estavam (o grupo e eu) aprendendo a jogar.

Com o passar das semanas, minha interação com essas pessoas se intensificou, pois, depois dos jogos, saíamos para jantar e conversar. Particpei de jantares na casa de algumas integrantes e, em três ocasiões, os realizei em minha casa. Nesses jantares, que se prolongavam até a madrugada, as conversas eram protagonizadas. Relatavam-se fatos do cotidiano para serem debatidos entre os amigos. Perguntas, respostas, dúvidas, opiniões contrárias, falas irônicas e jocosas provocavam risos, choros, abraços entre as pessoas ali presentes. Esse, também era um momento para brincar. Laura e Luana tinham o jogo “Imagem e Ação”. Nesse jogo, os participantes devem fazer mímica para os outros adivinharem determinada palavra que era sorteada. Esse jogo parecia ser o favorito daquele grupo de amigos, pois, conforme conversas informais com Pedro, Rossana e Lísia, o jogo estava presente em praticamente todos os encontros desse grupo. Quando foram para a praia comemorar o Ano Novo (2006-2007), passaram várias noites jogando “Imagem e Ação”.

A relação social que vivenciei com essas pessoas do Time me impressionou, pois, se num primeiro momento a participação nos jogos de paddle foi uma estratégia metodológica para interagir mais com as integrantes da equipe, com o passar do tempo eu me envolvi com esse grupo e o grupo comigo. Meus momentos de lazer se faziam junto aos momentos deles. Participei de situações importantes da vida dessas pessoas, e elas estiveram junto nas minhas. Um exemplo desses momentos está relatado no diário de campo do dia 02 de novembro de 2006:

Já eram 16 horas e eu ainda estava no torneio, eu tinha chegado lá às 8 horas. O próximo jogo do Time estava previsto para as 18 horas, então, devido meu cansaço, resolvi ir embora.

(...)

Eram 22 horas quando Pedro me ligou para me falar que Helena estava no hospital por causa de uma lesão em um dos joelhos. Fiquei muito preocupada com ela, pois parecia que era grave. Então perguntei para Pedro em que hospital que ela estava, queria ir vê-la logo. Ele falou que estava indo para o hospital, pois só naquele momento o torneio tinha acabado. Então pedi uma carona e fui com Pedro ver Helena. Ela estava sozinha no hospital e pretendia voltar para a casa de ônibus, pois o médico de plantão lhe deu remédio para dor e ela deveria voltar no outro dia para fazer exames no joelho. Helena estava chorando, sentia dor e estava muito preocupada com o que acontecera. Então Pedro e eu levamos ela para jantar no Cavanhas e tentamos acalmá-la. Me senti muito bem ajudando Helena. Vim para casa já era 1 hora da madrugada e, apesar de achar que meu envolvimento com essa situação tenha sido mais do que imagino necessário, sinto que valeu a pena ajudar a Helena (Diário de campo, n° 14, 02/11/2006)⁵⁵.

Apesar do pouco tempo de convivência com as pessoas integrantes do grupo de amigos investigado, sentia-me completamente pertencente a ele. Percebia que entre essas pessoas, e aqui me incluo, se construía um tipo de relação social que denominei amizade. Com isso, comecei a perceber que uns dos aspectos que mantinham o associativismo esportivo que eu investigava eram as relações de amizade que se construía dentro do universo do futsal, mas que ultrapassavam seus limites e invadiam outras esferas da vida das praticantes.

⁵⁵ Mesmo que o grupo de amigos foi por mim identificado a partir dos jogos de paddle que iniciaram em 2007, as relações de amizade existente entre essas pessoas são anteriores a eles. Minha relação de amizade com alguns integrantes desse grupo também foi se constituindo anteriormente aos jogos de paddle. Com Helena, por exemplo, desde o início da pesquisa tive afinidade. Nossa relação se pautou pela troca: de minha parte, ajuda com estudos acadêmicos dela; da parte de Helena, com presentes. Dentre as coisas que ganhei, surpreendi-me com um desenho sobre minha monografia (SILVEIRA, 2004) a qual havia indicado como leitura para ela (Anexo).

Logo, minha preocupação se voltou para a compreensão dessa relação de amizade existente entre esses integrantes do Time.

Para tanto, considere necessário apreender o conceito de amizade a partir de estudos que o problematizam. Nesse processo, percebi que é no campo da filosofia que a amizade teve e tem maior destaque. Baldini (2000, p. 10), em sua coletânea sobre amizade e filósofos, afirma que “os filósofos da antiguidade dedicaram à amizade uma atenção muito especial”⁵⁶. A partir disso, modifico a forma de abordagem até o momento utilizada, que consistia em dialogar com estudos empíricos, e passo, nesse capítulo, a manter um diálogo com autores que abordam o tema em questão tendo em vista uma perspectiva filosófica. Enfatizo que a opção de alterar a maneira de analisar os dados obtidos ocorreu devido a relevância e seriedade que essa temática assumiu em relação à perspectiva aqui abordada.

6.1. AMIZADE ENQUANTO EXERCÍCIO DO POLÍTICO: “EU TENHO MUITOS CONHECIDOS E POUÇOS AMIGOS”

O tema da amizade, muitas vezes, é tratado de maneira *familiar* por estar presente no cotidiano das pessoas. Quem não sabe o que é amizade? Quem nunca teve um amigo? Quem nunca foi um amigo? No entanto, definir o que significa amizade, o que deve significar, ou o que já significou e o que pode significar é tarefa complexa. Muitos filósofos já se propuseram a realizá-la. Platão, Aristóteles, Cícero, Montaigne, entre outros, se questionaram sobre a amizade, proporcionando reflexões diferenciadas e até contraditórias⁵⁷. Atualmente, Francisco Ortega parece ser um dos principais intelectuais a se dedicar à temática da amizade. Esse autor possui uma trilogia sobre o tema na qual retoma

⁵⁶ Baldini continua sua afirmação relatando as obras de alguns filósofos sobre o tema: “Platão, por exemplo, dedicou a esse tema um diálogo inteiro (*Lísis*); Aristóteles expressou as suas reflexões principalmente em dois livros (oitavo e nono) da *Ética Nicomaquéia* e, depois deles, Epicuro, Sêneca e Cícero, só para lembrar alguns nomes, procuraram descobrir quais seriam as qualidades do amigo ideal, como também qual seria o papel e a função da amizade” (BALDINI, 2000, p. 10).

⁵⁷ Ver livro BALDINI, Massimo (org.). *Amizade & Filósofos*. Tradução de Antonio Angonese. Bauru, SP. EDUSC, 2000.

elementos trazidos pelos antigos filósofos e também aspectos de outros intelectuais, como Foucault, Arendt e Derrida.

Platão propõe, em seus escritos, a *teleia philia* (amizade verdadeira) como inalcançável, transcendental e ontológica. Para esse filósofo, a prática da amizade é inexistente, pois agrega muitos aspectos que não são possíveis de alguém possuir: amor, verdade, sabedoria, justiça, semelhança, diferença, interesse. Contudo, a principal característica da amizade nos escritos de Platão é o amor (*Eros*). *Eros-phia* é uma relação presente em Platão que faz da amizade “uma espécie de *Eros* sublimado” (ORTEGA, 2002, p. 29).

Aristóteles também desenvolve suas reflexões a partir de uma tradição teórico-filosófica normativa. No entanto, se para Platão *phia* se aproxima de algo eterno e inexistente na prática das relações humanas, para Aristóteles há tipos ideais de amizade que não se afastam tanto da realidade empírica.

Aristóteles transformaria a noção platônica de uma idéia transcendental para um tipo sociológico, o qual, embora difícil de atingir, constitui o critério que guia a análise e a avaliação de todas as formas de *phia*. A amizade é explicável sem referência a um bem transcendental a nossa experiência empírica, considerando a sociabilidade humana como um fato original (ORTEGA, 2002, p. 39).

Para Aristóteles é impossível que todas as formas de amizade sejam contempladas em uma única definição. Esse filósofo, mesmo acreditando em uma *teleia philia*, inicia uma reflexão sobre a amizade que proporciona aproximações com as relações sociais que acontecem na prática⁵⁸. A partir dele é possível pensar em *amizade* no plural.

Afastar o conceito de amizade de uma ontologia platônica pode permitir reflexões com base em informações empíricas das relações sociais. Platão enumera questões fundamentais para analisar as práticas da amizade, contudo, é a partir de Aristóteles que este conceito começou a ser contextualizado nos acontecimentos sociais. Segundo interpretações de Ortega (2002), “a amizade é

⁵⁸ Num primeiro momento, pode-se considerar uma contradição pensar em uma amizade verdadeira, como almejavam Platão e Aristóteles, juntamente com a amizade que é vivenciada pelas pessoas, devido compreender que “no fundo, a amizade perfeita (*teleia philia/ amicitia Vera*), filosófica e raramente concretizável – que serve como ideal regulativo, como padrão de medida para as amizades e como forma de desqualificar os tipos de amizade que não se conformem ao modelo perfeito – não se amolda às experiências da amizade vividas na *polis*” (ORTEGA, 2002, p. 45). Contudo, conforme Ortega, seria errôneo não admitir que Aristóteles fez tentativas para aproximar a amizade por ele almejada daquela que se vivencia na realidade.

uma manifestação que não se comporta uniformemente no tempo e no espaço” (p. 11). Se existe uma tradição teórico-filosófica sobre a amizade, não significa que suas práticas e seus significados sejam imutáveis. Logo, tanto os aspectos presentes na concepção teórico-filosófica quanto os acontecimentos empíricos são importantes para a compreensão da temática.

A partir disso, proponho considerar a amizade um tema a ser estudado a partir das relações sociais que acontecem no dia-a-dia das pessoas. Um tipo de relação social construída a partir do grupo social que a vivencia. No entanto, isso não significa se afastar da tradição teórico-filosófica, mas considerar aspectos dessa tradição em conjunto com aqueles presentes no campo empírico.

O primeiro aspecto que destaco, na minha vivência com o grupo de amigos investigado, é a importância dada à noção de amizade. No título deste tópico, foi destacada uma frase que ouvi em diversas conversas informais com os pesquisados que afirmam ter poucos amigos. Essa afirmativa demonstra, de certa forma, que a complexidade da noção de amizade também está presente nas vivências deles. Laura, por exemplo, diz ter poucos amigos e muitos conhecidos:

As amizades que eu tenho hoje, se tu for analisar assim tantas pessoas que eu digo assim: eu tenho muitos conhecidos e poucos amigos. E é por causa disso, porque a amizade pra mim é muito disso: se a pessoa precisar de mim eu vou estar lá, mas eu sou assim,... eu dou valor a quem me dá valor. Eu acho isso importante. E eu vejo que muita gente é assim: muito superficial, muito de “tá aqui, tá ali”, e isso eu não curto muito (LAURA, 30/10/2007).

Julia também considera que tem poucos amigos no Time, isso porque a palavra amigo é significativa para ela. Contudo, mesmo com esse cuidado das praticantes em relação à ideia de amizade, o objetivo desse capítulo não é somente entender o que *elas* definem como amizade, mas, sim, apreender de que maneira elas vivenciam esse tipo de relação social com algumas praticantes da equipe.

Considero que as características presentes na relação de amizade do grupo de amigos investigado demonstram mais aproximações com a amizade

idealizada por Ortega⁵⁹ (1999, 2000 e 2002) - um ‘exercício do político’” (ORTEGA, 2000, p. 12) -, do que a defendida por Bauman (2004) sobre a “fragilidade dos laços humanos”.

As amizades para Ortega devem abranger uma *ascese*, uma recriação de si na direção de um aperfeiçoamento espiritual. Essas relações devem ser espaços compartilhados de liberdade, risco e experimentação. São relações não-institucionalizadas que devem romper as fronteiras das relações familiares, afetivas e profissionais, que consistem em normatizações da sociedade. São relações sociais que envolvem alteridade, semelhanças, trocas, reciprocidades, *parrhesía*, risco e formas de vida.

Optando em aprofundar a discussão da amizade com base nos estudos de Ortega, apresento aproximações e distanciamentos da teoria desse autor em relação às informações que obtive no campo empírico.

6.1.1. “É UM AMIGO, É UM IRMÃO”: IDEOLOGIA FAMILIARISTA NAS RELAÇÕES DE AMIZADE

Para as relações de amizade se constituam em um “exercício do político”, conforme deseja Ortega, é preciso que elas aconteçam na esfera pública da vida das pessoas. Segundo esse autor, amizade deveria se caracterizar principalmente por ser “um fenômeno público, [que] precisa do mundo e da visibilidade dos assuntos humanos para florescer” (ORTEGA 2002, p. 161). Como as relações familiares fazem parte da esfera privada da vida dos indivíduos, não possuem requisitos para que a ética da amizade, idealizada nos escritos de Ortega, aconteça.

Prost (2006), ao escrever sobre a “História da vida privada”, diz que “a vida privada não é uma realidade natural, dada desde a origem dos tempos: é

⁵⁹ Utilizo a palavra idealizada porque, assim como os filósofos acreditavam na *teleia philia*, Ortega, em certa medida, também se afasta de informações empíricas e se aproxima de uma idealização através da elaboração de uma ética da amizade, considerando essa relação um “exercício do político”. Ele percebe esse distanciamento do seu conceito de amizade com a realidade no Epílogo do seu último livro, “A amizade em tempos sombrios”, ao considerar escassas as chances de se realizar essa ética proposta por ele mesmo. Contudo, as reflexões do autor auxiliam pensar, a partir de informações empíricas, as relações de amizade no contexto atual.

uma realidade histórica, construída de diversas maneiras por sociedades determinadas” (p. 15), atribuindo sentido à vida pública e vice-versa. Instituições sociais que em algum momento foram representativas da esfera pública da sociedade podem, em outros, representar a esfera do privado. A instituição familiar é um exemplo, pois passou por um processo em que “perdeu suas funções ‘públicas’ e passou a ter apenas funções ‘privadas’” (p. 61). Atualmente, a família é considerada um dos principais lugares privados dos indivíduos.

Ao referir-se às mudanças atuais nas famílias, Prost (2006) acredita em uma “privatização” da família que faz essa instituição perder forças no campo do público, restando-lhe “apenas a realização da vida privada” (p. 61). Para esse autor, a privatização acontece no interior da própria família, possibilitando o surgimento de uma vida privada individual.

Se para Ortega a amizade é um fenômeno público, e para Prost a família se constitui do espaço privado dos indivíduos, essa instituição social não contemplaria relações de amizade? Essa é uma questão discutida por Ortega e que apresenta um significativo debate no campo dos estudos sobre a amizade.

Nas observações que fiz no grupo de amigos, posso afirmar que as relações de amizade estavam pautadas por uma lógica familiar. Laura afirma que Julia é como uma irmã: “eu a vejo como uma irmã, entendeu? Essa é a minha definição de amizade que eu tenho com essa pessoa” (LAURA, 30/10/2007). A amizade vivenciada entre Luana e Pedro também é regida pela lógica familiar. Para Luana, “o Pedro é um amigo, um irmão” (LUANA, 25/9/2007).

Segundo Ortega, mesmo com as mudanças sofridas pela instituição familiar, em que há “uma aparente decadência” (2002, p. 157), a partir da segunda metade do século XX a presença simbólica dessa instituição se faz extremamente forte nas formas de estar do indivíduo com os outros e em instituições políticas e religiosas. Existe uma “ideologia familiarista” (ORTEGA, 2002, p. 161) que perpassa o cotidiano das relações sociais. Logo, se a família - enquanto instituição - está em processo de decadência⁶⁰, pode-se considerar que enquanto ideologia ela é significativa.

⁶⁰ Três aspectos são destacados para explicar a crise da célula da sociedade, “a família tradicional burguesa” (ORTEGA, 2002, 157): “[1] o corte das linhas que ligam as gerações mais novas às mais velhas, expressa na descontinuidade de valores entre pais e filhos; [2] a instabilidade na vida

Essa presença da *lógica* familiar em relações de amizade, segundo Ortega, não contribui para a ética da amizade nem para a transformação desta em um “exercício do político”. A família, enquanto instituição, é normativa; já, as relações de amizades não devem ser normatizadas. A família envolve relações sociais preestabelecidas, enquanto a amizade promove novas experimentações, escolhas e formas de vida. A amizade seria, para Ortega, “uma alternativa às velhas e rígidas formas de relações institucionalizadas, representando igualmente uma saída ao dilema entre uma saturação de relações surgido da dinâmica da modernização, e uma solidão ameaçadora” (2000, p. 56 e 57).

Se a família não pode ser confundida com a amizade e vice-versa, o que deve reger uma amizade? O que se pode fazer entre amigos? E o que não se pode fazer para que a relação de amizade seja um *exercício do político* como propõe Ortega?

Mesmo que a principal característica das relações de amizade desejada por Ortega seja o afastamento desta da lógica familiar, existem outros aspectos nessas relações que auxiliam a fazer da amizade um “exercício do político”. Se, por um lado, as amizades vivenciadas no grupo investigado não cumprem a principal característica proposta por esse autor (afastamento da ideologia familiarista), por outro, outras características podem ser identificadas nas relações entre os pesquisados.

6.1.2. SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS, APRENDIZAGENS E CONFLITOS

Experimentação, risco, *ascese*, *parrhesía*, trocas, reciprocidades, semelhanças, diferenças, aprendizagens e conflitos são conceitos que Ortega destaca em sua trilogia sobre amizade e que me auxiliaram na interpretação de aspectos da amizade vivenciada entre alguns integrantes do Time. Nem de longe a idéia desse tópico é considerar que a amizade por mim investigada seja a mesma amizade idealizada nos estudos do autor, pois, como destaquei no tópico

conjugal, como refletem as taxas de divórcios; e, [3] finalmente, o dismantelamento da noção de ‘ninho’ da vida familiar nuclear, a partir da libertação feminina” (ORTEGA, 2002, p. 157 e 158).

anterior, a principal característica dessa amizade idealizada por Ortega não está presente nas relações observadas. Enfatizo que a proposta desse autor não é descrever as amizades vivenciadas na sociedade atual, mas, sim, propor um tipo de amizade que seja um “exercício do político”.

Para Ortega, um amigo deve ser aquela pessoa que compartilha novas ações, que utiliza a *Parrhesía* para fugir de relações sociais já existentes e imaginadas em direção a novas formas de ser e estar no mundo.

O conceito de *Parrhesía* surge na análise de uma ética da amizade a partir de reflexões de Foucault sobre o conceito de “jogo de verdade” (FOUCAULT, 2006b, p. 11). Quem pode dizer a verdade, a maneira que diz tal verdade e o porquê são aspectos presentes no conceito de *Parrhesía*. Mesmo não se sabendo exatamente a que verdade o sujeito se refere, é possível identificar que esse conceito alude às verdades contingentes de uma sociedade. O dizer verdadeiro, portanto, é importante e provoca riscos em uma relação. *Parrhesía* requer o direito, a valentia e a liberdade da palavra, o que proporciona intimidade na relação de quem fala e de quem escuta. É um conceito que existe entre pessoas que possuem semelhanças e diferenças. É uma ação que envolve trocas e reciprocidades, proporcionando conseqüências na relação social.

Parrhesía se aproxima e auxilia o entendimento das relações de amizade discutidas por Ortega, além de ser um conceito que, olhado a partir desse tema, serve como um instrumento de análise para interpretar informações/dados empíricos.

Algumas características das amizades vivenciadas entre os entrevistados podem ser compreendidas através do conceito de *Parrhesía*. Na amizade de Pedro e Julia, os conflitos existentes estão relacionados com o dizer a verdade, elemento capital nesse conceito. Conforme a afirmação de Pedro: “Ninguém está preparado para ouvir o que o outro vai dizer”. Contudo, mesmo com a falta de preparação para ouvir a verdade, Pedro confia em Julia para fazer confidências e receber a opinião (e, quem sabe, a verdade) dela:

A Julia acaba sendo a minha confidente assim, acabo conversando com ela, como é que eu estou, a minha situação e coisa e tal, converso com ela... então é uma pessoa que eu converso, é uma pessoa que eu confio pra poder conversar sobre isso, né (PEDRO, 9/12/2007).

Em relação à amizade de Laura e Julia, por exemplo, aquela afirma que é pelas diferenças entre elas que há conflitos e aprendizagens:

A gente tem diferenças... Diferenças gritantes assim nos temperamentos (...) então isso gera alguns conflitos. E eu sou uma pessoa muito incisiva às vezes. E isso acaba comprometendo um pouco no desenrolar da coisa. Então nesses anos a gente teve bastante brigas em função de opiniões diversas. Até dessa pessoa achar que eu deveria tomar outra atitude. Mas acho que são coisas que a gente aprende. Eu acho que eu aprendi muito a dar valor pras coisas em função dela ter um temperamento diferente e a gente acaba aprendendo (LAURA, 30/10/2007).

Laura considera que as críticas de Julia modificaram sua maneira de agir, pois, “hoje eu sou um pouco... Não sou tão dura como já fui antigamente, em alguns pontos. Isso em função de algumas críticas faladas por essa pessoa [Julia]” (LAURA, 30/10/2007).

Quanto à amizade entre Laura e Pedro não há muitas diferenças, pois conflitos e aprendizagens também estão presentes. Laura e Pedro ficaram “praticamente dois anos sem se falar” por causa de um conflito que aconteceu “em função de diferenças de opiniões em algumas coisas e por ele ser extremamente teimoso e eu também” (LAURA, 30/10/2007). Pedro considera que ele e Laura são opostos nos jeito de agir, pois “enquanto eu acho que eu uso a emoção ela usa a razão, enquanto eu acho assim, que primeiro tem que dar pra depois receber ela primeiro tem que receber pra depois dar. Então assim, nós somos bem o oposto assim” (PEDRO, 9/12/2007).

As aprendizagens vivenciadas na amizade entre Pedro, Julia e Laura estão diretamente relacionadas com as diferentes formas de agir e de conceber o mundo entre eles. É a partir da relação com o *outro* que eles vão se construindo enquanto sujeitos. Na teoria de Ortega, este aspecto é importante para as relações de amizade e se refere à *ascese* do sujeito: a autoconstituição, mediante a recriação e o cuidado de si, características que, de certa forma, são expressas nas falas dos pesquisados citadas anteriormente.

O *outro* ou os *outros* se apresentam com significativa importância nos conceitos de recriação e cuidado de si, em especial, no contexto da amizade. As

semelhanças e diferenças permitem aos sujeitos uma relação de amizade que vai se constituindo à medida que ele se torna “arquiteto de uma rede, o iniciador de suas relações sociais em um universo construído por ele mesmo” (ORTEGA 1999, p. 156). É através do outro que o sujeito se relaciona consigo mesmo. É através da alteridade que o indivíduo se reconhece e demarca sua forma de viver. Logo, em uma relação de amizade, tanto as diferenças quanto as semelhanças são importantes para possibilitarem uma recriação e cuidado de si. A *ascese* do indivíduo se faz nas novas experimentações e nas trocas com os outros.

Para Rossana, a amizade com Julia provocou modificações no seu modo de ser que ela as inclui no rol de melhoramento pessoal:

Eu modifiquei um pouco a respeito acho que da minha personalidade. Ou de ver algumas coisas né. Eu era, no início uma pessoa muito fechada. E eu era uma pessoa muito séria. E essa pessoa [Julia] me ajudou um pouco a ser mais descontraída. Não diretamente, mas foi conversando, e eu fui vendo, né. Então eu comecei a mudar um pouco assim, a minha maneira de ver (ROSSANA, 30/10/2007).

Outro aspecto que pode ser problematizado é a atividade escolhida pelas pessoas que integram o grupo de amigos investigado. Com a minha participação nos jogos de paddle ficou evidente que *jogar paddle* foi uma atividade *estranha, nova*, diferentes daquelas que eles estavam acostumadas a realizar. Se Laura, Julia, Helena, Pedro e Luana praticam futsal e possuem um bom capital esportivo nesse esporte, Rossana e Lísia não participam disso. Logo, nenhuma dessas pessoas possuía domínio das técnicas e regras do jogo de paddle. Essa atividade foi uma experimentação nova para todos. Foi uma prática em que todos aprenderam novos gestos, novas regras e, principalmente, compartilharam significados que foram sendo atribuídos a cada situação específica do jogo e a cada momento de convívio que essa atividade proporcionava. Conforme Laura,

o paddle, pra mim, era um lazer. Era estar saindo da rotina. Era... Porque não é só jogar, né. Tem o intervalo, tem as conversas paralelas. É tudo que está co-relacionado antes e depois. Então pra mim era um momento de... Assim, tranqüilo de lazer mesmo, de espairar um pouco nas outras coisas, de falar sobre outros assuntos (LAURA, 30/10/2007).

Essa afirmação da informante Laura demonstra que não só o momento do jogar era importante nos encontros de paddle. Para ela, o sair da rotina, as conversas sobre assuntos diversos e o espairer se constituíam em aspectos importantes nesses encontros. Pode-se dizer que o paddle lhe proporcionou “a experimentação de novas formas de sociabilidade” (ORTEGA, 2000, p. 13).

No estudo realizado por RIGO (2007) sobre o futebol de bairro, na cidade de Pelotas/RS, também foi identificada uma aproximação das relações sociais lá estabelecidas com o conceito de amizade proposto por Ortega: “o Futebol de Bairro, assim como outras práticas de lazer similares, desempenha um papel social e cultural estratégico para pensarmos novas ‘políticas da amizade’” (RIGO, 2007, p. 93). Os dados que Rigo apresenta em seu estudo demonstram que o “clube” de futebol do bairro proporcionava, além do futebol, as festas e os bailes, conforme afirma o autor (2007, p. 90): “o clube se transforma em um lugar propício para encontros, um espaço que contribui para aproximar amigos”.

6.2. AMIZADE INVESTIGADA: LONGE DAS FRAGILIDADES DOS LAÇOS HUMANOS E PRÓXIMO DA EXPERIMENTAÇÃO DE NOVAS FORMAS DE SOCIABILIDADE

Tanto na fala das investigadas quanto na maneira delas vivenciarem as relações de amizade, é possível afirmar que essas relações não podem ser consideradas “uma ‘relação de bolso’” (BAUMAN, 2004, p. 36) em que a característica principal é a fragilidade dos laços humanos. As relações de bolso, conforme Bauman, “é a encarnação da instantaneidade e da disponibilidade” (2004, p. 36), marcas do líquido mundo moderno no qual, segundo ele, a sociedade vive. Se Bauman acredita que se vive em um “líquido mundo moderno” (2004, p. 46) em que se “detesta tudo o que é sólido e durável, tudo que não se ajusta ao uso instantâneo” (2004, p. 46), o grupo de amigos investigados se mostra diferente. A amizade de Laura, por exemplo, com Julia perfaz oito anos, e há dez anos é amiga de Pedro, logo não se pode generalizar que “fluidez, fragilidade e transitoriedade (...) marcam todas as espécies de vínculos sociais” (BAUMAN, 2004, p. 112).

Bauman compara os relacionamentos humanos a um investimento financeiro em que se investe “tempo, dinheiro, esforços que [se] poderia empregar para outros fins, mas não [se] empregou” (2004, p. 28) à espera de que os rendimentos desses investimentos gerassem lucros. Para esse autor, os “relacionamentos são investimentos como quaisquer outros” (2004, p. 29), pois

you buy shares and you hold them as long as their value promises to grow, and you sell them promptly when the profits begin to fall or other shares offer a higher return (the trick is not to let the moment pass when this occurs). If you invest in a relationship, the profit you expect is, first and foremost, and above all else, security – in many senses: the closeness of the hand when you need it most, the help in times of distress, the company in loneliness, the support to get through a difficulty, the consolation in defeat and the applause in victory; and also the gratification that we take immediately when we are freed from a need. But be alert: when you enter a relationship, the promises of compromise are “irrelevant in the long run” (BAUMAN, 2004, p. 28 e 29).

Para Bauman, as relações entre as pessoas estão fadadas a uma fragilidade sendo metaforicamente identificadas com o mundo virtual. Na modernidade líquida, período que Bauman acredita que se esteja vivendo, “sempre se pode apertar a tecla de deletar” (BATH *apud* BAUMAN, 2004, p. 13), e, assim, os relacionamentos humanos se caracterizam por uma “proximidade virtual [que] reduz a pressão que a contigüidade não-virtual tem por hábito exercer” (2004, p. 82). Portanto, para esse autor, os variados vínculos estabelecidos entre as pessoas se assemelham ao momento líquido que a sociedade vive. A liquidez, a vulnerabilidade, a fluidez, a fragilidade estão presentes nas interações humanas.

As informações obtidas no grupo de amigos investigado vão em uma direção diferente àquela traçada por Bauman. Se, para ele, os vínculos humanos são frágeis, a amizade entre Pedro, Julia, Laura, Rossana, Lísia, Luana e Helena evidencia fortes laços que permitem, por exemplo, a existência de diferenças e conflitos entre eles. Na amizade desse grupo, tem lugar para “a experimentação de novas formas de sociabilidade” (ORTEGA, 200, p. 13), sem que isso ocasione o rompimento definitivo da relação. Então, a partir de diferenças e conflitos, acontecem aprendizagens e melhoramento pessoal entre essas pessoas que compartilham a relação.

A amizade investigada proporciona, em certa medida, a *ascese* do indivíduo através da *parrhesía* vivenciada entre os amigos. Essa característica a aproxima daquela proposta por Ortega, que se caracteriza por ser um “exercício do político”. Essa aproximação pode ser estabelecida mesmo sabendo que o objetivo desse autor não é descrever a realidade, mas, sim, propor uma forma de vivê-la.

Distanciar as informações empíricas obtidas neste estudo da análise de Bauman e aproximá-las da de Ortega não significa estabelecer um antagonismo entre os pressupostos de ambos, mas considerar que os caminhos que percorrem são diferentes. Se Bauman fala das “fragilidades dos laços humanos”, Ortega não considera haver uma rigidez nas relações de amizade, mas propõem novas formas de sociabilidade entre as pessoas que não sejam, necessariamente, líquidas, vulneráveis, entre outras características que Bauman destaca. De acordo com o exposto, foi objetivo desse capítulo analisar as relações de amizade vivenciadas pelos integrantes do Time a partir dos estudos que problematizam esse tipo de vínculo humano. Se, por um lado, não foi possível relacionar as idéias de Bauman com a observação realizada no campo, por outro, algumas das características de amizade propostas por Ortega vieram ao encontro da interpretação dos dados nela obtidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se terminam trabalhos, eles são abandonados⁶¹

Conforme já foi dito na introdução deste estudo, nem todos os dados obtidos nesta pesquisa foram devidamente discutidos com a atenção que mereciam, contudo, de acordo com a epígrafe, chegou a hora de abandonar o trabalho. Como acontece nos meus artesanatos, também estão *sobrando* materiais. Temas a serem estudados, situações que ocorreram no campo empírico, categorias por serem analisadas e referenciais teóricos que poderiam ter sido utilizados, tiveram que ser deixados de lado para privilegiar o que compôs o corpo desta dissertação. Mas, diferentemente do que se possa pensar, isso não significa que esse material não possa vir a ser retomado em novos estudos. Seguindo nesse caminho elaboro essas considerações com dois propósitos: refletir sobre aquilo que foi privilegiado, apontando aspectos que dêem um fecho a esta pesquisa e, servindo-me daquilo que não foi utilizado proponho algumas questões para futuros estudos.

Este estudo buscou compreender o que é e de que maneira acontece o associativismo de um grupo de mulheres praticantes de futsal na cidade de Porto Alegre. Dentre as preocupações que envolveram a pesquisa estavam o lazer esportivo de mulheres e a presença delas em esportes considerados socialmente masculinos. Essas preocupações, que formam o corpo da pesquisa, foram frutos da constatação do pequeno número de estudos que abordam essas temáticas. Se mulheres praticantes de esportes já é um assunto pouco tratado nas investigações sociológicas, o tema mulheres praticantes de esportes socialmente considerados masculinos em momentos de lazer é menos ainda. Com a finalidade de discutir esse tema desenvolvi a presente investigação.

Realizei um estudo etnográfico com um time de praticantes de futsal da cidade de Porto Alegre, composto por 17 jogadoras, um técnico e sete pessoas (companheiro(a), filho(a) e sobrinha das jogadoras) que acompanhavam a equipe. Obtive informações através de 51 momentos em que observei o time e de 17

⁶¹ Valéry *apud* Geertz, (2006, p. 14).

entrevistas; também me utilizei de contatos via e-mails e de um programa de relacionamento da internet.

Com o decorrer das observações, percebi que o associativismo esportivo das mulheres estudadas se pautava por inúmeros tipos de interações sociais. Na equipe observei vínculos de parentesco, profissionais, hierárquicos, de companheirismo, e, em especial, vínculos esportivos, homossexuais e de amizade. Destaco esses três últimos tipos de vínculos porque os identifiquei como sendo os sustentáculos do associativismo estudado. São eles que – principalmente - fazem com que as pessoas do time se encontrem em todos os finais de semana. É por gostarem de esporte, por terem em comum a opção homossexual e compartilharem relações de amizade que o time se mantém. Contudo, ressalto que, mesmo sendo esses os sustentáculos do associativismo estudado, isso não significa que todos os integrantes compartilhem esses vínculos. Deve-se ter o cuidado para não deslizar as análises de um grupo para uma análise à escala individual. Os significados que cada integrante atribui ao time variam. Se algumas fazem parte da equipe pelo gosto do futsal, outras permanecem nela pelas relações de amizade. Se algumas jogadoras são homossexuais e encontraram naquele espaço uma possibilidade de vivenciarem seus momentos de lazer, outras são heterossexuais e também estão ali para terem seus momentos de descontração. Logo, minhas análises não se preocuparam em verificar motivos pessoais para a participação no associativismo esportivo estudado, mas, sim, em entender os aspectos que perpassaram esse associativismo enquanto um grupo.

O esporte é o vínculo mais forte existente no time e aquele vivenciado pela a maioria dos integrantes. Na equipe acontecem treinamentos, jogos amistosos e jogos por competições. Ao mesmo tempo em que as investigadas afirmam jogar por lazer, elas ressaltam a importância do capital esportivo, do rendimento e da vontade de vencer. Para ser uma jogadora do time é preciso “jogar bem”, um *saber-fazer* que se vincula a ter conhecimentos de aspectos técnico-táticos do futsal e disputar, jogo a jogo, um lugar na equipe titular. Também é necessário ter uma boa convivência com as colegas e compartilhar brincadeiras, momentos de descontrações e atividades extraquadra que a equipe organiza. O significado do esporte para o Time, portanto, oscila entre a seriedade

e a brincadeira, a busca pelo rendimento e o jogar por prazer, o *ethos* profissional e o *ethos* amador, a atividade voltada para os outros e a atividade dirigida para si, uma prática com utilidade pública e uma prática de utilidade lúdica.

Resumindo, o esporte praticado pelo time pode ser metaforicamente representado por uma gangorra em constante movimento, sendo que as características do esporte de rendimento e do *esporte de lazer* estão em lados opostos, por isso são interdependentes. Essa maneira de vivenciar o esporte, se apropriando tanto de características do esporte de rendimento quanto do de lazer, também foi identificado em estudos que abordam grupos de homens que se reúnem, em momentos de lazer, para a prática esportiva. Logo, afirmar que a maneira que homens e mulheres vivenciam o esporte é diferente, chegando, às vezes, a ser considerada oposta, não condiz com aquilo que foi identificado empiricamente. Sobre esse aspecto, não faço constatações devido a não ter sido este o objetivo da pesquisa, contudo, é uma questão que poderia ser investigada em futuros estudos.

Outro aspecto que deve ser problematizado é a maneira como mulheres iniciam e se inserem em esportes socialmente considerados masculinos. Se, no caso desta pesquisa, foi identificado nos discursos das informantes um apoio familiar, em especial do pai, para a prática do futsal, em outros estudos percebe-se o contrário: as mulheres têm muitas dificuldades para transitar nesses universos. As observações que realizei com o time não foram referentes à iniciação e inserção das praticantes no esporte em questão, apenas, requisitei informações das jogadoras de como isso ocorreu. Logo, se foi possível perceber certa facilidade das praticantes para se inserirem nesse universo reservado aos homens, não significa que isso efetivamente tenha acontecido. Pode-se questionar se esses discursos não se encontram numa lógica de “transformar o trajeto em projeto” (BOURDIEU, 1996, p. 146), pois parece ser recorrente que as explicações sobre o lugar que uma pessoa ocupa sejam feitas a partir de um projeto coerente e linear que o justifica facilmente, em que aquele que relata acaba se esquecendo do verdadeiro trajeto que percorreu. Assim, proponho que a análise dessa pesquisa sobre esse tema motive novos estudos densamente empíricos.

Por fim, o último aspecto a problematizar, na categoria esporte, é a conciliação da dupla (e, às vezes, tripla) jornada de trabalho das mulheres com a prática sistemática de um esporte de lazer. Muitos estudos referentes a mulheres destacam que estas se dividem entre o trabalho profissional e o trabalho da casa, restando pouco tempo para outras atividades. Contudo, as informações que obtive nessa pesquisa não demonstraram essa dificuldade, ao menos, não escutei e não presenciei nada sobre esse aspecto da vida das jogadoras. Meu olhar também não estava voltado para essa questão, logo, compreendo que esse deva ser outro tema que – em estudos futuros – tenha a chance de ser mais aprofundado.

Em relação às questões da opção sexual, constatei que estas se entrelaçam com o universo investigado. As integrantes da equipe que são homossexuais possuem estratégias de gerenciamento da visibilidade da homossexualidade de inúmeras maneiras conforme o contexto em que se encontram. Nas ações e nas falas das pesquisadas foi possível observar que elas não fazem disso a parte mais importante das suas vidas, logo, não necessitam dar visibilidade a ela, pois concordam que há muitos preconceitos na sociedade envolvendo esse tema. Percebi, contudo, que o universo do futsal investigado e também o universo do futsal feminino amador da grande Porto Alegre (lugares em que fiz observações) são espaços em que o gerenciamento da visibilidade da homossexualidade é quase inexistente. Neles, o preconceito contra essa opção é quase imperceptível. Mas, se dentro do futsal feminino as ações preconceituosas são mínimas, o futsal feminino, enquanto instituição, é alvo de inúmeros preconceitos, tanto de gênero quanto de sexualidade.

Porém, na equipe investigada, verifiquei certa depreciação em relação às jogadoras que têm um comportamento que se assemelha ao dos homens. Segundo minhas informantes, possuir uma feminilidade que tenha características próximas das que são constituídas social e historicamente como masculinas faz com que o futsal e futebol feminino sejam “rotulados”. Esse rótulo consiste na associação da prática do futsal feminino com a masculinização, o que tornaria todas as praticantes, conseqüentemente, homossexuais, pois o rótulo se forma e se mantém pelas aparências e não pelas ações. Assim, para a equipe, a opção sexual não é fator de distinção entre as praticantes, mas o gênero sim, em

especial, por favorecer a manutenção do rótulo ao esporte. Por esse motivo, os próximos estudos que abordarem o tema de mulheres homossexuais praticantes um esporte socialmente considerado masculino não devem deduzir *a priori* que as feminilidades delas sejam do tipo “caminhoneira” ou próxima da masculinidade hegemônica, pois, nesta pesquisa, encontrei inúmeras feminilidades que não contemplam o estereótipo da jogadora masculinizada.

A última categoria aqui analisada trata sobre a amizade e possuiu certas particularidades na sua abordagem. Os poucos trabalhos empíricos sobre esse tipo de relação social fez com que eu buscasse embasamento teórico em outra área de estudo: a filosofia. Nesse campo, o objetivo é discutir a noção de amizade, com a proposição de formas para ela acontecer. O autor que estudou especificamente a amizade foi Ortega. Optei, então, em olhar possíveis aproximações e distanciamentos da idéia de amizade proposta por ele em relação àquela que vivenciei e presenciei com alguns integrantes da equipe.

Parrhesía, *ascese*, recriação e cuidado de si são características presentes tanto na idéia de amizade proposta por Ortega quanto nas relações entre os amigos investigados. Contudo, a lógica da amizade investigada está pautada em uma ideologia familiarista que possuiu normatizações estabelecidas. Para Ortega, essa é uma característica que não cabe em sua noção, pois essa relação deve pertencer ao público e não deve ser normatizada, uma vez que a amizade deveria ser um exercício do político.

Outro autor que utilizei na análise das relações de amizade foi Bauman. Ele não discorre especificamente sobre a amizade, mas, sobre os “laços humanos”. Para ele, a sociedade vive em um mundo líquido no qual até os vínculos entre as pessoas acabam se tornando frágeis e sem consistência. Se esse autor tem seus argumentos para fazer tais afirmações, esta pesquisa mostra que, olhando com profundidade para as relações do cotidiano das pessoas, pode-se encontrar - e no grupo de amigos investigado encontrei - relações sociais fortes, consistentes e duradouras. Não estou negando as contribuições que Bauman traz para a compreensão da realidade, contudo, proponho que olhar, de perto e de dentro, para o cotidiano de pequenos grupos sociais pode trazer surpresas para qualquer analista da realidade.

A proposta aqui apresentada de transformar o fazer científico em um fazer artesanal teve suas vantagens. Foi através da etnografia - um modo lento de fazer ciência, em que após cada observação se deve refletir sobre como agir *no campo* – que pude trazer informações empíricas que, ao menos, desestabilizaram saberes, muitas vezes, nem questionados. Se essa pesquisa foi elaborada tendo em vista os poucos estudos sobre o tema em questão, isso não significa - e também nem se pretendia – que essa discussão fosse aqui esgotada. Pelo contrário, as considerações, agora feitas, as quais denomino finais poderiam ser designadas de iniciais. Isso se deve ao seguinte fato: o que foi observado no cotidiano das praticantes de um time de futsal da cidade de Porto Alegre trouxe tão rico material que o presente estudo não conseguiu abranger questões relevantes e inéditas que ficaram sem a justificada atenção. Por isso, nessa finalização, vejo que ficaram mais questões a serem analisadas do que constatações.

REFERENCIAIS

- ALMEIDA, Lélia. As amigas em *Nubosidad variable* de Carmen Martín Gaité. In: *Espéculo. Revista de estudios literarios*. Universidad Complutense de Madrid, 2003.
- BALDINI, Massimo (org.). *Amizade & Filósofos*. Bauru, SP: Editora EDUSC, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 3ª edição, São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- BERTHELOT, Jean Michel. *Sociologia, história e epistemologia*. Ijuí: Editora. Unijuí, 2005.
- BETTI, Mauro. *Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo*. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: ZOUK, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 3ª edição, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. É possível um ato desinteressado? In: BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papyrus, 1996, p. 137 – 156.
- BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 207 – 220.
- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 136 - 153.
- BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BROHM, Jean-Marie. *Sociologia política del deporte*. Partizans – deporte, cultura y represión. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1978, p. 13 – 31.
- CAMPELLO, Eliane Terezinha do A. Como escrever um *American Quilt*. In: REIS, Livia de Freitas; VIANNA, Lucia Helena; PORTO, Maria Bernadette (Organizadoras). *Mulher e literatura: trabalhos apresentados no VII Seminário Nacional*. Niterói, RJ: EdUFF, 1999.
- CARDOSO, Ruth C. L. Aventuras de antropólogos em campo ou como espaçar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth C. L. (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 95 – 105.

COSTA, Leda Maria. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. In: *Esporte e Sociedade*, Ano 2, número 4, Nov2006/Fev2007. Site <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/> Acessado em 17/03/2006.

DAMO, Arlei Sander. A rua e o futebol. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando; e SILVEIRA, Raquel da. *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 51 – 70.

DAMO, Arlei Sander. O *ethos* capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis e GUEDES, Simoni Lahud (organizadores). *Nações em Campo: Copa do mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, p. 39 – 72.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter antropológico blues. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.) *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, p. 23 – 35.

DAÓLIO, Jocimar. A superstição no futebol brasileiro. In: DAÓLIO, Jocimar (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, p. 3 – 19.

DORNELLES, Priscila Gomes. *O futebol feminino de várzea: uma análise cultural*. Monografia da Especialização Pedagogias do Corpo e da Saúde - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

DORNELLES, P.G.; MEIRELLES, Ana Carolina Pinheiro. O futebol feminino na mídia escrita. In: *XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte*, 2005, Porto Alegre. Anais, 2005.

DORNELLES, P.G.; MOLINA NETO, Vicente. O Ensino do Futebol na Escola: a perspectiva das estudantes com experiências positivas nas aulas de Educação Física em turmas de 5a. à 7a. séries. In: Elenor Kunz. (Org.). *Didática da Educação Física 3: futebol*. Ijuí: Unijuí, 2005, 2ª edição, p. 89-132.

DUARTE, Rosália. *Mídia e identidade feminina: mudanças na imagem da mulher no audiovisual brasileiro da última década*. Site < <http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/542-of8a-st1.pdf> >, 2003.

DUNNING, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, Nobert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial, Lda, 1992a, p. 389 – 412.

DUNNING, Eric. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, Nobert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial, Lda, 1992b, p. 299 – 325.

ELIAS, Nobert. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, Nobert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial, Lda, 1992, p. 223 – 256.

ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. O lazer no espectro do tempo livre. In: ELIAS, Nobert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial, Lda, 1992, p. 139 – 184.

FERREIRA, Marcelo Costa. Associativismo e contato político nas regiões metropolitanas do Brasil: 1988-1996. Revisitando o problema da participação. In: *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 14, n. 41, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 17ª edição, 2006a.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 11ª edição, 2006b.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. In: *Revista brasileira de História*. São Paulo, v. 25, n° 50, 2005, p. 315 – 328.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 8ª edição, 2006.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, Koogan, 1989.

GOELLNER, Silvana Vilodre. As práticas corporais e esportivas e a produção de corpos generificados. In: SOARES, Guiomar Freitas, SILVA, Méri Rosane Santos e RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org). *Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais*. Rio Grande: Editora da FURG, 2006, p. 35 – 41.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. In: *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, 2005a, p. 143-151.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem histórias. In: *Pensar a prática*. Vol. 8, nº 1, Jan/Jun 2005b, p. 85 – 100.

GOELLNER, Silvana Vilodre. O esporte e a espetacularização dos corpos femininos. In: *Labrys estudos feministas*. Número 4, agosto/dezembro de 2003. <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/silvana1.htm>>

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Sociabilidades e práticas corporais: leitura de uma relação. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando; e SILVEIRA, Raquel da. *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 13 - 30.

GUEDES, Simoni Lahud. De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: GASTALDO, Édison Luis e GUEDES, Simoni Lahud (organizadores). *Nações em Campo: Copa do mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, p.127 – 146.

GUTTMANN, Allen. *From Ritual to Record – the nature of modern sports*. New York: Columbia University Press, 1978.

<http://esportes.terra.com.br/futebol/mundialfeminino2007/interna/0,,OI1955906-EI10296,00.html>: “Após Mundial, jogadoras pedem clareza da CBF”, acessado em 11/10/2007.

http://www2.uol.com.br/cbf/sitenoticias/_735021172007927.html: “CBF promove Copa do Brasil de Futebol Feminino”, acessado em 11/10/2007.

KERSTENETZKY, Celia Lessa. Sobre associativismo, desigualdades e democracia. In: *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 18, n. 53, 2003.

KOLONTAI, Alexandra. *A nova mulher e a moral sexual*. São Paulo: Editora Expressão Popular LTDA, 3º reimpressão, 2007.

LABRA, Maria Eliana; FIGUEIREDO, Jorge St. Aubyn de. Associativismo, participação e cultura cívica: O potencial dos conselhos de saúde. In: *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, 2002.

LAHIRE, Bernard. *Homem plural: os determinantes da ação*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

LAVINAS, Tiago. Jogadoras brasileiras pedem apoio na premiação do Mundial Feminino. <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Campeonatos/>, acessado em 11/10/2007.

LORET, Alain. *Génération glisse: dans l'eau, l'air, la neige... la révolution du sport des « années fun »*. Paris: 1996, Autrement.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 8º edição, 1997.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos no arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Copyright Abril S. A. Cultural e Industrial, 2º edição, 1976.

MARIVOET, Salomé. *Aspectos sociológicos do desporto*. Lisboa: Livros Horizontes, 1998.

MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A. 4ª edição, 2003.

MEINERZ, Nádia Elisa. Entre mulheres: estudo etnográfico sobre a constituição da parceria homoerótica feminina em segmentos médios na cidade de Porto Alegre – RS. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia social, Porto Alegre, 2005.

MENNESSON, Christine. *Être une femme dans le monde des hommes: socialisation sportive et construction du genre*. France : L'Harmattan, 2005.

MENNESSON, Christine. Les processus de construction et de modification des dispositions sexuées des femmes investies dans un sport dit « masculin ». In : Societe de Sociologie du Sport de Langue Française. *Dispositions et pratiques sportives : débats actuels en sociologie du sport*. France: L'Hamattan, 2004, p. 37 – 53.

MENNESSON, Christine and CLÉMENT, Jean-Paul. Homosociability and homosexuality: the case of soccer played by women. In: *International Review for the Sociology of Sport* 38/3(2003), p. 311–330.

MEYER, Dagmar Estemann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (organizadoras). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2º edição, 2005.

MEYER, Dagmar Estemann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. In: *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília (DF), 2004, jan/fev; 57 (1), p. 13 – 8.

MONTANDON, Priscila. “Ela jogaria no seu time?” In: *Zero Hora*, 28 de setembro de 2007, p. 71.

MOURA, E. L. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, J. (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 131-147.

MOURÃO, Ludimila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* – vol. 26 – nº2 – Campinas, janeiro 2005, p. 73 – 86.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis (SC), 2000; 8(2): 9-42.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: _____ *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998, p. 17 - 35.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e Estética da Existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal LTDA., 1999.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2000.

ORTEGA, Francisco *Genealogias da Amizade*. São Paulo: Editora Iluminuras LTDA., 2002.

PEIRANO, Mariza. A análise antropológica de rituais. In: PEIRANO, Mariza (org.). *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2001, p. 17 – 40.

PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. In: _____, *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995, p. 31 – 57.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PFISTER, Gertrud. Líderes femininas em organizações esportivas – tendências mundiais. In: *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. 09, n. 2, p. 11 – 35, maio/agosto de 2003.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaço Privado. In: PROST, Antoine; VICENT, Gerard. *História da vida privada: da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 9º reimpressão, 2006, p. 13 - 154.

RUBIO, Kátia e SIMÕES, Antonio Carlos. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. In: *Revista Movimento – Ano V – nº 11, 1999/2*, p. 50 – 56.

RIGAUER, Bero. *Sport and work*. Ney York: Columbia University Press, 1981.

RIGO, Luiz Carlos. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. In: *Revista Pensar a Prática*. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física – Vol. 10, n. 1, jan/jun. 2007, p. 83 - 98.

SAOUTER, Anne. A mãe e a prostituta: os homens, as mulheres e o rugby. In: *Revista Movimento – vol. 9 – nº 2 – mai/ago 2003*, p. 37 – 52.

SILVEIRA, Raquel. Copa do mundo de 2006: o que *elas* escreveram na Folha de São Paulo. In: *Pensar a Prática* – vol. 10 – n° 1 – jan/jun 2007, Goiânia, p. 133 – 152.

SILVEIRA, Raquel. *Atividades de Lazer e envelhecimento: estudo etnográfico na Sociedade Esportiva Recanto da Alegria – SOERAL*. Monografia de conclusão do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. Organizador (da coletânea) Evaristo de Moraes Filho, São Paulo: Ática, 1983.

SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. O futebol é fogo de palha: a “profecia” de Graciliano Ramos. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo (organizadores). *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, p. 123 – 133.

SOARES, Antônio Jorge G. *Futebol, malandragem e identidade*. Vitória: SPDC/UFES, 1994.

STIGGER, Marco Paulo. Estudos etnográficos sobre esporte e lazer: pressupostos teórico-metodológicos e pesquisa de campo. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando; e SILVEIRA, Raquel da. *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 31 – 50.

STIGGER, Marco Paulo. *Educação Física, esporte e diversidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

STIGGER, Marco Paulo. *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

STIGGER, Marco Paulo, Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. In: *Revista Movimento*, ano IV; n° 7; 1997, 2, p. 52 – 66.

THOMASSIM, Luís Eduardo. Imagens das crianças da periferia em projetos sociais esportivos. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando; e SILVEIRA, Raquel da. *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 97 – 115.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

TOURAINÉ, Alain. *O mundo das mulheres*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: CARDOSO, Ruth C. L. (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 107 – 123.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WALVIN, James. The Public Schools and football. In: WALVIN, James. *The people's game: the history of football resisited*. Edinburg: Mainstream Publishing, 1994.

WENETZ, Ileana. *Gênero e sexualidade nas brincadeiras do recreio*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Movimento Humano – ESEF, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: WINKIN, Yves *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus Editora, 1998, p. 129 – 145.

APÊNDICES

1.1 ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE O ESPORTE

CARACTERÍSTICA DA ENTREVISTA: SEMI-ESTRUTURADA

Dados gerais

- Idade:
- emprego:
- onde trabalha
- o que faz?
- estudo:
- onde?
- o que estuda?
- onde mora?
- com quem mora?
- estado civil?
- qual a sua relação com a família?
-

Sobre lazer... organização do tempo

- o que faz no tempo de lazer?
 - com quem faz?
 - onde faz?
- quando faz?

Sobre práticas corporais, esporte, etc...

- que práticas corporais pratica?
 - com quem?
 - onde?
 - quando?
 - desde quando?
 - como começou?

Socialização no futsal

- como iniciou a jogar futebol?
 - com quem (amigos, colegas, irmãos, primos)?
 - onde (na escola, na rua)?
 - quando?
 - tinha outras meninas jogando?
 - como a família se posicionava quanto essa prática?
- porque o futsal e não outro esporte?
- quando iniciou a jogar de forma mais sistemática?
 - com quem (amigos, colegas, irmãos, primos)?
 - Onde?
 - por quê?
- quando começou a competir?
 - com quem?
 - onde?
 - por quê?
- onde você insere o futsal na sua vida? Importância? (tu queres saber sobre os investimentos para praticar...)
- desde quando ele teve esta importância (esteve neste “lugar”)? Sempre “investiste tanto?
- qual o aspecto mais positivo nesse processo da prática do futsal?
- qual o aspecto mais negativo nesse processo da prática do futsal?
- Houve algum episódio ou pessoa importante nesse período da sua prática? Por quê? Qual foi?
- parou de praticar futsal em algum momento?

O Time em particular

- Porque a escolha desse Time?
- onde joga? Mais algum lugar além do Time?
- com quem joga?
- quando joga?
- porque com essas pessoas e nesses lugares?

- como são os ambientes/clima desses grupos?
- o que você mais gosta do jogo?
- o que menos gosta?
- com quem (que tipo de pessoa? O que esperas de um parceiro de jogo?)
gosta de jogar? Tem alguma preferência?
- auto avaliação do nível técnico (joga bem? Mais ou menos,...). Por quê?
- quais suas características no jogo?
- quem você se considera uma boa jogadora. Por quê?
- As competições são importantes para você? Por quê?
- você poderia me falar algumas diferenças entre as competições e os treinos?
 - e algumas diferenças entre as competições que você já participou?
 - Há algum time adversário forte que vocês encontram em mais de uma competição?
 - Há um adversário que você não gosta de jogar? Por quê?
- Que elementos, aspectos, sentimentos são importantes para você se sentir pertencente ao Time?
 - o que você considera importante para uma “boa companheira” de time?
 - o que se espera de uma má companheira de equipe? Quais são as características, etc...
- Tens “atividades sociais” (do grupo) fora do jogo?
 - como a sua família, seus amigos, conhecidos e desconhecidos, companheiro(a) *olham* essa sua prática de futsal?
 - Como você se posiciona em frente a esse *olhar*?

1.2. ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE HOMOSSEXUALIDADE

CARACTERÍSTICA DA ENTREVISTA: ABERTA

No universo do futsal feminino é perceptível uma pluralidade de modos de viver a sexualidade. Dentre esses modos há a homossexualidade feminina. Fale-me um pouco sobre como tu percebes essa pluralidade de modos de viver a sexualidade no futsal feminino? Você vê alguns motivos para isso? Você acha que acontecem em outros esportes praticados por mulheres? Se não, porque no futsal? Quando você iniciou a jogar, você sabia dessa pluralidade de modos de viver a sexualidade? Se não, quando e como soube? Se sim, você já tinha sua opção sexual? Nesse tempo de prática sua opção sexual teve modificações? A proposta é a gente conversar sobre a questão da homossexualidade.

1.3. ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE AMIZADE

CARACTERÍSTICA DA ENTREVISTA: SEMI-ESTRUTURADA

Você tem amigas? E amigos? No Time?

Quantos? Porque esse n°?

Onde conheceu ele? Ela?

Quanto tempo é amigo dele (a)?

Quantas vezes você se encontram na semana?

Teve momentos de mais encontros?

Porque parou, ou diminuíram os encontros?

Houve algum desentendimento? Por quê? Quando?

Vocês são parecidos ou diferentes? Em que?

O que vocês fazem juntos?

Tem algo que você faz só com esse amigo?

Aprendeu alguma coisa com ele? Ensinou algo para ele?

O que você nunca mais se esquece dessa amizade?

O que faz você considerar ele(a) um(a) amigo(a)?

Conte-me situações marcantes nesta relação de amizades? Por quê?

1.4. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Porto Alegre, ____ de _____ de 200__.

Você está sendo convidada (o) a participar de um estudo sobre *O associativismo esportivo de mulheres praticantes de futsal da cidade de Porto Alegre*.

Dessa forma, peço que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir, com a sua assinatura, sua participação neste estudo. Você receberá uma cópia deste Termo, para que possa questionar eventuais dúvidas que venham a surgir, a qualquer momento, se assim o desejar.

Objetivos do Estudo:

1) compreender o associativismo esportivo de mulheres que praticam um esporte socialmente considerado masculino.

2) entender o que permite considerar a afirmativa significativa no Brasil: futebol e seus derivados são esportes socialmente considerados masculinos.

3) quais as relações (ou não) da sexualidade com a prática do futsal.

4) compreender as relações de amizades presentes no associativismo esportivo de mulheres.

5) Publicar resultados da pesquisa em revistas e congressos relacionados com as áreas de conhecimento da Educação Física.

Procedimentos:

Participar de uma ou mais entrevistas, previamente agendada, a ser realizada num local combinado. Esta entrevista será gravada, transcrita e devolvida para sua confirmação das informações coletadas.

Possibilitar a pesquisadora observar treinos, jogos oficiais e momentos extraquadra que fazem parte do cotidiano da equipe.

Riscos e Benefícios do Estudo:

1) Sua adesão como colaborador (a) com este estudo, não oferece nenhum risco à sua saúde, tão pouco a submeterá a situações constrangedoras.

2) Você receberá cópia da sua entrevista para validar, retirar ou modificar as informações, a seu critério, antes do texto ser transformado em fonte da pesquisa.

3) Este estudo poderá contribuir no entendimento científico dos problemas relacionados com a prática esportiva de mulheres, em especial, naqueles esportes socialmente considerados masculinos.

Confidencialidade:

Todas as informações coletadas, sob a responsabilidade da pesquisadora, preservarão a identidade dos sujeitos pesquisados e ficarão protegidas de utilização não autorizadas.

Voluntariedade:

A recusa da participante em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de coleta de informações, a qualquer momento, se assim for seu desejo.

Novas informações:

A qualquer momento os (as) participantes do estudo poderão requisitar informações esclarecedoras sobre o projeto de pesquisa e as contribuições prestadas, através de contato com a pesquisadora.

Contatos e Questões:

**Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
ESEF/UFRGS**

Raquel da Silveira

E-mail: raqkarate@hotmail.com

Fone: (51) 30223944 – 99781109

Pesquisado (a)

Raquel da Silveira
(Mestranda do PPGCMH da ESEF/UFRGS)

ANEXO

UM PRESENTE DE UMA *AMIGA*